

O SIGILO DO DISPARATE

SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

Poretic books, one has to admit, are not poetic, in that sense we acknowledged to lyric. They look much more like strange diaries without events, full of reflections and meditations proper to philosophical essays. Or like far-fetched narratives avoiding most of the time prose as we know it. Silva Carvalho is perhaps one of the most acute witnesses of that trait that today's technological media are imposing upon what we still call 'reality': namely, the trait of *virtualization*. The 'transcendence of the actual' is what defines the virtual: the here and now does not cease to be, but it becomes at one and the same time a *there and then*. That is, the realm of unity, totality and autonomy. To preserve the *here and now* Silva Carvalho proposes a word and a notion. The Portuguese word 'disparate' found in his short essay "Para Uma Estética da Estupidez." Rethinking it as a movement of resistance is what he aims: to refuse to fit in the norm, to resist assimilation.

Betty Donne

O SIGILO DO DISPARATE

SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

Autor: *Silva Carvalho*

Título: *O SIGILO DO DISPARATE*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: *Edições Aquário*

Autor: silvacarvalho@hotmail.com

Site: <https://www.silvacarvalho.com>

OBRAS PUBLICADAS

Poesia

(em português)

SUOR DO TÉDIO (1969) Edição do Autor
MEMÓRIA DO PRESENTE (1977) Brasília Editora
CANÇÕES (1978) Edição do Autor
ASSIM (1979) Brasília Editora
ESSAS VOZES (1983) Quatro Elementos Editores
ANTES O PARAÍSO (1985) Black Sun Editores
75 SONETOS (1985) Solcris Editora
AO ACASO (1986) Brasília Editora
SETEMBRO (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

DA ESTUPIDEZ (1988) Brasília Editora
ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA (1989) Brasília Editora
NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA (1990) Brasília Editora
EM QUESTÃO (1991) Brasília Editora
O PRESENTE, A PRESENÇA (1992) Brasília Editora

A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO (2003) Edições Aquário
CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL (2004) Edições Aquário
CYPRESS WALK (2007) Edições Aquário
SONETOS PORTUGUESES (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
4328 (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
ISLA VISTA (2015 – www.silvacarvalho.com)
A DOENÇA (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
ESCRavidÃO II (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
ESCRavidÃO I (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

(em francês)

LES TROIS AGES (1973) La Pensée Universelle

Porética

TRILOGIA PORÉTICA:

O PRINCÍPIO DO ECO (1993) Brasília Editora
TEORIA DA DISPONIBILIDADE (1994) Brasília Editora
CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES (1995) Brasília Editora

MAIS OU MENOS (1998) Black Sun Editores
NEW ENGLAND (2002) Edições Aquário
MEDIOCRIDADE (2003) Edições Aquário
AS ESTAÇÕES (2004) Edições Aquário
TETRALOGIA FÁTICA (2005) Edições Aquário
DÍPTICO MUSICAL (2005) Edições Aquário
ELAÇÕES DO PEJORATIVO (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
LOGO (2013 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
TALVEZ (2014 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
MUITOS ANOS DEPOIS (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

Romance

PALINGENESIA (1999) Fenda Edições
O ROMANCE CONTEMPORÂNEO (2000) Tertúlia Editora
QUE ESTUPIDEZ! (2003) Edições Aquário
O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO (2004) Edições Aquário

Ensaio

A LINGUAGEM PORÉTICA (1996) Brasília Editora

AO ZÉ-MANEL

Our highest insights must – and should – sound like stupidities, or possibly crimes, when they come without permission to people whose ears have no affinity for them and were not predestined for them.

NIETZSCHE

1.

«Surpreende-me», ouço-me dizer, «surpreende-me»,
e é pura provocação que dirijo a mim mesmo.
Por que haveria de fazê-lo? Cheguei a uma idade
em que as acrobacias mentais me indiferem,
trazer novos conceitos ao mundo já não
me diz nada, nem o nada que outrora me ciciava
pedidos de existência a todo o custo se manifesta
agora com a mesma intensidade e o mesmo fervor.
Quanto a emoções, esbatidas pelo envelhecimento
do corpo, passam por mim sem qualquer
necessidade de premente escrita: um vento
ou uma brisa, mãos macias medindo
possivelmente até que ponto ainda estou
vivo. Não poderei dizer que estou morto
porque me ouço ainda dizer: «Surpreende-me,
surpreende-me!», como se falasse para quem
de mim é tão distante como um qualquer outro.
As surpresas podem ser desagradáveis.
Quanto não sofri ao longo dos anos para irromper
em giros frásicos capazes de introduzirem
uma sintaxe atida a semânticas não só paradoxais
como perplexas pelo abandono de leis
que pareciam existir muito naturalmente?
Que ganhei com isso? Que ganhou, a humanidade,
com isso? Nada. Este nada não advém
da inexistência que deseja ser ser e fazer parte
do mundo, este nada é um deserto incapaz
de vida, é uma impossibilidade tal que ninguém
ousaria pensá-lo como nascimento ou renovo.
Quem pois de mim ou do impensável me vem
atormentar com incitações despropositadas,
quando o que mais ambiciono ou desejo agora
é viver em paz, sem tumultos da consciência
nem truculências da inteligência como da estupidez.
A verdade porém deve ser dita: A voz que me soa
inaudita reconhece-me e eu sou-a recentíssimo!

20/9/2005

2.

Surpreendido por ter interrompido um interregno
que durava há mais do que o tempo pudesse ser qualquer ideia
de tempo, vejo-me subitamente neste recomeço intransitivo
sem vislumbrar um horizonte ou uma paisagem,
ouvindo apenas palavras que se deixam soletrar
em automatismos de autonomias duvidosas,
como se ser já não fosse a mesma coisa,
e como se ser quem sou fosse definitivamente
uma quase incógnita na palingenesia da linguagem porética.
De nada me vale olhar para o outro lado. Em frente,
se bem me lembro, e se bem me repito, a frente,
esta, não sei porquê nem como, nodosa membrana
dos sentidos pressentidos mais como estranhos ecos
repercutindo-se infindavelmente de encontro em encontro,
de parede em parede, de palavra em palavra.
Não sei onde estou de tanto me ignorar.
Quem soltou esta asserção não fui eu, quem
se soltou neste fragmento de língua distende-se
como uma corda de um arco querendo arremessar
para bem longe este perto onde a respiração
respira uma experiência que não se reconhece.
Nenhum desastre, diria, nenhuma esperança, direi,
mas algo se passa no que passa, e não é só tempo,
tempo de vida, temporalidade, existência
comprovadamente histórica nos anais silentes
do anonimato. Algo desmente ou procura
desmentir a nostalgia que subitamente invade a luz
desta tarde tão suave em pleno mês de Setembro.
A terra precisa de algumas aliterações. O mundo
precisa talvez de uma medida. Os homens e as mulheres
que cresceram das crianças já não sabem que ser
do acaso que lhes deu a vida e a contingência e a morte:
como merecer uma estadia e uma felicidade?
Aqui não há respostas. Só há haver. Surpreso, quem
escreve limita-se a sentir o diapasão do mundo,
suas formas diversas e divergentes, suas controvérsias.

20/9/2005

3.

A luz eucrásica que cai de um sol ocasional colabora para a frágil eutimia que me abraça, todo eu siderado de luz até deixar de perceber onde começo e onde acabo. A indefinição é total. Mas é gostosa.

Perder-me assim neste amálgama de sensações, ao fundo e em frente e longe a serra também perdida numa tonalidade fluida de um verde que não sabe como permanecer verde de tal maneira é o desejo de se alçar em voo pelo azul do céu esbranquiçado. Nada tenho a ver com a natureza. E no entanto, esta luz perpetra em mim atavismos que pareciam irremeáveis, falas de sentidos tidos muitas vezes por incomensuráveis ou incapazes da natureza humana. Humano dos pés à cabeça sinto o sol no corpo como uma delícia rimando com a estafada carícia, é tão bom, de vez em quando, ser-se medíocre e poder-se ser lido como uma banalidade da ordem da gasta metáfora! Esgotado o gozo regressa-se ao sol, ei-lo, no azul quase indecente do céu, não me perguntem porquê, dizê-lo obrigar-me-ia a uma tirada mais ou menos filosófica sobre a importância dos símbolos, ao azul desejo-o apenas azul e adiáforo, coisa de que se fala como se nada fosse. O nada que é alguma coisa é caso mais bicudo. Não, minha eutimia, sempre frágil, exige-me a contenção, contento-me em descrever o que se passa à minha frente, esse vulto enorme e pedregoso, a serra de Sintra, envolta de luz, não de mistério, afinal já não somos mais crianças! Que sintaxe tão contundente! Abrasadora! Quisera ser o arauto da paz de espírito que me alaga nesta tarde onde o silêncio impera, mas há sempre algo que impede ou impedirá a sua completa fruição! A vida é muito complicada! Da morte só se fala por mera associação de ideias. A raciocinação porética nada mais é do que o que é: isto que se apresenta como oferta do presente em presença do desvelo da hora!

20/9/2005

Escrevo manhã simplesmente porque é manhã
e porque estou seguro da sua verdade, escrevo mais
um dia de vida na esperança de vir a sobrevivê-lo
como se fosse a coisa mais natural do mundo.
Do mundo não saberia o que dizer neste momento.

Da terra apenas posso afiançar que neste lugar
onde vivo um sol matutino procura destrinçar
entre o nevoeiro as formas da realidade circundante
para que a estranheza não advenha à consciência
como um dado querendo fazer-se adquirido.

Vozes de crianças no recreio da escola em frente
sobem no ar como manifestações de uma presença
que me é difícil de desvendar, que sei eu da juventude
de hoje, que soube eu da juventude de outrora
quando outrora eu tive toda a probabilidade de ser
jovem como os demais jovens da minha geração?

Não me quero lembrar. Recuso-me a recordar.

Meu coração não está no passado nem no futuro,
gostaria de dizer que está no presente, mas que presente
é este que se ausenta tão rapidamente, segundo
a segundo, numa sucessão de palavras e de gestos?

Compreendo aqueles que revigoram a memória
do passado, mas minha memória do presente dá-me
apenas esta periclitante oferta, o que advém
advindo, a passagem passando, a contingência
tocando-me na pele, nos olhos, nos ouvidos, sentidos
às vezes tão deprimidos pela experiência
tão pouco contemporânea do que sou neste mundo!

Penso que já o disse, às vezes penso que há
como que um desfasamento, uma descoincidência,
como se estivesse sempre alguns segundos,
alguns minutos, algumas horas, alguns anos,
alguns séculos à frente do que se passa à minha volta,
e este avanço excruciante dilacera-me ao ponto
de não me reconhecer como o ser humano que sou
ou muito naturalmente deveria ou desejaria ser.

Mas o silêncio fez-se, as crianças recolheram às suas salas de aula, o sol não deixa de bater extático no branco das superfícies de um dos pavilhões, uma tristeza impávida abate-se sobre mim como se ainda houvesse solidão. Há, apesar da minha denegação, ainda e sempre, alguma solidão por estas partes. Ver esses adolescentes e ouvir as suas vozes desencontradas é uma companhia anónima, para quê negá-lo? Resta-me agora permanecer aqui sem saber muito bem o que fazer, mesmo quando algo como um fragmento de língua assoma ou emerge trazendo consigo talvez uma dimensão inesperada da realidade desta manhã que se alonga de desejos.

Não, não me parece que nada de invulgar vá acontecer, a rotina é um dado certo, os dias são os dias, a tautologia é o que é, o que é nem sempre é um mistério, não cabe neste exemplo de escrita nenhuma metafísica, não cabe, infelizmente, nenhuma capacidade física à inspiração do momento para fazer explodir a percepção do real num conceito que fizesse história no pensamento ocidental.

Pobre do pensamento ocidental! Pobre da inspiração!

Mas a vida continua, nenhuma aporia a deixa encalhada no tumulto inulto de um pântano estarecido pelo ócio, as crianças desaparecidas não impedem que quem escreve escreva o que tem a dizer ou a não dizer, já que, já que, por vezes, nada há, verdadeiramente, para ser dito.

Há ainda tanto para viver! Por exemplo, as tarefas que hoje terão que ser cumpridas, compridos espaços de tempo perdidos ou ganhos em manifestações da actividade humana numa sociabilidade em tudo condizente, ressaltando o nada, com a civilização ainda, e mesmo assim, ocidental.

Não, não, algo falha no que agora falha. A solidão não se deixa iludir com idas e vindas, mesmo quando deseja deixar de ser um tópico literário como já o foi durante tantos séculos de especulação espelhada numa convenção que teima, apesar de tudo, até da crítica e da ironia, em sobreviver como dado essencial da humanidade.

Tarde em nada inaugural, antes inaugurada sem que tivesse dado pela sua intumescência, entretido na leitura de livros que farão de mim nada mais do que espessos pós do olvido em bibliotecas que possivelmente nem sequer existirão! Mas a gráfica espera as provas. E eu, incoativo, espero ser prova viva de que cumprio com as minhas obrigações, como corrigir o que de mal poderá ter vindo da passagem de um formato (o CD) para as futuras páginas de um livro que ninguém, a não ser eu, realmente, efectivamente, lerá.

Devo ficar triste pelo reconhecimento da verdade revelada? Já foi tempo. Agora simplesmente publico-me no afã de me tornar cada vez mais anónimo e privado, a contradição não é um paradoxo nem o paradoxo, neste caso, é uma figura de retórica. Agora alegro-me pelo inédito da situação, como se brincasse com a história, como se fosse eu próprio o propulsor da história, como se estivesse, por estar fora da história, num outro plano da dimensão humana, um plano planando quase como transcendência vertical na horizontalidade da consciência que me é dado auferir. Faço pois da rejeição dos contemporâneos conterrâneos uma maneira muito subtil de me conceber único na arrogância reivindicativa que conclamo, sinto-me quase miraculado e imune à mediocridade pátria, homem para todas as estações como para todos os conceitos de homem que possam irromper na escrita que debito dia após dia como se nada mais me coubesse que ser o ser! Sei que as ontologias andam muito por baixo, que o pensamento nunca governou estas plagas, que a sensibilidade capaz de emoção, da verdadeira, daquela que faz emergir o alcance à língua, não é apanágio desta gente que evolui à volta em rodeios de língua e de acções irrealizadas e irrealizáveis, mas que fazer? De quem a culpa? Terei que ser mimético? Inominado e inominável, inexistente, publico livros ilegíveis como quem não ignora que ao escrever está a ler, a ler o que se passa no que passa, no que pretende abrir uma passagem na aporia: esse nada amíntico e epulótico.

Admirado por não estar admirado, sorrio
 com uma complacência que me é de todo
 desconhecida, sorrio como se fosse sábio
 ou soubesse mais do que realmente sei. Nada
 sei. Claro que sei sair de casa e entrar em casa,
 ir e vir, dizer asneiras, opinar, deliberar, decidir, falar,
 ler e escrever, conduzir um automóvel, outras coisas,
 mas queria dizer, nada sei da vida. Nada sei do destino,
 nem sequer se há destino. Nem sequer se há ainda
 algures uma possibilidade de se escrever este *sequer*.
 Ou o giro frásico que utilizei. Ou mesmo a palavra
 destino. Tanta coisa aconteceu na minha vida
 que a vida parece ter deixado por isso mesmo
 de ter acontecido, já que a memória inútil não dá
 do que foi o que foi, apenas fímbrias de imagens
 que perpassam e esvoaçam num segundo
 onde o tempo dessignifica mais do que significa,
 isto é, e usando a língua em ávido auxílio,
 onde o tempo poderia ser um meio de revelação,
 uma possibilidade de apelo ou de fixação
 ou de imponderável recuperação, que é sempre,
 quer se queira quer não, nosso desejo inconfessável.
 Exausto com este *ã*o já não sei se devo continuar
 a sorrir, eu que sempre evitei as rimas contundentes,
 cansado das toadas que me fizeram ouvir outrora
 nas escolas de um atrasadismo ainda finissecular.
 O sorriso foi-se. Não estou surpreendido.
 Nem admirado. Admira-me que ainda deseje
 ficar por aqui, quando *aqui* é uma indeterminação
 terrível, ou uma diversidade de coisas, pois
 se trata de um texto que se escreve, de um local
 onde se está, e de um formato onde se alinhavam
 estas palavras que surdem como arranques
 de uma surda lava crepitando alalamente no arroubo
 de uma consciência atenta ao que, porisma,
 advém na admiração irónica de si mesmo.

8.

O disparate, dizer o que se ignora, esta hora
ainda sem história, intuída apenas como memória
de um presente que se apresenta aos sentidos
para ser vivido como a expressão expedita
de uma acção onde o movimento e a reflexão
imperam. O disparate, esta sintaxe saltando
de palavra em palavra como uma criança salta
de pedra em pedra quando quer atravessar um ribeiro
de águas tumultuosas e reboliças, com requebros
que fazem explodir no ar bolhas de uma semântica
que não está preparada para enfrentar o mundo.
O disparate, esta semântica titubeante e titilante
sentindo nas suas entranhas a estranheza
indelével de uma sensualidade que vai de lés
a lés até chegar ao rebordo sexual, confim
sem fim de uma oscilação tempestuosa, ousar
ir mais longe, fazer do longe o perto, do perto
o parto, do parto a partida, da partida a partitura
para a música onde urdiduras quase obscenas
encenam o que geralmente se esconde na *cora*.
O disparate, disparar em todos os sentidos
os sentidos anquilosados da língua desbaratada
em que as populações se parodiam uma história
perdida na ilusão do passado brilhante
ou mesmo glorioso, tumefactos traumatismos
que só engendram enganos nas gerações coevas,
para que dos estilhaços renasça a possibilidade
de um futuro limpo de apagadas e vis tristezas.
O disparate, pensar-se talvez que, com isto ou aquilo,
como, por exemplo, com a linguagem porética,
se poderá dar o exemplo de uma maneira
de se abrir uma passagem onde nada mais há
do que a desolação e a desesperança, ou onde só
há o antiquíssimo compromisso das frases feitas,
isto é, das vidas previstas no aviltamento
de uma pobreza incapaz de se reconhecer miséria.

22/9/2005

Tendo como pano de fundo, senão de mundo, a voz
de Maria Muldaur desfiando *blues* atrás de *blues*
com um denodo e uma expressividade que lhe desconhecia,
nada mais fácil que dizer da manhã esta luz ventosa
de um mês que nos traz uma nova estação.

Interdito, não sei porquê, foi como fiquei depois
de ter escrito e de ter pensado o que escrevi e pensei.
Ignoro as razões, sem dúvidas obscuras, que presidem
a tal estado, mas às vezes certos pensamentos
suscitam estas perplexidades do comportamento humano,
talvez porque nada de novo tivesse sido dito
no que foi dito, e como se isso fosse ainda um crime
para quem já não acredita que a língua possa mudar o mundo.

Estou mudo de espanto! Queria só falar da emoção
que é ouvir a voz da Maria Muldaur neste seu CD
Richland Woman Blues, e da coincidência factual
com a luz da manhã, com o azul inexpressivo do céu!

Que estou a sentir? Pergunta embaraçosa. Evitável.
Sinto, muito estupidamente, que sou um pano de frente
ou de primeiro plano ou de superfície, olhos
e ouvidos e dedos, olhos para ver o écran branco
como uma fosforescência iluminada de sinais negros,
ouvidos para ouvir a música que balança triste
como uma *slide guitar* deslizando ao lado do piano
em tudo pretendendo a sorte e o sigilo da redenção,
dedos para pressionarem as teclas deste instrumento
onde busco a cura para os dias que perpassam
como desvelos incapazes de um desvelamento outro:
ser, apesar de tudo o que disseram e escreveram
ao longo dos séculos, continua um mistério, e ser-se
vivo, na pele do ser humano que se é, é um problema
deveras profundo para ser analisado aqui. Aqui
continuam os *blues* a pontuarem a manhã de minutos
de um estranho prazer, haver vida no que há,
mas a formulação deixa muito a desejar. Deseja-se
só que alguma música tenha também por aqui perpassado!

A serra nada mais é do que um nevoeiro espesso acinzentado, um horizonte infeliz de nada, superfície ou tela onde apetece projectar quem se é para se poder ficar com uma melhor ideia, ou uma mais nítida noção, do que se exprime quando a língua de todos os dias e de todas as horas utiliza giros frásicos do tipo:

«do que se é neste período ou nesta época da vida».

Por mais difícil que o ser seja em mim, ou que seja ser de mim a mim, não sou nem de longe nem de perto, nem analogicamente, um nevoeiro, sou um homem incapaz de dizer o que sente, ou, talvez, de sentir o que diz quando, em papéis como este, escreve certas palavras oriundas de um impulso que alguns chamam consciência e outros as desejam, a essas palavras, vindas do fundo quase mítico de um inconsciente mais ou menos pressuposto ou mesmo francamente putativo.

Não discuto teorias. Não me discuto. Escuto apenas atentamente o que não vejo nem poderia ver, esse eco dessa espessura esbranquiçada que acaricia a serra e que parece querer rivalizar tenazmente com o écran onde escrevo, esse nada concutindo de mim inesperados eus que me alcançam e atingem como possibilidades de um voraz presente que se ausenta imediatamente quer no passado advindo quer no futuro adveniente, passagem tão iminente que não há tempo para o tempo deixar o alguém de mim sentir, pensar ou mesmo reflectir.

Assim estou diante da janela real, nesta manhã real, sentindo-me real apesar do nevoeiro e da falta de sol.

Nada me falta para ser homem, sou, sem dúvida, um homem, mas a dúvida não recai no facto de ser ou não ser um homem, a dúvida permanece quando a pergunta se levanta: que homem sou hoje? Que homem fui ontem? Que eu sou eu? Incapaz de sentir ou de pensar uma resposta respondo inadiável pelo olhar que lanço ao nevoeiro sobre a serra, sabendo que não há resposta na parte que me faço do eco que devolvo à própria terra!

Como se, como se os mortos, alguns mortos,
quisessem começar a respirar por intermédio
destas palavras que vivifico com alguma dificuldade.

Como se não houvesse mais em mim uma força
ou uma vontade de afirmação, mas antes o desejo
de acolher os que procuram regressar ao tempo,
esse mistério e essa dança dos sentidos dispersos.

Apofrades, o regresso dos mortos a quem roubámos
o fogo de um exemplo e de uma bitola, ei-los
que chegam a pedir um lugar onde deveria haver
uma alma, ei-los que desejam tomar a palavra, serei
capaz de recebê-los, de estar à altura de tal tarefa?

Sem sucumbir? Esse é que é o problema. Agora.
Direi apenas: que venham os que tiverem que vir,
seus lugares intactos e comovidamente limpos,
o poder não me interessa, há muito deixei a contenda
poética para me preocupar com batalhas ou lutas,
os passos do meu caminho são, paradoxalmente,
irremeáveis, só a mim mesmo regressarei fantasma
de experiências sempre renovadas até que a morte
venha definitivamente pôr um ponto final ao fim
de uma vida e de uma obra inextricável dela.

Como se, na realidade, fosse já morta esta vida
que vivo todos os dias, não porque a doença seja
incurável, não porque o nojo de viver tenha alcançado
o incomensurável, mas porque agora viver já não é
só respirar um dia a dia, estação após estação,
e ano após ano, agora viver adquire a dimensão
quase sagrada de um bem como nunca foi suspeito
ou sequer imaginado quando a idade não tinha
atingido este ponto da história pessoal. Viver-se
é morrer-se. Aceitando-se ou não a morte, a morte
deseja-nos vivos até nos tomar na sua cruel frialdade:
que venham pois os mortos, queridos e amigos,
fazerem-me companhia agora que as palavras
finalmente deixam de ser minhas para ser dos outros.

Buddy Guy no seu último CD, *bring 'em in*, acabado de sair e devidamente pirateado, ou a era não fosse o que é (o significado da asserção uma incógnita), traz alguns amigos para também ele piratear (mesmo que pague os direitos de autor aos devidos autores!) alguns dos *blues* que irromperam no século vinte com a felicidade de suscitarem momentos epifânicos. Sei que alguns dos meus amigos vão torcer os narizes diante do despropósito deste adjectivo, que fazer? Paciência. Há palavras que persistem em sobreviver, há sentidos que resistem às mudanças do tempo, há mudanças que na realidade não são mudanças! Ouço-o a Buddy Guy que toca e canta com seus amigos e amigas e sinto uma pena enorme por estar aqui, sozinho, neste quarto virado para o imenso sul azul de um céu não sei porquê imperdoável, quando talvez imperdoável seja o facto de estar aqui sozinho! Onde estão os meus amigos e as minhas amigas? Sem dúvida vivendo suas vidas rotineiras como eu, trabalhos disto e daquilo, tempo perdido ou achado, nunca se sabe, tempo que passa mas nem sequer no fogo de uma qualquer paixão como é esta canção que agora ouço e me faz vibrar até sentir em mim quem nunca fui nem possivelmente nunca poderei ser. A música, e sobretudo o *blues*, abre-me numa dor prazenteira, ardor ontológico onde me descubro, talvez estupidamente, doação e abandono, presença, passagem onde o tempo deixa de significar qualquer tipo de medida para surdir urdidura de uma aventura sem começo nem fim, inevitável eternidade! Agora é que alguns amigos não me vão perdoar! Ter esta recaída! Ter sucumbido a ideologias mais do que passadas, tresandando a mofo, perdidas na escória da memória que a civilização preserva nas suas malfadadas entranhas. Estranho, sinto-me bem! Talvez seja da música, talvez seja da idade!

Um sol magnífico, se bem que tardio, entra-me no quarto onde faço de conta que trabalho. A alegria quase endêmica saltita no meu peito obtuso como se não houvesse Inverno depois de um Outono, como se a temperatura ficasse sempre por estes agradáveis vinte e três graus. Preparo um volume há muito escrito, em Santa Barbara, U.S.A., quando lá vivi nos anos oitenta, intitulado *California*, na realidade junção de três livros: *O Enigma da Identidade*, *Na Pele Certos Sinais* e *4328*. Como na altura ainda não usava o computador vejo-me agora obrigado a passar essas páginas dactilografadas para o formato contemporâneo: devo dizer: uma chatice! Mas como o sol bate sobre esses poemas datados, pois então eu ainda escrevia poemas, estamos em oitenta e cinco e a linguagem porética e o poreticismo ocorrem em noventa, se a memória não me falha, e já em Portugal, como o sol bate sobre essas folhas, dizia, é-me mais fácil percorrer todo o sofrimento contido nas palavras que um homem, que fui eu, escreveu pensando que seus dias estavam contados e a morte próxima. Os dias, verdade seja dita, estão sempre contados, e a morte, para quem deseja tanto viver, é sempre prematura. Mas, o que mais ressalta nesses papéis, até fazer doer, é o medo que se desprende dessas palavras e desses textos, um medo que hoje me é incompreensível, ou só compreensível na loucura e na textura de uma doença não diagnosticada. Devo confessá-lo: não me reconheço no que me conheço de um mim como personalidade ou mesmo pessoa. Não que não tenha sido quem fui, mas não sou quem tenho sido ao longo da minha já longa vida. Ou, o que será talvez um outro problema, não quero nem desejo ser! Houve pensamento no que acabei de proferir? Houve qualquer verdade ou acordo com o que aconteceu? Ignoro. Não ignoro quanto me custa ler esses poemas infelizes desses livros solitários e distantes, e quanto me custa descobrir a distância que existe em mim como um dado quase existencial da minha experiência do mundo!

A excitação que é, mesmo assim, quando se chega perto
da língua sem se saber muito bem o que vai acontecer
na relação que se estabelece através da escrita
com os seus meandros e as suas deiscências hiulcas.
Chega-me à consciência num voo quase apoplético
o terreiro da quinta com os seus vasos habitados
de roseiras, estou, manhã cedo de um qualquer sábado
ou domingo, examinando essas exfoliações que nem sempre
são cor de rosa, essas pétalas percorridas por cores
onde apetece deixar o olhar por longos minutos,
como se a carícia ainda fosse possível nos dias
de hoje e num mundo explodido em ávida violência.
Não saber nada de uma paleta nem de cores para poder
agora dizer o meu encanto e a minha surpresa
perante certos tons de uns vermelhos escarlates
onde não há sinónimos mas apenas nuances mínimas
marcando a diferença como se a alegria estivesse
não só em quem perscruta, como também na própria
coisa. A realidade tem uma vida, senão anímica
ou psicológica, pelo menos que irrompe em falas faúlhas,
reverberações de exalações, materialidade cósmica
onde a natureza é naturalmente parte da existência
que compartilha com a humanidade a sua natureza.
Sinto que estou a disparatar. Não me importo.
Basta-me sentir a luz do sol soletrando as cores
das rosas que se levantam no rocio da manhã outonal,
basta-me a tentação de querer cheirar essas pétalas
pudibundas e sedosas numa inclinação do meu corpo
que se abeira amoroso e fatal: mas não há odor,
meu olfacto fica aflito como se apanhado desprevenido
num íntimo conflito da consciência, que beleza é assim
tão fria ou inodora que não deixa traço ou rasto,
que não pervaga pelo espaço em aromas ou eflúvios?
Terei o direito de ficar desiludido? De não mais
ver essas cores que fulgem como um engano mítico?
Não. Aceitar o como é do que é sempre foi natural!

Não vou ficar aparvalhado diante da luminosidade da manhã como tantas vezes aconteceu em começos de poemas e depois de porismas, mas é um facto que hoje a serra que daqui (um lugar desmistificado) se divisa está translúcida como uma clarividência própria de um pensamento que não ousa ter dúvidas!

São esses verdes nítidos de frondes avolumadas em perspectivas de espaços ou de direcções avulsas, é o palácio, encimando com suas cores obtusas e abstrusas uma pedregosa natureza, na tentativa de criar um pico que eleve a montanha mais alguns escassos metros acima do nível do oceano atlântico.

Que não vejo. Vejo, ou melhor, sinto, ou melhor, percebo a luminosidade da manhã, mas não extrapolo como o fez Platão ou mesmo, mais recentemente, Heidegger, quando trataram do problema do ser. Nem vou introduzir nenhum discurso sobre o bem ou sobre a verdade, o que, convenhamos, até que me ficaria bem! Vou só referir este céu azul sem mais nada, um azul tão azul que me seria de todo impossível defini-lo, onde nenhuma nuvem existe ou perpassa ou pervaga, o que não é uma razão para querê-lo, como outrora, imaculado, quando os poetas viam nesse adjectivo uma possibilidade de analogia!

O tempo mudou. A história do ocidente mudou. A vida dos homens e das mulheres e das crianças que vivem no ocidente mudou. Há ainda quem não dê por isso, mas o anacronismo, que eu saiba, não é só uma palavra. Nem o atrasadismo intelectual. Sentir ou pressentir o que já é ou o que está sempre advindo não é uma tarefa fácil. Às vezes fica-se com a impressão desoladora de que a percepção das coisas que irrompem ou emergem se parece mais com o disparate, é preciso um pouco de coragem para aceitar o inaudito e o imprezível e o imprevisto, às vezes não é nada fácil conceder realidade ao real!

Mas não posso impedir-me de revelar quanto é bom estar a ouvir Mark Lanegan enquanto a manhã desliza como uma realidade, enquanto escrevo que vejo pela janela escancarada o que se passa nesta parte da terra e é também mundo. Há vozes que não precisam de palavras. Sei que é uma estupidez a afirmação, mas há vozes que transformam qualquer dizer, por mais banal que seja, num facto ontológico, como se, como se, e a interdição surpreende-me, não ser capaz de exprimir a ideia, talvez porque não haja aqui uma ideia, mas só um esboço de pensamento, ou até, menos do que isso, mais do que isso, do processo de pensar. Aporia. Não fiquei triste. Se dissesse que era a alegria o que agora me banha, seria só para rimar. Não vou cair na armadilha. Caí. Tentar a linguagem tem destas contradições e destas perplexidades, vou desistir? Nem pensar! Outro deslize. As partidas que a língua nos prega! Agonia, esta luta constante, esta atenção periclitante, até que chega um momento e surde o abandono e então *tudo é permitido*, nada tendo que ver, esta asserção, com a existência ou não de Deus. O século dezanove há muito deixado de ser eslavo. Hoje é o globo que comanda o ser da consciência, ou a consciência do ser, se fizer algum sentido sentir assim os problemas que grassam pelo mundo coevo.

A voz continua de canção em canção a desfibrar franjas ou fímbrias do imponderável, sei que agora a abstracção quer tomar conta do discurso, não vou permiti-lo. Há uma guitarra acústica acusticando ecos de ecos, como sair daqui? Sinto que me afundo, quem me dá uma mão e me puxa à superfície clara da clarividência? Estou sozinho! A música é, tem sido, uma companhia, mas que liberdade me alcança para que eu alcance uma exposição dos factos onde a realidade possa ser vivida como mais um facto da experiência quotidiana de um verdadeiro ser humano?

Há momentos, quando se conduz um automóvel
 entre um campo e um bairro suburbano,
 sob a incidência outonal de um pôr-do-sol
 acmástico, em que uma pessoa sente o destino
 na figura de uma imagem que passa,
 seja um enquadramento da realidade
 paisagística, seja a visão de outro ser humano
 indo de encontro ao enigmático sentido
 do desconhecido ou do provável futuro.
 A sensação não é só de estranheza, ou não é
 absolutamente nada estranha, é como se
 um apaziguamento fosse possível onde outrora
 só houve sofrimento e conflitos, de uma paz
 incompreensível, que não nos pertence,
 vinda de um mundo desprovido de fundo
 ou de espessura temporal ou histórica.
 Não é bem um reconhecimento, mas o que é
 vem ter connosco com a naturalidade
 de uma natureza inadmissível, é quase
 uma magia, uma entrada de quem se ignora
 em quem se é, de um outro, ser ou coisa,
 na matéria de que somos feitos,
 um corpo, uma consciência, um nada.
 Houve esse momento no domingo passado
 e passou no tempo tendo ficado dentro
 de mim como um mim forasteiro
 que ousou ser língua nesta tentativa
 de explicação do sucedido, do acontecido.
 A vida é uma experiência muito estranha.
 A língua é uma materialidade muito imprevisível.
 Entre a vida e a língua às vezes estabelece-se
 uma relação ou uma sintonia, atracção
 e traição, rasto do que fica da passagem
 do tempo, esse inulto enigma que não faz
 perguntas. E no entanto, ou por isso mesmo,
 são tantas as tentativas de resposta!

Há um Verão que persiste, teimosamente anímico
ou aleivosamente personificado, em não dar lugar
ao Outono, como se, por estas bandas, o tempo
atmosférico procurasse imitar o jeito dos políticos.

Sei que é um acaso, mas até apetece estabelecer
a analogia, eu que habitualmente não sou absolutamente
nada, mas mesmo nada, de analogias. É bem verdade,
a vida arma-as! Não que deteste o calor do sol,
não que não seja sensível à beleza de um *indian
summer* quando ele tiver que chegar, todo eu sou sol,
todo eu tenho sido sol, sol, sol, mas o que me preocupa
neste momento são as minhas árvores de fruta e de sombra,
tendo já assistido a algumas perdas com uma comoção,
sonora e húmida, que pensava não me ser possível
para tais apêndices ou ramificações da natureza.
Eu que já escrevi sobre a chuva de Setembro caindo
na superfície transparente e límpida das águas
da piscina, dizendo dessas milhares de enciclias
expandindo-se e entrechocando-se num jogo aquático
em que o olhar se perde na suspensão do tempo
pelo movimento parecer só espaço percorrido de moto
próprio, desejava sentir novamente o cheiro da água
da chuva a chafurdar na secura da terra, de me ver
molhado numa simetria de sensações confusas,
os sentidos envolvidos nessa quase sexualidade
como quando, sendo-se criança, se junta água à terra
para se fazer figuras de um barro perecível mas que dura
o tempo de uma brincadeira ou de um enleio juvenil.

Toda esta terra berra por água, todo eu anseio,
num dia após dia cronometrado, por água, esse líquido
capaz de fazer rejuvenescer minhas árvores famélicas
e precocemente envelhecidas. Envelhecido, lá vou
regando-as parcimoniosamente junto aos seus troncos
abstrusos, formando pequenos lagos num deserto sáfaro.

Como afastar o Verão do Outono? Que política
capaz de resolver os problemas na ausência da chuva?

Uma tarde quase finda e um sol quase declinante, a casa excepcionalmente silenciosa, nenhum música extravasa o tempo com significações ontológicas ou meramente históricas, antes se sente que é da luz que bate nos quartos virados para o sul que algo como um mistério mistifica os sentidos desta hora. Isto é, não há dizer para o dizer, ou para se dizer, se esta formulação difere ligeiramente da primeira. Vagueio lentamente pelas dependências do apartamento sem saber o que estou a fazer ou o que pretendo. Não pretendo nada, apresso-me a formular numa língua tão íntima que nem sequer a reconheço como língua. Que faço pois aqui deambulando de quarto em quarto, de luz em luz, de silêncio em silêncio, se a procura deixou de ser uma procura, se já não é uma busca este deambular perdido em si mesmo? Uma outra cura? E para que mal? De viver? De não se viver? Ignoro. O sol bate em algumas paredes e deixa um amarelado sigilo nas suas superfícies virgens, o símbolo pode ser lido, mas o símbolo foi há muito rasurado. Resta só o amarelo reflectido e uma tonalidade afectiva que realmente não se efectiva, isto é, não encontra realidade para irromper na consciência como língua capaz de traduzir o que agora é propriamente real. Ser ou não ser não é, doravante, nenhuma questão. Ser, não sendo, talvez seja a questão contemporânea! Oximoro de oximoro a linguagem ferve de temor e de fragilidade, onde um pensamento capaz ainda de pensar o mundo e a terra pensando-se ainda capaz? Aí está o problema. Nessas manchas de sol não há sol. Nem reflexão. Há um silêncio como talvez nunca houve outrora na história do ocidente, as coisas nada dizem, o dizer titubeia, não por vir da voz de uma criança, mas por sair estertorado de uma civilização incapaz de ingenuidade, e, por isso, de genuína genialidade: as luzes da razão apagaram definitivamente a luz do sol!

Neste começo de tarde, meio-dia, este começo de escrita, esta pequena amostra da minha presença ecléctica, dizer muito simplesmente que estou vivo, dizer que gosto de estar vivo, mesmo se este *mesmo se* irrompe intempestivo como nenhuma tempestade ousaria ser uma força viva ou disruptiva da natureza. Parece (o vermelho do seu sublinhado no écran é um estigma) que o vocábulo *disruptivo* ainda não existe na língua portuguesa, e no entanto a sua etimologia só pode ser latina, não anglo-saxónica: como explicar este mistério? De não haver certas palavras que nos deviam ser próprias e que contudo existem muito comodamente em línguas ditas estrangeiras pelo facto de nos parecerem estranhas?!

As voltas que a história dá! Desconheço essa história, mas estou certo que mais dia menos dia esse adjectivo ganhará foros de cidadania entre nós, ou o inglês não fosse hoje a língua franca no globo mercantilizado! Quer dizer, perdi-me em congeminações linguísticas.

Era meio-dia e havia alguma música como aliás ainda há alguma perpassando agora pelas fímbrias escatológicas do ar, havia o desejo de escrever um ser vivo em plena manifestação da sua existência mais ou menos precária, havia um tempo e havia um espaço, as coordenadas, só não havia uma planificação ou um esboço, nem sequer uma ideia, quer dizer, havia apenas o desejo de dizer qualquer coisa, não porque fosse importante o dito, mas porque seria deveras importante o facto de se estar a dizer: significaria obviamente que se teria que estar vivo, se me faço compreender. Às vezes... às vezes não é assim tão óbvio.

Às vezes sente-se a vida passar nas coisas que passam e sucedem sem que nada realmente aconteça, às vezes fica-se com o sentimento de que a vida deixou de nos viver, ou que outra vida se infiltrou sub-reptícia naquela em que nascemos e crescemos e vivemos longos anos para nos amortilhar num acampto inacontecimento!

Regresso pois ao silêncio sabendo que não é um regresso, sabendo que não é um silêncio, sabendo que ouvir-me é tão importante como ver o que se passa lá fora. Lá fora é o desejo de uma janela virada para o sul, nenhum sol porém no enquadramento visível, muitas nuvens, ou melhor, um esbranquiçado toldando o céu no seu azul acostumado, e ruídos de vociferações dos jovens da escola contígua. O mundo é o mundo, diria a tautologia. A terra é um astro, um planeta, uma errância etimológica para quem consulta os dicionários. Não quero falar do mundo nem da terra.

Desejo apenas ouvir. Não a turbulência adolescente das vozes estéreis que gritam truculências contundentes como nefastas, mas ouvir o que houver de consciência no sortilégio da hora que passa, o que houver de invenção na linguagem que se desfibra como sesgos grãos de areia.

Não ouço nada. Verdade que um corpo respira, vem respirando ao longo dos anos, mas nada me fala ou diz, nenhuma coisa emerge ao pensamento para ser pensada e daí para ser ser: nada. Fecho os olhos, abro os olhos. Levanto-me e sento-me. O telefone toca, atendo-o, o amigo expõe as suas razões, troca de palavras, risos, promessas, novamente o silêncio difluindo sobre o apartamento vazio: nada. Nada? Calma aí! Calma aí! Há nitidamente, agora, ou, possivelmente, desde sempre, uma disjunção entre o pensamento e a acção, entre a ideologia e a realidade, uma incoincidência, uma alienação, um conflito latente.

Que poderia ou poderei ouvir do que não possui voz? O real só existe por intermédio da realidade. E a realidade é a relação que estabeleço com as coisas do real. Não, não, não há aqui nenhuma tautologia, poderá haver uma má formulação para o que me parece quase informulável, mas nada de complacências ou de fugas em frente que são sempre estratégias disfarçadas para justificar o imobilismo. Ouvi com prazer e amizade meu amigo a pedir-me para enviar-lhe alguns textos para o próximo número da revista que prepara, acabado este porisma apressar-me-ei a agir em concordância!

Chove como tanto quis que chovesse, o dia sombrio,
e não posso dizer que salto de alegria num contentamento
de todo o meu corpo. A terra precisava de água,
eu preciso do sol que desapareceu. Sei que não se deve
ser egoísta, mas todo eu sofro esta depressão atmosférica.

Tive mesmo que acender o candeeiro, que pontifica
sobre a secretária, de tal maneira o dia se fez noite.
Estou talvez febril devido a uma infecção crónica
que se activou, não sinto as palavras nem consigo
verdadeiramente sopesá-las para poder colocá-las
em pontos estratégicos do discurso, deixo-as passar
por mim como se fossem seres de outro mundo, estranhos
sinais de uma dimensão da realidade que me escapa,

como esta música que se faz ouvir, um *blues*
que ainda há pouco me era totalmente desconhecido.

The Billy Gibson Band faz o que pode para animar
a hora, eu faço o que posso para me deixar animar,
às vezes, apesar de todas as conjugações de esforços,
os resultados são diminutos! Deixou de chuveirar,
é quase uma hora da tarde, ainda não almocei, tento
com estes dados falsamente biográficos atingir a ilusão
de um diário, mas eu não sei que isso é impossível?

O que é possível nos nossos dias? A dor de cabeça
não me deixa pensar para poder responder. Manhã cedo
andei à procura de uma epígrafe para este livro
que agora se perpetra, mas não como um nefasto crime,
qualquer coisa sobre a ironia como foi vivida
por Kierkegaard sob camuflagem ou revisão ou mesmo
heteronímia de Sócrates, para que se pudesse compreender
o que chamo ou venho chamando de ironia indecível,
e que lhe está muito próxima, tendo encontrado isto:

«a ironia de Sócrates sobre a sua ignorância
não é a ironia de alguém que parece dizer uma coisa
mas que quer dizer o oposto. É a ironia de alguém
que diz uma coisa dando a crer que quer dizer o oposto,
mas que na realidade quer dizer exactamente o que diz.»

Às vezes, olhando para o espelho, surpreendo-me,
 no limite de um segundo, por ver diante de mim
 o rosto do meu pai, não o rosto verdadeiro do meu pai
 biológico que ainda vive, mas do pai de mim mesmo
 que cresceu dentro de mim como se eu tivesse que ser
 filho de quem sou, ou como se tivesse que ser pai
 para um filho que possivelmente nunca existiu, ou existiu
 contíguo daquele que fui na família terrestre que me coube.
 Ontem, o caso foi diferente. Ao fazer a barba, um trejeito
 do lábio inferior, repuxado por um dedo acuminoso,
 trouxe-me minha mãe ao meu rosto, e senti-la assim,
 tão inesperadamente, nessa expressão, deu-me uma alegria
 inviolável, como se qualquer coisa da minha mãe tivesse
 vencido a morte invicta, uma expressão do seu rosto,
 uma presença do seu corpo, desaparecido para sempre,
 vivendo em mim a possibilidade de ser experimentada
 e facultando-me por breves segundos uma companhia.
 Não me sabia um continente de tão estranhos conteúdos.
 Passamos pela vida sabendo que nascer e morrer
 são dados adquiridos, ignoramos tudo do que poderá
 ocorrer entre esses dois acontecimentos essenciais.
 Claro que só às vezes é que estas coisas acontecem.
 As mais das vezes é a vida entre um acordar e um deitar,
 os afazeres quotidianos, a rotina, a civilização dita
 ocidental agora em começos do século XXI, mas às vezes
 os seres humanos são como que visitados por uma mão
 em tudo metafórica, uma mão que nos emunda da escória
 dos dias para que um certo dia, uma certa hora, um breve
 segundo, se possa experimentar esse tal lapso ilapso.
 (Toca o telefone. Um minuto. Volto já! Tenho que ir!)

.....

Inacabado o porisma de ontem não o saberia acabar hoje.

Ontem passou. Hoje é outro dia. Para lá dos evidentes truísmos, para quê recomendar o que já carecia de palavras ou de sentidos outros que os sentidos no jacto primeiro do impulso intuitivo? Tive que passar todo o dia na casa de campo, problemas com a bateria que alimenta o alarme. Basta uma pequena chuvada, tão necessária aos interesses do país, para que os fios da electricidade se rompam.

Mas como os piquetes, quer da electricidade quer da companhia de segurança, andavam atarefados aqui e ali, lá permaneci deitado num sofá providencial lendo um romance que faz parte do currículo escolar, dormitando depois de cada quinze minutos de leitura uns outros quinze ou mais minutos, sendo de vez em quando alertado pelos telefonemas da minha mulher: levantava-me de supetão e ia responder às perguntas subsidiárias.

Felizmente que fazia um sol em tudo outonal, se assim o caracterizo é porque realmente acho que há, sem dúvida, em cada estação, uma tonalidade diferente para a luz ou para a luminosidade do sol, independentemente, é claro, das variações e dos acidentes de todos os dias.

A posição do sol no horizonte, ou mais cientificamente, as distâncias e os ângulos entre o sol e a terra determinam cambiantes totalmente diversos. Um dia de sol em Dezembro nada tem que ver com um dia de sol em Julho. Súbito, a pergunta: que estou aqui a escrever? Que é isto?

Um almanaque? Sei que não é um livro de poemas, mas a linguagem porética descambou para estas nonadas explícitas? Envergonhado comigo mesmo, não podendo ficar envergonhado comigo outro, respondo humilhado e quase apanhado em falta: mas a vida também não é isto?

Ah, este *isto* desculpa tudo, até a indigência infeliz de uma qualquer inspiração, para não se ser mais severo e abrir o jogo dizendo: até a mediocridade! Engraçado, poderia ter entrado em pânico, ter ficado aflito, mas não: um sorriso meu, em nada misterioso, mistifica-se realidade!

Sinto-me bem, quero dizer, com a ideia sugerida de mediocridade. Há um certo bem em não se ir além de um certo ponto da consciência ou da realidade.

Que tenho feito eu todos estes anos, e neste país, senão tentar imbecilizar-me, percorrer a senda tosca do embotamento, procurando ver o mundo ao rés da obnubilação? É o que me cicio muitas e muitas vezes quando vejo o espectáculo do que se pensa que é a cultura por estas bandas, mas é pura alienação da minha parte, pura mentira. Não é, infelizmente, verdade.

É antes ou quase a reacção comunitária que segrego frente à mediocridade circundante. Ser como os outros, foi a palavra de ordem. Não consigo. Só os génios atrever-se-iam a comungá-la ou a desejá-la. Eu vou pelos caminhos, isto é, pelas palavras, mais impossíveis da língua, eu tropeço em problemas acmásticos como exotéricos, eu procuro curas para instantes profiláticos, eu paro por vezes diante de sombras descomunais, onde o pensamento deixa de pensar, onde a emoção deixa de sentir, onde a hominalidade é posta em causa. Eu desfaço-me e refaço-me no torvelinho ingente de uma paixão cujo significado sofreu sucessivas catacreses ao longo dos séculos sem que tenha atingido ainda uma sedimentação semântica estável, eu reaprendo a falar e balbucio uma língua como quem diz bom dia ao sol da manhã amanhecida.

Só que nada disto é real e acontece e existe porque não há ninguém para reconhecer em mim alguém, um homem que vive, que escreve, que faz parte de uma humanidade e deseja, talvez ingenuamente, contribuir com o que faz para o bem dessa humanidade.

Talvez haja uma razão para isso. Este fazer talvez não seja um fazer. Escrever palavras ou abrir passagens são acções, gestos que se executam ou perpetraram, não ficam como objectos para serem observados a olho mais do que nu: ficam como ecos de acontecimentos!

Entre um apartamento e uma casa de campo é como se vive nos dias de hoje. Entre a semana e o fim de semana. Embora, dada a distância que separa as duas habitações, uns escassos quinze minutos de automóvel, muitas sejam as idas, sobretudo de tarde, para o sol do campo.

Nessas tardes solitárias, junto à piscina fria e aquática, sentado numa espreguiçadeira de lona, dou-me a pensar sobre o que foi a minha vida.

E não penso muito. Ou porque a memória não me é transbordante, ou como se nada do que foi tivesse importância para emergir à consciência com a necessidade de ser revivido.

Sempre suspeitei que a minha memória era do presente. Não só oferta do momento que se está a viver, mas duplicação do momento vivido: como presente e como passagem.

O tempo é para mim um mistério. Li dezenas de filósofos, ou de pensadores (já que o primeiro termo parece estar a ganhar historicamente direitos do pejorativo), sobre o assunto, e devo confessar que quanto mais lia menos compreendia.

Não sei, tão-pouco, se se pode sentir o tempo.

Nem se, para se falar do tempo, ainda se pode usar verbos como *pensar* e *sentir*. Estou deitado muito comodamente nessa tal espreguiçadeira,

vejo as canas que balançam ao sabor vago de uma brisa inexpressiva, o silêncio quase total se pudesse haver silêncio na natureza, e sei, obviamente, que o tempo passa enquanto eu também passo no tempo, isto é, enquanto eu vivo e respiro e vejo as canas mexerem-se em movimentos inexpressivos porque não há nem se vislumbra um padrão (estou a tentar traduzir o *pattern* inglês): Não será que o tempo é simplesmente inexpressivo e sem padrão?

Há noites que ao regressar do trabalho, de automóvel,
ouvindo, por exemplo, o jazz de Patricia Barber
ou dos Tin Hat Trio, quando atinjo a enorme
rotunda ladeada de uma gasoleira iluminada de luzes
assépticas e metalizadas, me sinto ou pressinto, subitamente,
para não dizer, com muita maior propriedade, pós-sinto,
num relâmpago da memória, na América vivida
nas duas costas, na Califórnia da segunda metade
dos anos oitenta, em Massachusetts nos finais dos anos
noventa, começo do novo milénio. É um momento
fugidio, uma sensação estranha, já que o antes e o depois
desse lapso de tempo e de revelação nada têm que ver
com a realidade americana como a vivi outrora.
Estranha porque, eu que me encontro no meu país,
não sou capaz de impedir o sentimento de exílio
que então me cerca e banha, uma impressão dolorosa,
portadora de conflito, de ambiguidade, de equívocos
que só não me dilaceram a alma porque a perdi
algures pelo mundo onde pus meus pés insatisfeitos.
Mas que dilaceram esta parte de mim desprovida
de um porto de abrigo ou de uma breve identidade,
esta parte que alguns chamam de ser e outros de nada,
este borrão ontológico permeável à luz e à música,
mas incapaz de uma fala que lhe desse um contorno
ou uma transcendência. Quando isto me acontece,
um minuto, um segundo de desvario ou de delírio,
já o automóvel, na sua indiferença motora, se embrenha
pelos bairros suburbanos da inspiração pátria,
de curva em curva, como se o labirinto anacrónico
ainda fosse possível, viável, ou mesmo simbólico.
Preso à música, para mim nem estrangeira nem estranha,
chego à recta iluminada que me dá acesso ao prédio
onde fica o pequeno apartamento. Apartado talvez
de quem sou, de quem não posso ser ou de quem
nunca pude ser, por imperativos em nada categóricos,
subo a escadaria silenciosa e entro, solitário, em casa.

Diante do mundo como se não houvesse mundo
nem quem o pudesse observar. Quem sabe
o que é o mundo? Da terra tem-se uma ideia
mais precisa. Olha-se em frente e vê-se a serra.
Fala-se da natureza. Preocupamo-nos (quem,
quem?) com o aquecimento do globo, a terra
parece reagir mal ao mal do mundo. Será pois
o mundo a totalidade dos homens e das mulheres?

Mas isso não é a humanidade? O que se diz
quando se diz alguma coisa? Mas não importa,
a verdade é que nos entendemos. Quem, quem?
Não estou a gostar deste texto. Ignoro o que está
aqui a fazer, por que irrompeu tão extemporâneo
neste desejo de deixar escrita a experiência
simples de um frente a frente entre o mundo
e quem escreve, que sou eu, obviamente.

A manhã é sempre um recurso de primeira
e última instância, mas a manhã acaba agora
mesmo de passar a tarde, assim num repente.
Que tarde nos poderá ajudar nesta tarefa, dizer
do mundo uma experiência, fazer da experiência
qualquer coisa que possa perdurar no tempo?
Mas não será um crime? Querer parar o tempo?
Então, e o fluxo? Falou-se de eternos retornos,
até de eternos retornos do mesmo, mas, e do outro?

Será que a pergunta é disparatada? De quem
não percebe nada de filosofia? É bem possível.
É possível que nada se aproveite desta fuga
em frente, deste fogo flamejante ousando
ser mais do que linguagem, é possível até
que a possibilidade pertença a outra dimensão
do real que não da língua, quem escreve
ignora de todo por que há qualquer coisa
em vez de nada. Mas quem sabe, realmente,
o que é o mundo? Não se procure uma resposta
onde não há, infelizmente, um interlocutor capaz.

Venho de um enorme silêncio
onde tudo é interdição e paralisia.

Venho do clangor do medo
como quem não soube onde esteve
ou que passos deu no tempo mudo.

Venho como se o facto de vir
não fosse um verdadeiro regresso,
como se não tivesse havido um lá
nem agora possa haver um aqui.

Que foi feito de quem sou?

Que é feito deste mim? Olho
para todos os lados e reconheço
mal o mundo que me rodeia,
as coisas onde evoluo, a terra
que desde sempre habito.

Venho de um enorme silêncio
e esse silêncio veio comigo.

Onde está a alegria de viver?

O contentamento de continuar
a viver cada dia que passa entre
sóis e entre luas, acontecimentos
cósmicos que nos iluminam?

Que sinto? Apenas o silêncio
da sobrevivência. Que penso?
Apenas que sobrevivi ao medo.

O medo mádido e medular
da morte caiu sobre meu corpo
como se fosse um espírito.

Não soube lidar com ele, não
pude contê-lo ou resisti-lo,
minha cobardia é a única coisa

que sobressai tonitruante
do silêncio como uma áspera
bofetada a quem não está
ainda preparado para morrer.

Está-lo-ei alguma vez?

Pouco a pouco, quase como uma criança,
piso o chão da nossa comum humanidade,
os sentidos despertos para as sensações
do dia, o dia difluindo em encenações várias.

Sem saber porquê, não ousa ainda ouvir
música. Mas o real que nos envolve sempre
foi musical, basta haver ouvidos que se dêem
ao trabalho e ao gozo da atenção auditiva.
O que estou a fazer não é um crime. Disparate,
tê-lo dito assim. Ignoro de todo a origem
consciente ou inconsciente dessa asserção.
Estou a escrever. O gozo é incomensurável,
e daí incompreensível. Estou simplesmente
a juntar palavras a outras palavras, muito,
mas mesmo muito naturalmente, sem receios
nem apreensões, e o facto de as sentir vibrar
na consciência quando nela emergem, cheias
de uma estranhíssima emoção, é como se
sentisse diminutos mas finíssimos orgasmos,
se a comparação não for um despropósito!
Eu sempre desconfiei que na escrita havia
muito de sexualidade, só não pude imaginar
que o vir à consciência das palavras pudesse
ser igualado ao irromper do esperma no acto
sexual. Este prazer da escrita deve-se, ia dizer,
sem dúvida, mas é sempre tentativamente,
ao facto de se estar a ver as palavras surgindo
no suporte escolhido (papel ou écran), logo,
e ao contrário da fala corrente, o voyeurismo
terá o seu papel nesta experiência humana.
Não será pois por acaso dizer-se, de oradores
famosos, que falavam como se na realidade
estivessem a escrever. Resta agora saber
se a satisfação visível que mostravam era
devida à audição vaidosa das suas palavras,
se ao prazer erótico de uma oralidade escrita.

Não vou elaborar, instigado pelo momento favónio
da manhã, uma alegoria do sol, apetece apenas,
como tantas vezes aconteceu outrora, trazer
para a memória deste presente pressentido paz
a luminosidade outonal que aflora nesta paisagem,
senão circundante, que a janela o impede, pelo menos
frontal, sem que o adjectivo active o sentido mais
ou menos belicoso que entre outros contém.
Depois de uma noite vendo televisão em programas
estrangeiros abordando temas da actualidade
onde a condição humana é tudo menos humana,
em que se falou do sofrimento de milhões e milhões
de pessoas, da morte de milhões e milhões
daqueles que nos deveriam ser os semelhantes,
é um alívio, e talvez uma alienação, este sossego
solar caído sobre esta parte da terra e do país,
este céu hiulco percorrido bovinamente por nuvens
imponderáveis, esta quase ausência de brisa
nas copas das árvores e dos arbustos, estáticos
verdes apontando para o alto desejos inconfessáveis.
Estase. Já foi estética. Desejo de sair do tempo
num simulacro ou ilusão de eternidade. Tarde
demais para quem escreve. A consciência é quase
a história irreconhecida dos crimes cometidos
pela humanidade ao longo dos séculos consabidos,
às vezes irrompe a pergunta: valerá a pena ser-se
homem? Valerá a pena viver-se num mundo
destes? A vergonha é tão grande que deixa até
de ser vergonha, como se a língua não suportasse
a realidade do real, do que ainda hoje acontece,
como se nada fosse, com o conhecimento de todos.
Mas, verdade seja dita, quantos serão os que dão
conta desta luminosidade que agora se espalha
sobre a terra? Quantos serão sensíveis ao sol?
À humanidade do homem? A vida é um estranho
fenómeno, mas a crueldade é um facto banal da vida.

Há ocasiões em que me digo, nunca mais escrever.
Quem perdeu as ilusões não possui mais ilusões.
Quem descobriu que não há salvamento nem redenção,
nem talvez terapia, na escrita de um destino-obra,
não tem nenhuma razão plausível para continuar
a escrever como se esse gesto fosse essencial.

Por que o faço? Porque tenho necessidade de ler
aquilo que não encontro nos outros: uma linguagem
inaugural. Não que me assuma um adivinho arúspice
no sentido em que deixo as vísceras do meu corpo
dizerem o que eu próprio ignoro, mas muito
do que escrevi prorrompeu do sofrimento carnal,
esses gritos triturados que de encontro à consciência
se transformavam em outros tantos ecos perpassando
em repercussões de sentidos completamente inusitados.

É preciso que se compreenda bem: não compreendo
o mundo. Não compreendo as instituições
em que o mundo se ilude na aparência
de uma organizada e habitável civilização.

Não compreendo os desequilíbrios globais. O norte
e o sul, o este e o oeste, quando tudo é errante planeta
e roda à volta de um sol. Não compreendo sequer
as paixões clubistas das gentes, as afinidades ditas
ainda electivas, as classes, as distinções, os interesses.
Não me reconheço em nada do que é aparentemente real.
A existência de ricos e pobres é para mim um absurdo.

Para não cair na insanidade escrevo uma língua
que depois, lendo, poderei vir a reconhecer
como tendo algo a ver com a minha experiência.

Sou uma ilha à deriva num mar de incomunicação.
Sou o meu próprio, ou talvez impróprio, leitor. Lendo
o mundo de uma maneira diferente, vivo-o diferente
para que possa sobreviver à crueldade inerente às leis
das sociedades que galvanizam o espanto do globo.
A legalidade nada tem que ver com a justiça. Poucos
o sabem. São aos milhões os que sofrem esta verdade.

Todos os dias lá vou eu despejar o lixo emailiano
com que bombardeiam a minha fragilidade ontológica
assim como a minha fraqueza ideológica.

Lixo, eis o que as sociedades contemporâneas
têm para oferecer aos seus cidadãos desprevenidos.
Todos os dias espero uma mensagem dos amigos,
e são tantos os dias, às vezes as semanas,
sem que nada me chegue na forma de um «olá!»
que me liberte um pouco da solidão
mitigada em que habitualmente vivo.

Claro que saio de casa, claro que tenho uma profissão,
claro que convivo com os colegas do acaso, claro
que durmo com a minha mulher, de que me queixo?
Há, aqui, uma queixa implícita? Que mais quero eu?
Não sei que a vida é assim? Assim como? Assim!
O raciocínio pára aqui interdito numa perplexidade
inefável, perde-se num enigma de estigmas,
como se nada disto tivesse uma real razão de ser.
Poder-se-á recomeçar? Mas o quê? Esse *quê* é,
sem dúvida, o verdadeiro problema. Eu desejo
continuar a escrever, dizer alguma coisa de relevante,
ignoro apenas se faria sentido neste discurso percorrido
de sobressaltos inapreensíveis à inteligência.

Gostaria de dizer quanto me é cara a conversação.
Quanto me é benéfico abrir-me em deiscências púrias
onde a linguagem procura obter da língua o cerne
da relação entre a experiência ontológica
e a crueza da acção dos passos no tempo histórico.
Eu que costumo ser todo ouvidos à música,
Gostaria que houvesse um par de ouvidos
atento à música que na contingência de mim
poderia tocar, esse ser inviolável e imponderável,
mas tão frágil que é difícil reconhecê-lo
na azáfama dos dias correntes. Talvez do ser
nos reste só o esterco, o lixo, talvez nada mais
seja possível que reconhecê-lo!

Dá gosto ver, num sentimento em tudo bucólico como já não poderá sê-lo nesta fase da civilização, as ervinhas verdes subindo verticais num solo de barro, tapete periclitante desafiando o futuro do tempo e das estações, conforto inexorável para meus olhos cansados da violência quotidiana.

Uma obra da terra. Da união da água da chuva com a terra. É com pesar que piso com pés de luva leve essa maciez vibrátil quando quero chegar à porta da casa, mas não há nada a fazer. Volto para trás e vejo quase criminosas as pegadas fundas de meu corpo ancho, por ali passou um homem, não deixo de pensar, mas uma tristeza inóspita assalta-me como se as coisas pudessem ser ou ter sido, neste caso, de maneira algo diferente.

Há, estupidamente, porque não saberia explicar, um certo fascínio nesta relação estabelecida.

Precisaria que alguém estivesse aqui comigo para podermos deslindar as implicações mais do que sub-reptícias que assomam à inteligência.

Ou talvez esteja a ver sentidos perdidos na voz de uma miragem ou de um delírio, fui dado (subtil e estranha expressão, não é?) a arroubos sibilinos mesmo quando dizia que não cria em proferições oraculares, sabe-se lá o que é a distância, o alcance, a demora, sabe-se lá o que é este ou esse *lá*.

Às vezes a língua prega-nos partidas, desejei-as, como estarão lembrados, partos, hoje poderia acrescentar mais um dado-conceito e introduzi-las como partituras de sinfonias que nos levam pelos espaços temporais da estesia e da realidade até onde o onde se perfila como um fascínio.

Para que o círculo, hermenêutico ou não, fique provisoriamente fechado. Dá gosto ver como ser pela escrita é um pouco como sentir nas ervinhas um tapete que não existe existindo de moto próprio.

«Escreve», diz ela, «escreve», antes de partir,
 manhã cedo, para o emprego, como outrora
 me perguntava: Amas-me? O beijo, sinto-o, é
 o mesmo, a exortação corresponderá hoje ao desejo
 já ultrapassado de uma premente confirmação
 mais temperamental que realmente necessária?
 Que pensa ela que eu poderei encontrar na escrita?
 A paz? A salvação? Um mero passatempo?
 Mundos que me estão vedados no mundo
 dos homens e das mulheres que frequentamos?
 Gozos excelsos e esplêndidos de êxtases
 onde os sentidos tocam a fímbria de deleites
 e de prazeres incomensuráveis agora que a carne
 já não faculta apogeus de rasgos eróticos?
 Ou então ínstases onde o pensamento desce
 a profundidades nunca vistas nem pressentidas
 nem ouvidas nos anais da história intelectual?
 Conexões de ideias faiscando como descobertas
 que procuravam apenas ao longo dos séculos
 um ponto de sustentação e de suspensão
 para que problemas humanos pudessem finalmente
 ser resolvidos trazendo a felicidade procurada
 pelas populações depauperadas da terra vigente?
 No que escrevo escreve-se apenas a realidade
 de haver um homem vivendo a experiência
 do homem neste tempo, um quotidiano feliz
 ou triste e uma rotina apressada ou lenta, tudo
 o que poderá chamar a atenção dos sentidos,
 a chuva que cai, a memória do presente, oferta
 das horas à consciência desperta: a música
 dos Willard Grant Conspiracy confrontando-se
 com a visão da serra envolta em névoas porosas.
 Sim, talvez haja mais qualquer coisa. Chamo-lhe,
 falho de palavras, eu que inundei de novo léxico
 a língua pátria, amor, como se só agora pudesse
 responder à pergunta da minha mulher: Amas-me?

Que dizer do dia quando o dia nada quer dizer?
 Deixou de chover mas tudo é humidade à minha frente,
 no céu um cinzento esbranquiçado evolui esparso
 como se a terra tivesse perdido o seu sol benfeitor.
 Vejo ao longe automóveis que passam entre Sintra
 e Mem Martins, a palavra azáfama explode célere
 na minha consciência, mas é um abuso abstruso
 da catacrese, ou uma incompetente associação
 de ideias. No recreio da escola em frente, ou atrás,
 tudo depende da perspectiva, não se vê vivalma,
 os miúdos sem dúvida nas salas de aula. Espero
 que aprendendo alguma coisa. O país precisa, dizem,
 de massa crítica, pena só o terem descoberto agora.
 Já fui aluno e tenho sido durante muitos anos professor.
 Confesso, como se fosse possível a confissão estética,
 e com pesar, que não gostei nem gosto de ser uma
 e outra coisa. Nunca gostei de ser nada. E tive várias
 profissões, deste e do outro mundo, não falo do outro
 mundo como do mundo do além, no sentido evidente
 que lhe prestam aqueles que piamente acreditam nele,
 mas do mundo paralelo como quando se fala hoje
 de economia paralela. Nunca compreendi, devo
 dizer, esta falta de vocação para qualquer coisa.
 E sofri na carne e no espírito esta ausência terrível
 de sentido e de direcção, esta deriva constante, indo
 e vindo num vaivém sem proveito nem caução. Perda
 e sofrimento esperavam-me na primeira esquina,
 não quero recordar, por que recordo? Conspiração
 inconsciente deste grupo e desta música? Não posso
 acreditar. Mas não servir para nada, não ter servido
 para nada, dá para reflectir. Tantas as profissões
 terrestres, e nenhuma capaz de me atrair, porquê?
 Porquê? Cheguei, para justificar o desaire, a inventar
 a teoria do extraterrestre que cai no planeta desconhecido:
 mitologias pessoais com que pretendi adocicar a alienação
 que me feria e fere até onde ignoro se há já homem.

Ah, mas eu sou desta terra, eu sou desta terra,
desta música que ouço ou venho ouvindo
desde o começo da manhã, eu sou daqui, diga
o que disser, pense o que pensar, sugira
o que sugerir, mesmo que este aqui por vezes
pareça uma incógnita ou um desconhecido.
Mesmo que não compreenda as acções ávidas
dos homens e das mulheres, as suas políticas
de sobrevivência, os seus gostos estéticos,
por me parecerem tantas vezes tão primitivos,
de mundos já desaparecidos e que eu reconheço
porque os estudei outrora em livros de antanho.

Mas quando? E onde? Esse é o mistério.

Não saberia explicar o que por vezes sinto.
Ou penso que sinto. Melhor deitar o olhar fora
sobre a paisagem que se divisa desta janela,
melhor captar o que há de beleza na beleza,
mas o dia chuvoso não deixa o sol iluminar
esta parte da terra, não vou dizer que me sinto
um órfão, só digo que não há motivos sérios
para que a alegria se espalhe por estas palavras.
E no entanto eu escrevo com alegria esta manhã
cinquenta por cento real, cinquenta por cento
literária, disjuntivo na minha identidade, triste
e alegre ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

A chuva era precisa. Eu nunca saberei se fui
preciso, nem se se poderá pôr este problema
nestes termos assim tão desnudados de precisão
filosófica como de relevância e de pertinência
intelectuais, ou mesmo, já agora, existenciais.
Seja ou não seja desta terra vivo neste planeta
e nele habitarei enquanto a preciosa vida
não me faltar. Tenho família e amigos, gente
com quem convivo uma experiência histórica,
tenho uma língua onde expressar dos factos
os feitos mais singulares da estadia terrestre.

Eu que vivi em cinco países do planeta
e passei por mais alguns, agora, quando a noite
se adensa depois do trabalho cumprido,
só apetece meter-me no automóvel e regressar
o mais depressa possível ao hábito da casa.

É o que faço. Ignoro se haverá um pouco
de depressão neste comportamento, mas a casa
surge-me como um espaço amigável onde
a presença da minha mulher me faz sentir bem.

Não que me sinta um menino protegido
do mal do mundo e do mal, nem que viva
como um casulo o que experimento então,
mas as luzes da sala de estar dão-me quase
a impressão de uma civilidade que não
existe infelizmente portas fora. O país dói
na sua monstruosidade acataléptica, nada
foi feito nas últimas décadas para mudar
mentalidades e comportamentos, o século
vinte, que nunca se tinha desembaraçado
do século dezanove, continua no século vinte
e um como se nada fosse, indiferente
ao tempo que passa na história da civilização.
Dizem-me que há bolsas de contemporaneidade
aqui e ali, neste ou naquele campo; não digo
que não, mas sempre houve, desde sempre,
as exceções, não será por isso que o isento
pano de fundo deixará de permanecer em cena
como um obscuro traumatismo da realidade.
Claro que mesmo em casa, ouvida a música
acmástica, se se opta pela televisão, logo
o mundo nos invade com os seus desastres
e as suas pestes, as suas guerras intestinas
e os seus tumultos, paroxismo de emoções
que nos clivam em seres improvavelmente
humanos, já que da humanidade resta apenas
as penas de uma visão dolorosamente paradoxal.

Estou parado diante da língua a reflectir sobre o que vou tentar escrever. Quem me conhece desde logo se apercebe do inusitado da situação. Nunca fui homem para esperar o que quer que fosse diante de qualquer muro branco, o meu gesto foi sempre de me atirar em frente, era como um mergulho entusiasta em águas desconhecidas, até certo ponto contendo qualquer coisa de suicidário, nunca sabendo se encontraria a vida procurada ou a morte como castigo.

Mudei. Mudo todos os dias. Mas esta mudança sem dúvida que é mais profunda. Agora não desejaria perder tempo a perder tempo. Agora cada porisma, se não é fundamental, por incapacidade ou fragilidade ou incompetência, reconhece intimamente, claramente, que a sua disponibilidade já não é tão pletórica como o foi ao longo de tantos anos desabridos.

Dá uma certa parcimónia e uma certa economia, uma vontade de não explodir em feros fragmentos que só dilaceravam quem se fragmentava, esta ficção ou realidade eu que subsiste na língua como se o real nada mais fosse do que o espelho da suposição.

Não quer dizer que os resultados sejam diferentes dos de outrora. Às vezes dão-se voltas conceptuais que nos parecem muito diversas de outras já escolhidas e experimentadas para se chegar à desconcertante conclusão que os resultados são mais ou menos os mesmos. Ninguém, verdadeiramente, comanda os mimetismos da língua. Ninguém é língua humana.

Já não estou parado a reflectir sobre o que estou neste momento a escrever, inscrevo-me naturalmente feliz no que ignorava que ia dizer, há sempre algo para ser dito e escrito, há sempre um mundo onde se possa colocar nossos pés, há um destino que se faz pouco a pouco na imensidão de sinais que irrompem na consciência das percepções, vou dentro e fora da língua como se não pudesse ser de outra maneira.

Um sol, só outonal porque se está no outono,
 brilha sobre o molhado dos pavimentos onde poças
 de água denunciavam as recentes chuvas.
 Uma alegria ver o azul do céu, mesmo se nuvens
 brancas e fofas em tudo esporádicas
 o percorrem suavemente movidas por brisas
 ou ventos imperceptíveis aos sentidos.
 A manhã ainda não é tarde mas não falta pouco.
 O que não falta são estes *blues* bem repenicados
 como eu gosto de os ouvir, em que uma guitarra
 dialoga com uma harpa de boca em sigilos
 que nos fazem atingir emoções, outros tantos ecos
 de recantos que pensávamos perdidos
 para sempre. Para sempre, só depois da morte.
 Não, o sol luz sobre as superfícies verticais
 dos edifícios, reflecte-se ou refracta-se,
 é-me indiferente a propriedade da língua,
 não me é indiferente a visão que usufruo agora
 deste momento. As cores diversas alegram
 meus olhos cansados de tanta miséria humana,
 há verdes de frondes de árvores, há brancos
 de tintas que se pensam talvez imaculadas, há
 encarnados disfarçando-se de cor-de-rosa,
 como há azuis desafiando amarelos mesmo se
 Van Gogh para aqui não seja chamado.
 O que é uma pena. Meio-dia. Uma nuvem
 enormíssima eclipsa por momentos a fulgurante
 luminosidade que pairava na paisagem, são
 uns minutos de suspensão, a terra parece ter
 perdido a sua fulgência, quem escreve parece
 ter perdido o seu fulgor, mas já o sol
 brilha em todo o seu (desculpem esta rima
 um pouco forçada) esplendor (que a facilidade
 foi, é e será sempre uma tentação!). Tentado
 a gozar o momento abandono aqui a língua,
 há limites para tudo, até para o testemunho.

Já não sei se é ainda possível explorar o sol, seus recursos enigmáticos e aparentemente inesgotáveis, já não sei até que ponto falar da luminosidade que penetra na superfície das coisas da terra não será um grave crime ou mesmo um desrespeito pela feliz natureza. Deveria virar-me para os homens e as mulheres e dizer, eis os meus irmãos, a minha família, eu digo-o, em estados de euforia ecuménica e de um voluntário desejo de justiça social, mas será realmente verdade o que eu digo? Dois terços ou mais do que se convencionou chamar, ao longo dos séculos ocidentais, humanidade, nada mais é que o sofrimento e a vitimização e a morte rápida ou lenta infligidos pelos outros que dela restam e que se pensam, cegos de uma outra óptica, os arautos insígnies de uma civilização insana apostada apenas na sobrevivência, a todo o custo, do seu lucro e do seu proveito. A situação do homem contemporâneo tem um nome: impotência. A luz, nomeada embora, permanecerá sempre como um potencial quotidiano ou quase (exceptuando os dias de chuva) de realização e de contentamento, essa alegria que atinge nossos corpos dispostos a sentir a voz do sol em cada fibra do estar-se vivo, do ser-se vivo, do ser-se ser, ser solar. Meus olhos são todo ouvidos. Pode parecer uma brincadeira a formulação abrupta, não importa, há uma música do conúbio que há entre o sol e a terra, há um homem libertando sua consciência do mal do mundo, esse homem teve já a sua parte de sofrimento na humana impotência que lhe coube, cabe-lhe agora saber colher da luminosidade todo o bem que o cure.

Digo-me, não me imiscuir no que escrevo,
descrever apenas as coisas, as paisagens, passos
que se dão, passagens mais do olhar enganador
do que da intuição muitas vezes incompreensível.

Não me comprometer com o real. Antes fazer
de conta, ou dar a entender, que o domino. Isto é,
negar tudo o que fiz até aqui. E porquê? Ora,
porque assim as coisas seriam muito mais fáceis.

Para mim e para os leitores hipotéticos. Sim,
devo estar a ficar velho. Como outrora se dizia,
mesmo se noutra língua, devo estar a vender-me.

Não é o destino de toda a gente que se preza?

Não. Se fosse um poeta, ainda se compreenderia,
esse gesto desesperado de quem, com a minha idade,
não possui um público. Mas não sou um poeta.

Ser-se homem, e escrever-se homem é muito mais
difícil. Porque não há lugar para a mitificação.

Um poeta é uma figura, uma postura, um espaço,
um lugar. Um homem é um tempo e uma história,
um nascimento e um envelhecimento que, quer
queira quer não, lhe trará a morte. Eis a diferença.

Que muita gente não compreende. Ou finge
que não compreende. Os poetas são imortais.

Os homens não se libertam da lei da morte: são
seres para a morte. E daí, são seres para a vida.

Sem nenhuma contradição. Só que a vida tem,
muito naturalmente, os seus limites, e, por que não?,
as suas limitações. Nada é impossível a um poeta.

Ao escrevedor, que é o homem que escreve,
cada vez que utiliza a língua só lhe aparecem
problemas a resolver e estranhíssimas aporias,
como se caminhasse num terreno minado onde só
pé ante pé, e com um cuidado extremo, pudesse
avançar abrindo uma frágil passagem entre perigos.
Para muitas vezes não chegar a lado nenhum. E ter,
ou que recuar, ou que retomar uma nova direcção.

No automóvel, com a mulher, ouvindo *blues* de hoje como de ontem, mas sobretudo, para lá das tarefas que se cumprem no fim de semana, o prazer que é sentir a harmonia de um casal que muitas vezes não soube o que foi a vibração e a graça da companhia.

Tão bom sentir a mão da mulher tocar a mão que sou quando a agarra, a sensação de quentura, de uma afabilidade feminina que transforma o momento numa aventura que pode ainda ser pressentida como algo de excepcional, de uma amabilidade visceral. Ela ri-se ou sorri da expressão não só facial como corporal que exteriorizo na audição da música que me acompanha dia após dia, ora imitando uma guitarra destemperada, ora incluindo num vaivém do corpo o ritmo que sacoleja minha percepção do mundo, ora deduzindo trejeitos para palavras onde a versatilidade do cantor e músico parecem surgir como metamorfoses da voz humana. Assim vamos, ora tocados, ora tocando-nos, dentro do automóvel por mim designado, há muito, como máquina do tempo, pelas ruas e estradas da contemporaneidade pátria, mesmo se a música não corresponde, como aliás nunca correspondeu, e desde sempre, à cultura do país. Não há nostalgia no que há. Há esta quase impensável sensação de amor, de umas mãos afáveis tocando-se e apertando-se numa dimensão diferente da erótica, um para lá da carne e do corpo, mesmo quando é corpo o que se toca. Mas também não se insinua espiritual a experiência: a emoção de que se dá conta, na aflição em que se extroverte, exige uma palavra inexistente no léxico vigente.

Digam o que disserem, levantar-se todos os dias da semana às sete da manhã para se ir trabalhar a vinte e tal quilómetros do local onde se reside, percorridos por um comboio ensurdecedor, é, não só uma violência, como uma forma de escravidão.

E quando se faz esta vida há quase trinta anos, é um destino proscrito no que deveria ser uma afabilidade social e comunitária.

Daí o remorso que ele sente todas as manhãs quando vê a mulher sair da cama e levantar-se para ir à vida. Ir à vida é uma pura ironia.

As queixas de uma rotina nefasta mostram à evidência o sofrimento que a arrasta nessas idas e vindas em que nada mais descobre que o cansaço.

E ele no quente da cama, incapaz de dormir, de se levantar, perguntando à imaginação como é que a mulher aguenta esse ritmo, pensando na sorte que tem de só ir trabalhar, escassas horas, no fim do dia, justamente quando os outros escravos regressam a casa.

A condição ocidental é, para a grande maioria da população livre, um engano fatídico, uma prisão dourada onde escabuja e sofre com a naturalidade de quem não compreende porquê nem como: vive-se porque se começou a viver. Mas morrer não é sinónimo de morte.

O inferno não é privilégio do outro mundo, existe e persiste sobre a terra como uma invenção da ganância, da perfídia e da insensibilidade.

O mal não é uma noção religiosa, ou é-o, no sentido etimológico que a religião encerra.

Todos somos homens e mulheres, nem todos possuímos um destino propriamente nosso.

Há sempre razões e filosofias e preconceitos para justificarem o que sendo não se parece com o mal.

Digam o que disserem, esta condição não é humana.

A manhã vem perpassando de música dita contemporânea, contemporânea de quê é a incógnita, talvez dela mesma, e eu compreendo se assim for. Trata-se de duas peças de Pierre Boulez, *Répons* e *Dialogue de l'ombre double*, e eu confesso que estou, senão extasiado, pelo menos surpreso com o que me é dado ouvir. Música. Medicina para os sentidos. Não me perguntem quais. Faço uma espécie de lavagem da percepção, anquilosado que ando pela audição de tanto *blues* nos últimos tempos. É um prazer sentir estes sons sulcarem a carne e nela deixarem fulgências quase fulgurais, como se houvesse ainda instrumentos por descobrir nessas combinações sonoras, ou como se geometrias da sensibilidade fossem possíveis diante da viagem que se desenrola no porético desfibrar de extensões de possibilidades que se apresentam ao silêncio de um nada que atrai pela truculência do apelo.

Estou inserido numa atmosfera de dispersão, temi-a outrora como a expressão apodemiológica da loucura, agora corto as amarras e deixo-me ir numa semi-acutilância de mim mesmo, não se trata de me ferir contra os sons, outros tantos meteoritos de uma comparação escusada, trata-se mais agora de navegá-los em cada perspicuidade perspectivada, como se eu fosse uma dança de átomos na matéria de uma proporção ou mesmo de uma harmonia, procurando alcançar dentro de mim uma medida que me dê um vislumbre da realidade como está a ser vivida na sua totalidade e na sua completude. Música de um fora faço-me música de mim mesmo na dimensão inesperada de uma estranheza feliz, fecundo-me de mundo na fundura de um sol subtil, ei-os que me fazem descer e subir, esses sons sensuais salpicando de traços e requebros os ecos quase inesgotáveis de uma presença imperceptível.

Tentemos mais uma vez a sorte, a sorte da escrita.

Para dizer que ontem à tarde, diante do clarão do sol que se precipitava para a serra empedernida, senti a necessidade, tantas vezes incoercível, de vir imediatamente escrever o que os meus olhos testemunhavam. Mas não o fiz. Outras tarefas se impunham, mesmo se irrisórias ou mesmo adiáveis.

Fiquei-me contudo absorto na contemplação do branco que enodoava toda aquela parte do céu, um céu limpíssimo no seu azul acostumado, sem que uma só nuvem viesse toldar tal superfície.

Enquanto o computador e a impressora faziam o que tinham que fazer, eu permanecia, olhos cegos no além, preso ao espectáculo de um declínio solar justamente, da perspectiva em que me achava, sobre o palácio que encima a serra de Sintra. E o próprio clarão, com a passagem dos minutos, foi modificando-se, até parecer que toda a energia de onde propalava era sugada pelo edifício altaneiro que se recortava deixando um halo inesperado: o mundo desmentia a existência da terra, a terra só existia como suporte de uma realidade incapaz de dar do mundo mais do que a sua fantasmagórica imagem em apogeu de ficção: um palácio raro assombrado pelas luzes de um sol em queda livre.

Não sei o que senti. Não foi um fim. Não foi um começo. Não foi nada da realidade deste mundo, ou, se se quiser, do real. Foi como se só a mim me fosse dado assistir a tal fenómeno, foi um pouco como se não houvesse mais ninguém na terra para testemunhar o ocorrido, foi como se a solidão em que vivo fosse realmente habitada, enquanto a aparente azáfama dos outros homens e das outras mulheres os deixassem distraídos de eventos tão importantes como um pôr do sol ou um pôr em frente do ser que nos é na iminência de se ser.

Deveria antes ter dito, «de eventos
tão importantes como um pôr do sol ou um pôr do ser
frente à luz que nos é na iminência de se ser.»

Passei a tarde de ontem e parte da sua noite
a convulsionar-me em soluções de pensamento,
a solução, porém, não é definitiva, porque temo
sinceramente a analogia que se pode vir a fazer
entre um pôr do sol como um fim do dia,
e um pôr do ser percebido também nesse sentido.

Pôr do ser seria mais trazer à percepção
o que se esconde na vida de todos os dias,
o desvelamento da nossa presença por interpostos
acontecimentos, como um pôr do sol capaz de desmascarar
a ausência em que vivemos para fugir
às questões cruéis que a realidade nos lança
e para as quais pensamos nós,
ou que não temos respostas, ou que somos
impotentes para estabelecer um mundo que fosse nosso.

Porque não vivemos no nosso mundo,
mas no mundo dos outros. Feito de preconceitos
deixados pelos que já desapareceram,
mortos na imensidão do tempo que passa.
Testemunhos de outras eras falaram em termos
tão universais que os seus juízos parecem
assumir um valor trans-histórico e intemporal,
quando na realidade só se aplicavam à sua época.

Mas os outros do mundo que não nos pertence
não são só os mortos. Também são aqueles,
vivíssimos, ou talvez não, nossos contemporâneos,
que decidem por nós o que deverá ser a vida
que devemos viver, à socapa, por detrás do palco,
já que a cena, para engano das populações
ocidentais, consome-se e consuma-se
nas democracias tão vigentes que nada mais vigora
que o estertor pornográfico a fingir de vagido
para uma civilização paralisada na sua confusão.

Saí estourado do texto anterior, uma hora e tal para escrevê-lo, concentrado no que pretendia dizer, sem dar conta da música, do sol que passa lá fora, enfim, absorto no incomensurável deslize, ia dizer, do pensamento, mas foi pensamento o que foi?

Duvido. Agora que tudo passou, agora já posso finalmente ouvir o CD *Say What You Mean* de Phil Guy, irmão de Buddy Guy, personagem que ainda ontem desconhecia de todo. As voltas que o mundo dá, se o truísmo o permite. E não desgosto, embora a crítica que li, ao fazer a comparação entre os dois irmãos, não tenha sido muito favorável. Mas não haverá aí um pouco de preconceito, ou mesmo, já agora, de inconsciente *parti-pris*? Sabe-se lá, e não é para rimar que saí com esse lá, o que se passa na cabeça de um crítico, as suas motivações, a natureza profunda da fundamentação que guia as suas opiniões! Não, gosto mesmo do que estou a ouvir. Como gosto do que estou a escrever.

E já agora, como gosto do que estou a viver. Já sei, deveria talvez desconfiar de tanto gosto, já sei, deveria talvez reflectir no que está a acontecer, deveria, deveria, mas não me apetece, prefiro mil vezes gozar estes *blues* que me atravessam a carne e me devolvem à alegria do dia, ou a outra coisa qualquer, por exemplo, ao sol que faz, à luz branca que entra neste escritório como se houvesse casa num apartamento apartado da convivência humana. Divago. Que bom! Passo mãos, ou melhor, dedos, pelo teclado, Phil Guy toca guitarra e canta, eu acompanho-o com estes acordes que são acordes inesperados de uma outra estética, vivida porética quando se descobriu que abrir uma passagem era fundamental para se manter a existência: o *blues* salta-me das pontas dos dedos como saltita verbal o que do ser é saliência e desejo de descoberta.

No lusco-fusco da terra nenhuma verdade
 do mundo se revela, cresce apenas o crepúsculo
 num céu emudecido anunciando a noite
 como um facto realmente indesmentível.
 Na linha do horizonte céu e terra cumprem-se
 sem rupturas numa extensão onde o olhar
 se perde absorvido pelo espectáculo teórico
 como contemplativo, adensa-se a sombra
 da terra sob a sombra ainda transparente do céu,
 mas com o tempo que passa nos seus minutos
 e segundos a distinção esfarela-se para vir
 só a negridão da noite colmatar o espaço vazio.
 Luzes de candeeiros públicos e de edifícios
 onde os homens se abrigam explodem agora
 em rituais de uma cosmologia terrestre e social,
 há uma certa beleza nesta artificialidade
 moderna e tecnológica, há mesmo um eco
 de uma irreabilidade mais subtil que nos penetra
 se soubermos intuir ou abstrair da rotina
 o que de excepcional é a história de hoje.
 Se juntarmos agora a esta visão, que se depara
 desta janela escancarada e em nada mítica,
 a música de Xenakis *Music for Strings*, talvez
 seja possível compreender-se o halo quase
 misterioso e fantástico que ganha a intrusão
 desta noite, como se a sensibilidade nossa
 e contemporânea não nos pertencesse,
 não porque estamos sempre sujeitos à alienação,
 mas porque qualquer coisa nos obriga a viver
 ou a querer viver na transcendência de nós
 mesmos, uma nostalgia do divino, explicação
 que não sei se é exacta ou se corresponde
 a uma verdade que possivelmente nem sequer
 existe depois de tantas ilusões gnosiológicas.
 Sei que a noite existe, que a música que ouço
 existe, só não sei que verdade poderão revelar.

Até que chega a hora de deixar o apartamento.
A mulher já chegou. Um beijo de despedida.
«Não demores!» é sempre o que me diz. «Não,
só tenho uma aula.» Desço as escadas sujas
do primeiro andar (o condomínio ainda não tem
senhora da limpeza) e enfrento uma noite fria.
O automóvel abre-se por magia tecnológica, luzes
que se acendem e apagam como se reconhecendo
um proprietário, mas tem que ser minha mão,
efectivamente, que abre a porta do veículo.
Logo que o motor se põe a funcionar começo
a ouvir a música do CD que está no activo,
uma miscelânea de *blues*, como não poderia
deixar de ser. E assim, embalado pelo som, vou
pelas ruas um pouco labirínticas do bairro
(nunca perceberei o urbanismo suburbano, devo
confessá-lo), até que atinjo a enorme rotunda
que me expelle violentamente das luzes feéricas
da gasoleira para me lançar em direcção
à recta que me leva à vazia Portela de Sintra.
Nova rotunda que mal contorno, não disse, nem
quis sugerir, que contornei mal, pois virei
imediatamente para a direita e descí, resolutamente,
para a espessura antiga da urbanidade intrincada,
com suas ruas e seus hábitos, e onde pontifica,
como um espaço periférico ou mesmo escondido,
a escola secundária onde me cabe ser, como
dizer, da profissão de professor, um exemplo
senão acabado, pelo menos em vias de extinção.
Estou, obviamente, a ironizar. Espero. Não vou
descrever a sala dos professores. Seria um atentado.
Deixo a afirmação assim enigmática. Colegas
no intervalo, falo com alguns de nonadas. Rio
de uma piada. Toca para o começo da aula. Saio
para o recreio, entro num pavilhão e preparo-me
para mais uma aula. Não me vou demorar.

Mas hoje é hoje, apetece-me dizer, digo-o,
 ficou dito, e depois? Depois, como tantas vezes
 o disse, a vida continua, e enquanto continua
 até parece que faz sentido, até parece que sair
 de casa para se ir trabalhar é uma acção
 perfeitamente normal, dentro dos quadros
 de uma civilidade não só civilizacional
 como também, e isso é importante, psíquica.
 Viva pois a tautologia! Imagine-se pois se hoje
 não fosse hoje mas um outro dia qualquer,
 a monstruosidade temporal instalar-se-ia
 na sensibilidade com que percebemos
 o tempo, e tudo seria caos e desastre e fim.
 Hoje estou perfeitamente escatológico! Ignoro
 porquê, já que a terra está iluminada por um sol
 em nada desprezível, e depois a música é
 uma companhia coeva nesta manhã desprovida
 de qualquer manha, embora as canções
 que se fazem ouvir, interpretadas embora
 por John Hammond no CD *Wicked Grin*,
 de título reveladoramente inquietante, sejam
 de Tom Waits, o que não deixa de ser um pouco,
 ou mesmo muito, problemático. Deixá-lo!
 Há este desejo, continuar, avançar, ouvindo
 o que não tem voz e por isso não existe,
 a inexistência que deseja a todo o custo ser
 escrita para ficar na história da própria história,
 o que é um pouco estranho. Mas que sabemos
 nós da estranheza? O que sabemos nós
 do saber, e, já agora, da ignorância? Viver,
 que é uma saída para a aporia do discurso,
 irrompe sempre como uma tábua de salvação,
 não salva nada, mas protela e adia o que o dia
 não pode resolver com as suas culminâncias
 e os seus afazeres, viver ignora o problema
 do ser, é uma problemática de sempre.

Com Arvo Pärt são precisas todas as delicadezas, e eu, selvagem que sempre fui ou pensei ser, respeito idiossincrasias. *Alina* percorre a luminosidade casta da manhã como se o mundo tivesse parado para ouvir da humanidade dos homens e das mulheres a voz de uma presença que passa muitas vezes despercebida. Sigo essa música como se fosse capaz de seguir o piano, ou melhor, como se no chão de uma floresta houvesse pegadas desconhecidas e eu tentasse colocar meus pés decalcando-as numa emoção de quem caminha ignorando para onde vai, preocupando-me apenas em não cair fora da alçada de cada sulco que se me apresenta vital para a sobrevivência da minha própria vida.

Eis pois a experiência porética. Há pegadas mais fundas umas do que as outras, fáceis de ser detectadas, de ser colmatadas na jubilação de um alcance, há pegadas quase imperceptíveis onde se demora um olhar, onde dar o novo passo?, em que direcção?, até que se bispa camuflada na superfície uma pequeníssima reentrância.

Há pegadas que não distam muito umas das outras, é fácil saltitar com um denodo expedito de sentido em sentido sentindo a alegria de um avanço rápido para o reconhecimento da libertação, há outras cujas distâncias denunciam passadas largas e circumspectas, é então preciso tomar-se fôlego e quase saltar de pé em pé num voo da imaginação pensante, se se quiser não perder a possibilidade de uma pista que poderá ser um caminho, mais ou menos viável, deixado no chão.

Não é certo, como na música que agora ouço, e cujo e piano me comove ao ponto de me deixar literalmente sem respiração, que se alcance a borda da floresta.

Às vezes fica-se apenas por uma clareira onde o sol penetra como se a beleza e a vida fossem realmente possíveis e desejáveis, para logo, quase sem descanso, pormo-nos a caminho, com ou sem pegadas, tentando abrir uma passagem onde não há mais do que o que há.

Depois da ablução matinal facultada pela música
 que acabei de ouvir, só me resta deixar meus sentidos
 nesta língua de todos os dias e fazer com ela
 o que não posso fazer muitas vezes comigo: dar-me
 alegria. Mas como? Dizem que a felicidade
 não garante obras-primas nem grande literatura.
 Que só a depressão imprime génio e transcendência.
 Farto de sofrer aqueço-me neste sol já vespéral,
 pois é exactamente meio-dia, e gozo com um prazer
 inaudito o momento que passa, nem rápido
 nem lento, antes ritmado pela fulgência ctónica
 do que me traz à culminação da escrita acusmática.
 Há palavras, como há sentimentos, que nunca
 deveriam ter existido, há virtualidades ontológicas
 que irrompem no marasmo da civilização actual
 como crimes que desejam a todo o custo
 receber a sua quota-parte do horror vulgívago.
 Não estou aí. Quero que o sol me banhe com amor,
 mesmo se impossível aos olhos da ignorância
 humana, quero que a música, quando toca,
 me toque com um fulgor e uma naturalidade
 própria da carícia, quero sentir minha alma vaga
 no meu corpo preciso, minha consciência realista
 traduzindo o que se passa à volta, nos meandros
 da realidade não só individual como social.
 Desejo em mim e nos outros ser humano. Ser ser.
 Compreender ou tentar compreender o silêncio
 da natureza como do destino, não intelectualmente,
 o que seria uma arrogância, mas no simulacro
 de uma inteligência que não põe de lado nem
 o disparate nem a disparidade exultante dos factos
 com que deparamos na experiência de todos os dias.
 Gostaria tanto que houvesse mais do que o amor
 familiar nos escombros de uma civilização
 que não se reconhece. Que o planeta fosse já
 um dado adquirido. Não é fácil alegrar o mundo!

Indisposto por ter feito uma má acção,
ter interrompido um telefonema impertinente
de não sem quem sobre não sei o quê,
mas era publicidade e um jogo e um prémio,
não sei como enfrentar a disposição
matinal da língua, nem o que eventualmente
haveria hoje a dizer do manancial vivo
da experiência humana que se acumula dia
a dia como se houvesse uma possível
intencionalidade ou finalidade nisto tudo.

E não saber, se nos dá uma liberdade
capaz de arrojos e arroubos do pensamento
como da sensibilidade, não deixa de ser,
enquanto não se decide o que fazer e dizer,
uma angústia infeliz e vulnífica, dor tão
perplexa que muitas vezes não se reconhece
a complexidade do seu profundo caos.
Daí que se busque na música ajuda, não só
uma companhia, mas também um guia.
Um fio capaz de nos fazer sair do labirinto
que é este nada onde impera o silêncio,
não o silêncio que nos ama e constitui, elo
de discursos e de recursos insuspeitos,
apelo e desvelo de línguas traduzindo-se
numa só língua, a do ser sendo. Outro
é o silêncio que atemoriza e dói, o terror
do mundo e o horror da solidão, o véu
indisfarçável de uma impotência humana
perante os problemas que continuam
ao longo dos séculos a ser problemas como
se nada mais fosse possível que se viver
para depois se morrer num destino biológico
em nada diferente do dos outros animais
que habitam esta terra. Que foi já pensada,
em ilusões passadas, como podendo ser
poeticamente habitada pelo homem resolutivo.

Pierre Boulez esmera-se nesta peça, *Sur Incises*, que conheço de um programa televisivo duplo, um em que se explicava ao público a elaboração da peça, o outro em que se a executava, embora este verbo deixe muito a desejar em qualquer língua. A modernidade é, ou deveria antes dizer, foi, isto, mostrar o detrás da cortina, o que outrora se escondia como constituindo os segredos da arte. A dessacralização teve o seu momento alto, ignoro, contudo, se fez mudar alguma coisa no mundo em que se vive. Só isso teria importância. Dizer que se mudou a música ou a arte para sempre é dizer nada, não significa absolutamente nada, se nada mudou realmente na vida das pessoas que vivem e das gerações que vão aparecendo como se fosse possível e viável pensar-se ainda em termos da existência de uma história humana. Histórias são efabulações que contam. Daí, devo dizer, as minhas reticências. Não é preciso ser-se um povo genial para se ter chegado à conclusão: «Quem conta um conto acrescenta um ponto.»

Que faço pois eu aqui? Ora, minha tarefa é, se posso exprimir-me assim, *descontar*, testemunhar evitando justamente a história, não contar sequer com a memória, ou só, diariamente, com a memória do presente, trazendo justamente à língua a escória dos dias, esses factos imperceptíveis, irremeáveis, insignificantes para o panorama que se procura oferecer numa História abarcando o mundo coevo e a humanidade na sua globalização diferenciada. Não, esta música de Pierre Boulez, *Anthèmes 2*, só interessaria ou interessará possivelmente a uma história da música contemporânea ou já do século vinte, eu integro-a porém na minha vida, e hoje, como se nada fosse, e por isso como algo de verdadeiramente essencial: incapaz de história por vivê-la original.

Tarde demais para fazer perguntas
como: «Que vou fazer da minha vida?»

Faço-as no entanto todos os dias.
Nada está resolvido. Enquanto houver
vida há angústia, não é o que diz
o provérbio? E no entanto, embora frio
o dia, um sol razoável torna a vida
razoável, dá-lhe algum conforto, calor,
essa luz que aquece todas as vezes
que a janela é abordada pelo olhar vivo
que se lança ao horizonte em volta.
Vento nas copas das árvores. «Que vai
ser de mim? Viverei muitos mais
anos? Terei saúde? No seio da família?

Neste país para sempre pobre?»
«Sun, sun, sun!» cantou, e já foi há tanto
tempo, Jim Morrison, também eu
lhe repeti o gesto: «Sol, sol, sol!», não
me lembro se regressado a Portugal
ou então na Califórnia que ele tão bem
conheceu. Mas que sol será capaz
de nos ofertar a paz de espírito, que sol
capaz de iluminar o que se oculta
dentro de nós mesmos como escuridão
intraduzível e incompreensível?

Não se consegue a paz, mas o corpo
pouco a pouco sente a blandícia
dessa mão quase maternal, um abraço
tão íntimo do calor, do casulo, cor
de uma mítica e argiva cora, expansão
de quem se é no que se é, ou vice
versa, universo abrindo-se numa obra
em que não se reconhece a língua
ou a consciência, tudo dança, esperança
agora de qualquer coisa de carnal,
de visceral, onde o animal se ignora ser.

Uma semana perdida em afazeres discutíveis que não vou discutir, como recuperar o tempo perdido? Não há nada a fazer. Resta-me apenas continuar a viver como se houvesse em frente muitas oportunidades para vir aqui, este não-lugar, este não-tempo, este fragmento verbal em posição muitas vezes ontológica, muitas vezes hermenêutica, muitas vezes simplesmente existencial e histórica. Apanhado de surpresa com o início deste porisma, ignorando porquê, já que fui eu que o provoquei, fico um pouco interdito diante da expectativa disponível da língua e do mutismo da realidade, como se tivesse perdido, com a breve semana de ausência, uma relação, uma possibilidade de estender agora minhas mãos ao inevitável real que nos envolve de sentidos e de formas. E a pergunta explode: Que dizer? Que havia ou houve de tão fundamental a dizer durante essa semana perdida em tarefas inessenciais? A resposta honesta é só uma: Nada. Confusão é a tonalidade afectiva que me toma, fará sentido tudo o que escrevi até agora neste texto incoativo? Se nada havia ou houve a dizer, como pude ter perdido esse nada? Nada é alguma coisa que se possa perder? O raciocínio parece que avança, mas não tenhamos ilusões, ficou encalhado algures, a aporia é plena, embora a linguagem continue, eis o mistério da escrita e da fala, parecer que se diz algo quando o dizer se furta em cada palavra proferida. Resta-me sugerir, estúpido, em plena apologia do disparate, que o nada pode ser dito e até, mais do que isso, pode mesmo ser, embora ignore o alcance e as consequências de tais palavras. Muito do pensamento vive desta independência do real, mas também, diria eu, da impotência em tocá-lo na sua contingência ultriz e indefinível.

Mas não se pode ficar paralisado diante do nada, seja o que for. A vida continua e quem escreve continua a viver como se fosse simplesmente natural o que está a acontecer. Não é assim que as coisas se passam? Não vou reflectir agora sobre a natureza desta naturalidade, é um problema interessante, mas o meu problema agora é justamente não querer reflectir. Antes permanecer fluindo na manhã como a música que se faz ouvir, sentindo e absorvendo o que há para ser sentido, para se fazer sentido, para fazer sentido, formulações que não significam a mesma coisa, espero, ou o exercício da linguagem seria uma coisa vã e, já agora, sem sentido. Aprende-se muito a escrever, apreende-se muito mais a viver, não me perguntem se isso me valeu, no meu caso, de alguma coisa. Tudo depende da perspectiva. E dos objectivos a alcançar. Eu procurei sempre a cura, a sobrevivência, o que me faz desmentir a asserção do começo, quando tratava do viver como se fosse uma coisa muito natural. Confesso, nunca o foi para mim, ainda hoje não o é. Viver é-me tão excepcional que todos os dias me admiro de estar vivo. Todos os dias é esta maravilha, acordar vivo, ter envelhecido, eu que não me dava muitos anos de vida. Porquê? Porque sempre pensei que não resistiria à crueldade do mundo. Minhas doenças, sem dúvida genéticas e carnais, sempre as senti como reflexo da agressão social, ataques à fragilidade que me caracteriza, não só física como psicológica. Percebi desde cedo, álalo de sofrimento e de espanto, que este não era o mundo onde pudesse habitar como uma casa ou um lar. Adaptei-me o melhor possível graças à companhia da língua, não porque nela haja um ser ou uma casa, mas porque nela se abre uma janela para outro mundo.

Insano de mim mesmo procuro recuperar com palavras o tempo realmente perdido, escrevendo, escrevendo, sem saber muito bem o que estou a dizer, lançando-me veloz em frente como se assim pudesse regressar atrás, o que é uma impossibilidade aceite. Fazendo avançar o livro virtual que existe no que inexistente, querendo ganhar tempo, mas tempo é coisa que se possa realmente ganhar? Ou, já agora, perder? Melhor ficar uns minutos de reflexão diante do branco do écran, o mesmo é dizer, de mim mesmo, tentando ouvir o que a realidade procura transmitir nesta precisa hora do lúrido dia. Passaram alguns minutos, só ouvi a música acmástica dos Tindersticks num CD duplo, *Working For The Man: The Island Years*. Lá se foi a meditação. Não o prazer. Não se pode ter tudo, reza o truísmo. Mas eu, que digo eu, que profiro eu? O desejo foi e é, continua a ser, de avançar, mas como?, se falha a inspiração e as palavras não dão ao pensamento a possibilidade de se fazer um discurso, mesmo se mínimo, mesmo se diminuto, mesmo se (e é, prolixamente, não sei se se apercebem, a utilizar a redundância que se procura preencher um vazio enorme, do tamanho do universo sem anverso nem reverso, reduzido só ao simulacro do verso) incompetente para abarcar o que de real não se deixa fixar numa amostra legível da realidade que nos conforta como coisa. Apetece pois disparatar como tantas vezes o fiz sem ser muito bem compreendido, eco de explosões ontológicas e refugio de leis onde outrora se pensou um futuro presente.

«Só mais um, só mais um!» exorto-me e exulto
como uma criança apaixonada com um jogo.

Sinto que não tenho mais idade para isto, mas
que fazer, abandonar a língua logo agora que sinto
também a urgência estupefacta de continuar
com ela a fazer um certo, como direi, amor?

Não vou virar as costas ao chamamento. Terei
que inventar um mundo e que despedir a terra onde
nasci? Não o poderia fazer. Falta-me a imaginação.
Apego-me pois ao real como quem se sabe absorto
nos sentidos do corpo e da consciência, olho
para todos os lados e em toda a parte vejo coisas,
objectos, um reconhecimento, como se hoje
fosse apenas uma extensão de ontem, variável
embora, com outros acontecimentos e outros factos,
mas cujo pano de fundo continua a ser a permanência.

Verdade que tudo muda, até a mudança, mas a serra
vista desta janela não deixou de ser serra, hoje
coberta por uma espessa neblina. Que seria
de mim se, ao acordar, manhã cedo, abrindo
as cortinas, desse com uma planície a perder
de vista? Diria, estou louco! Ou, onde estou?

E essa pergunta não seria em nada metafísica.
O tempo e o espaço não são para serem pensados.
Muitos filósofos se perderam nos seus meandros,
inventaram conceitos, tentaram delimitar e definir
situações e ocasiões, todos eles se perderam icásticos
em dédalos obscurecidos pelo léxico contextual.
Mas podem ser intuídos, isto é, sentidos pelo corpo,
e até mesmo pela consciência, sem o concurso
da língua: deiscência absoluta do real realizando-se
na incomensurável medida de um testemunho
onde a réplica ecoa de percepção em percepção
como toques de peles em corpos amantes expondo
o que neles se aproxima de uma relação tautológica:
o espaço advindo tempo no tempo do espaço.

Não há razão nenhuma para que esteja a ouvir o *War Requiem* de Benjamin Britten, nem espero que o facto de mencionar esse facto vá influenciar o decorrer desta experiência porética. Afinal tudo é acaso, ou quase tudo, para não ser demasiado taxativo ou dogmático em afirmações que podem ser consideradas conflituosas ou problemáticas. Vou mesmo tentar esquecer ou abstrair-me da emoção dessas sonoridades passadas, a atenção está antes virada para a janela indiscreta onde um sol matutino, se não matuta numa prosopopeia própria da epopeia (e remeto, como sempre faço, os leitores esclarecidos para a etimologia do termo), esclarece ou elucida, com uma lucidez própria da luz, a visão que tenho do fora, uma escola em primeiro plano, casario logo depois em sucessivas manifestações suburbanas, e depois a serra toldada por uma neblina cinérea, embora fosse meu gosto desobedecer esteticamente ao real para introduzir um adjectivo como «nívea» ou mesmo «espermática», plagiando-me assim abertamente sem qualquer “anxiety of influence”. Mas o problema da verdade, depois de tantos anos de escrita e de vida e de negação, continua a ser para mim a verdade do problema: Que fazer? Nada. Para cá da janela está-se dentro do apartamento. Num quarto minúsculo que serve de escritório. Minha mulher pensa que sou escritor por me ver a escrever, rodeou-me dos poucos livros acumulados ao longo dos anos, colocou uma secretária no meio do quarto onde nela pontificam os instrumentos do que me repugna chamar trabalho. Viver seria então uma mistificação. Aqui estou, um escrevedor, e a diferença com o escritor é enorme. É como se uma nova civilização tivesse começado neste gesto simples e amante. Só que ninguém dá por isso. Mas não dar por nada não é apanágio de hoje?

Não sei, verdadeiramente, se é uma liberdade da acção verbal, mas sinto que a consciência aceita melhor as palavras que explodem na sua corrente, há mesmo uma fluência, a língua solta, não porque o mundo esteja solto, não porque a terra esteja liberta do mal infligido pela ganância de alguns homens, não porque o sol brilhe de um modo diferente. Algo indubitavelmente mudou e eu ignoro o que mudou afora esta liberdade verbal que me instiga a dizer o que nem sonhava que quisesse ser dito ou pudesse vir a ser linguagem nos limites da língua quotidiana. Eis pois o tempo do disparate. E quando, num adejo da inspiração extemporânea, me preparo para extroverter os mitos cruéis da cumplicidade e da pusilanimidade coevas em derisões e irrisões incomensuráveis, eis que sinto o peso quase filosófico do disparate, como se estivesse diante de um segredo, de um sigilo, de uma importância essencial para o pensamento e a sensibilidade daqueles que se fazem mundo no enigma sem mistério da terra, ou vice versa, que o paradoxo é um paroxismo excruciante remetendo, num vaivém adveniente, para a oscilação do que ainda hoje se chama compreensão. E assim, sem pretender a uma sabedoria caquéctica ou mitificada, em vez de exultar na fruição quase sexual, mas frustrada, de uma destruição das leis que governam o mal, exorto as forças da imperfeição humana, exumo as passagens nunca abertas, divulgo, como se nada fosse, o nada que quer ser, esta esperança de uma vida melhor para aqueles que vivem para a encontrar.

Passam as nuvens num céu baixo, passam como se tivessem que passar. Passa o tempo pelas nossas vidas, e agora deveria acabar a frase, dizendo, como se tivesse que passar. Não o disse mas escrevi-o, é a mesma coisa. Lembrando-me do que li ontem, ou domingo, de uma breve passagem de uma entrevista de Bob Dylan em que ele falava justamente sobre a impossibilidade de se reter o tempo. Há quem pense que uma canção, ou mesmo um poema, é um êxtase, uma saída do tempo para uma eternidade incapaz de deterioração. Uma fuga. Há quem pense que esses hiatos são fundamentais, expressões de um mundo outro, pré-existente ou pós-existente, lugar onde não há lugar para a passagem do tempo porque tudo se resume a um momento, o tal lapso ilapso, embora muita boa gente não se sinta com coragem para dizer o que lhe vai na alma, por motivos ideológicos ou outros. Compreendo-os e não estou aqui para julgá-los ou criticá-los. Só me apetece escrever: Passam as nuvens num céu baixo, passam como se tivessem que passar. Sentimentos não se discutem. Atitudes perante a morte que se aproxima com o tempo que sempre passará, com ou sem êxtases, com ou sem ilapsos, não se discutem. A vida já é muito difícil de se viver. Aceitar-se uma condição humana onde há nascimento, envelhecimento, e depois morte, não é fácil. A humanidade é, senão visceralmente, o que seria um oxímoro, mas espiritualmente, mortal. Claro que não somos nuvens, mas, como elas, também nós passamos. Saber passar bem, infelizmente, nunca preocupou seriamente a humanidade.

Nada como uma sensibilidade atmosférica para se reconhecer este sol ainda matinal, o céu uma página azul onde se poderia escrever um qualquer texto capaz de dar conta do destino da humanidade e do globo. Claro que o termo «humanidade» levantará alguns problemas, não é preciso estar aqui Alberto Caeiro, que nunca esteve em parte nenhuma, senão na cabeça ideologicamente filosófica de Pessoa, para nos fazer lembrar que abstracções e generalizações são erros não só linguísticos como ilusões intelectuais. Ele diria, como tantas vezes eu disse, que há apenas um incomensurável número de homens e mulheres e crianças espalhados pela terra dividida em continentes e regiões e culturas e línguas e países, e que as diferenças entre essas comunidades, devido aos seus vitais interesses, impedem uma qualquer ideia de unidade ou mesmo de identidade no ser dos seres humanos que pensamos habitar.

O homem não é o espelho do homem. Disse mal. O homem não é a sua imagem no espelho.

O corpo não basta para que se possa fazer um reconhecimento, para que alegremente se conclua dizendo: eis um semelhante. Falei, nas minhas andanças pelo mundo, com pessoas que estavam nos antípodas de mim, não eram apenas o outro com que temos de lidar, eram o outro *outro* com que nunca saberemos lidar porque nenhuma relação é na verdade possível. E no entanto, aparentemente, falava-se a mesma língua. Falso. Não havia diálogo. Há muitos planetas no planeta que há. Muitas convicções. Muitas certezas. Muita sabedoria. E por isso, muita cegueira. Compreendê-lo é que é difícil.

Um silêncio sincero sidera aliterante a manhã que desliza com a imponderável necessidade que é apanágio das coisas, eu deixo-me levar no embalo do tempo, sem pensar em nada, como se no nada não houvesse mais nada para se pensar. Pensamento um pouco, ou muito, já agora, arrevesado. Apetece-me ser como o sol, isto é, e se faz sentido, apetece-me brincar. Não que a vida seja uma brincadeira, não que se viva no melhor dos países, não, mas muito futilmente talvez, não sei porquê, e por isso ignoro, e por isso sou redundante, apetece-me repetir e dizer que realmente hoje me apetece brincar. Estou irreconhecível. Tanto melhor! A exclamação foi exclamada, só espero não perder o embalo, esta toada, estou a ir tão bem pelas linhas abaixo, estou a cair em queda livre num desses exercícios radicais, afinal quem é, no panorama cultural pátrio, mais radical do que eu no que faz e desfaz e refaz numa desobediência ultriz aos cânones e ao estabelecido do tumefacto? Quem? Só poderia ser eu. E faço-o como se nada fosse, sem um programa nem uma teoria. Claro que encontro aqui e ali um conceito, ou melhor, um termo em predisposição vaga de pensamento, aproveito-o enquanto posso, mas depois deito-o ao caixote do lixo porque a vida continua e o que interessa não é ficar fixo numa descoberta, mas andar pé ante pé pelos meandros da existência intelectual como emotiva, atravessando alegremente as passagens que se apresentam aos sentidos, sentindo que assim até vale a pena viver, ora na euforia de efusões com a realidade viva, ora confuso com a incompreensão de um fim.

Este sol depois de uma semana de chuva, este sol, repito, repito-me, este sol, este céu tão azul e tão límpido, esta manhã tão viva diante de mim, como se a vida fosse ainda possível para quem como eu já viveu tanto! Estas cores entrando no olhar, esta alegria feita não de acontecimentos que ocorrem ou ocorreram, mas das coisas que existem como se fizessem parte da nossa existência, e nos fossem por isso co-existenciais. A luz. Não a pureza ou o esplendor ou a eternidade. A luz que bate contra as fachadas num clarão acmástico e acusmático, como se reflectissem em alucinações visuais e não sonoras a fala de uma experiência terrestre, embora seja apenas uma iluminação silente o que atrai o olhar quando este se perde no púvio fora. Sou feliz? Sou feliz. Não me importa o que de mal aconteceu antes ou poderá acontecer depois. Agora, neste preciso momento, sou feliz. Sinto o que vejo com a simplicidade de possuir sentimentos, penso o que sinto com a naturalidade de quem ainda possui uma consciência apesar do tumulto ocidental. Não há medo nem angústia no meu olhar, há apenas uma estranha descoberta, reconhecer e viver em mim um fora como se fora normal ou mesmo saudável, como se fosse possível experimentar-se tudo numa existência, até o mistério de, ao mesmo tempo, não haver mistério em se ser e não se ser ao mesmo tempo, se o pensamento aqui esboçado for bem compreendido. Deixa-me pois repeti-lo uma vez mais: este sol e este céu e esta luz. Este homem que escreve e esta terra onde felizmente se vive e onde um dia se morrerá.

Talvez seja tarde demais para vir aqui,
talvez vir aqui seja sempre uma impossibilidade,
talvez depois de uma manhã de trabalho
não haja mais cabeça para que haja língua capaz
de alguma realidade. Há música, os *blues*
póstumos de William Clarke nunca foram tão
actuais e contemporâneos, mas que fazer,
se me dizem que o senhor já faleceu? Dias estes
sem préstimo, muito trabalho, não dá sequer
para se prestar atenção ao ser sendo, para se gozar
o tempo no seu eco vibrando de encontro ao
encontro, sentindo-se a vibratilidade à flor da pele,
poro a poro, ou não fosse ela porética. Não,
o trabalho desvirtua as pessoas, automatiza-as,
transforma-as em peças de um ingente zero
que gira cego como um meteorito perdido no zelo
infinito dos céus onde dizem que há cosmos.

Preferia que houvesse agora uma cama ou um sofá
para descansar. Mas antes ainda tenho que
passar pelas abluções que já nem serão matinais,
depois pela refeição frugal, e só então a sesta
poderá coincidir com alguma sonolência precária,
pois mais tarde tenho uma reunião no local,
vejam lá e vejam logo a desgraça, do trabalho!

Um pouco de abandono na dimensão rara
e ontológica do nada viria mesmo a calhar, não
estou a falar da premonição da morte, estou
simplesmente a sugerir uma atmosfera de prazer
onde pudesse, sem regressar estupidamente
à infantilidade da criança e suas ígneas adjacências,
me prostrar como um animal saudável e vivido
na incomensurável perspicácia da temporalidade.

Sempre com a música como pano de fundo,
sentindo em suas harmonias e ritmos os rumos
que não foram ainda esboçados, as viagens
futuras que esperam quem as deseje percorrer.

Aqui está um fragmento que em nada dignificará a ocasião sempre precária deste livro, porquê então escrevê-lo? Não saberia responder. Nada me obriga a nada. E no entanto sinto que os dias têm passado sem que nada tenha passado por estas regiões da língua, ousarei dizer, do ser? Disse-o, e já estou arrependido. Não estou bem. Meu corpo meu maior inimigo. Fará sentido exprimir-se assim a dor física? O medo da morte próxima? Até minha alma reapareceu para logo me abandonar, ei-la tão baixo no chão do desespero que não consigo fazer dela um apogeu de ânimo ou de esperança. Ei-la não querendo pertencer ao corpo que também sou, e como a compreendo! E no entanto há uma música que quase me embala (*Beyond the Missouri Sky*), e entretanto há um sol que paira no céu como se eu pudesse ser viável e vivo: que mais quer meu corpo para me deixar sossegado no remanso de uma existência onde me fosse possível dar vida à vida? Estou a ser um pouco pretensioso, certo, e por isso vou reformular o que afirmei, assim: onde pudesse testemunhar eventos ou produzir pareceres que mais nenhuma história estará interessada em reconhecer e muito menos em coligar. O poreticismo como conceptualização inovadora é mais do que um *ismo*, é um verdadeiro istmo tentando ligar o que à primeira vista pode parecer disjuntivo ou propício ao desterro da auto-exclusão: poros fazem as peles das sensibilidades que se tocam amantes.

Não, não vou cair na armadilha do sofrimento.
Seria uma vergonha. Foram tantas as vezes
ao longo dos anos, ao longo de décadas, não,
não vou fazer sofrer a língua só pelo facto
de estar neste momento a sofrer. Foi tempo!
Estraguei milhares de versos por causa de mim,
ou melhor, por causa do meu corpo. Planos
que fiz foram desbaratados perante a urgência
de conflitos físicos como espirituais, perdi
uma arte e o sonho adolescente de uma afável
carreira, só porque o aguilhão estava lá, estigma
ferindo a carne até a um âmagô que me fez
desacreditar de mim mesmo e do próprio mundo.
Não, não, não vou cair mais nessa armadilha.
O sofrimento sofro-o agora, desverbalizado,
no corpo ou mesmo na consciência, nada
de o trazer para o palco da linguagem escrita,
foi um abuso em que me deixei iludir, não,
mesmo que este texto pareça uma concessão
pela denegação veemente que aqui se intenta.
E mesmo que não haja nada para dizer, vou
dizer esse nada com toda a alegria do meu ser,
rimando e tudo, mesmo que esteja bem longe
do que já foi outrora a poesia. Há sempre o real
de que se pode falar, a distância de mim a mim
e de mim aos outros, há sempre um sol lá
fora como há quase sempre uma música capaz
de nos alagar de paz ou de ritmos insuspeitos.
No ritmo da luz que penetra neste quarto vou,
sem possível comparação, como quem vai
pela vida porque nasceu sabendo que um dia
terá que morrer disto ou daquilo. Não será
do sol ou da música. Mas do simples facto
de ter nascido. Assim é a vida, dirá qualquer
um imbecil. A sabedoria reconhece a fraqueza,
não procura esconder o mal que do mal advém!

Na cristalina translucidez da manhã fria a luz
que pervaga apazigua em distâncias o olhar,
não há mais do que uma brisa se há uma brisa,
tudo parece retido para uma fotografia, exceção
feita aos automóveis que, ao longe e num troço
de uma não sei se lhe chamar rua se estrada,
passam nos dois sentidos, único movimento
que se divisa desta janela virada para um sul
onde o sol ainda não irrompe pela força cósmica
das circunstâncias em que está envolvido.

Envolto nesta imanência imane do real sinto
que não devo perturbar a paisagem do momento,
ou o momento da paisagem, com qualquer tipo
de sentimento ou pensamento ou mesmo
de uma emoção uníloqua, logo, este porisma
não deveria estar a ser escrito, pois escrever
exige de quem o faz certas faculdades mentais
ou afectivas: pensar, sentir, comover-se.

Mas é tarde para voltar atrás, isto é, ao nada
de onde partiu, se partiu, este texto tecido
das impressões matutinas. Haverá pois sempre
uma contradição entre o que se diz e pensa
e o que se faz. É da ordem, ou da desordem,
já agora, das coisas. Não, não vou, prosopopeico
de mim mesmo na distância de que as coisas
não me são, propor estados de alma para isto
ou para aquilo do que ainda se considera parte
da natureza, mas referir o que quer que seja
de qualquer coisa é já feri-la de morte, pois
se comete o crime de transladar para a língua
o que vive no domínio do real e não da realidade.

Fazemo-lo todos os dias como se nada fosse.
Mas este nada é, é ver como emergiu vingativo
ou reivindicativo na consciência deste percalço.
Só que, falantes, nunca estaremos à sua altura.
O silêncio exigiria do mundo uma outra medida.

Encostado a uma parede da casa gozo o calor do sol reflectido e refractado, a tarde virada para o sul, o vento quase inexistente, o silêncio fazendo dos campos em redor a paisagem de um Inverno que tem contado com a chuva. Mas há mais de uma semana que não chove. Veio o frio. Mas junto à brancura desta parede reverberada de calor dir-se-ia que a confusão se instalou nos sentidos, tudo é Inverno pelo olhar, diz-nos porém o corpo que um mergulho na piscina até que seria uma boa ideia nesta tarde quente. A parede funciona como um enorme espelho espalhando esta estranha sensação de conforto e de desequilíbrio. Sentado e silencioso vejo um pássaro que volita e saltita a uns escassos vinte metros, como se pretendesse comunicar comigo. Não é um pardal. Não me é de todo desconhecido. Desconheço-lhe o nome. Tem no peito uma tonalidade avermelhada, sem ser verdadeiramente o vermelho a cor de que se trata. Ensaio um assobio. Espúrio. Esvoaça sem graça numa precipitação incompreensível e revoluta como se não tivesse achado graça à tentativa canhestra de uma conversação. Homem e bicho. Harmonia do universo. Indiferença da natureza. Frases que irrompem na consciência. O sol está ótimo, penso, como pensaria de um prato, ou de um vinho. Não é estúpido? Será hedonismo ou um reflexo do consumismo? Eis o problema. Com que, devo dizer a verdade, não me preocupo. Gozar o sol, a visão do pássaro, a audição subtil do silêncio. Passar no tempo, respirando, minuto a minuto, segundo a segundo, como se nada mais houvesse a fazer. Que mais haverá a fazer? Viver, viver, suspirei tantas vezes, ignorando o que estava a tentar sugerir ou dizer! Saberá o sol que é sol?

Não que não queira falar de mim, quero falar de mim,
 mas de mim nenhum falar atinge a consciência
 da língua, como se não houvesse mais eu onde há
 ainda uma pessoa civil para a comunidade
 de que faço uma mínima parte como membro
 anónimo ou desconhecido. Está tudo bem.

Às vezes deixo de pensar para melhor intuir-me,
 e o que descubro não é muito encorajador.

Estou num beco sem saída. Não como homem, mas
 como ser. Não consigo atingir as fímbrias
 do que deveria ser um ser humano, depois de tantos
 anos de esforço e de luta. E depois, o mundo
 onde vivemos não permite que tal projecto se possa
 realizar na pessoa de uma só pessoa: remar
 contra a maré não leva nem à fonte nem à foz, fica
 quem rema contra a corrente no mesmo ponto,
 cada vez mais fraco e cansado, incapaz de avanço
 ou de uma qualquer conquista ontológica.

Este mim de que não sei mais falar existe, mas é
 feito de um silêncio paralisado pela dor
 e pelo sofrimento, não tem mais consistência, está
 animicamente e psicologicamente desprovido
 de qualquer conteúdo, continente vagueando perdido
 pelo abandonado mericismo da derrelicção.

Daí que a sua única tábuia de salvação seja ainda
 o disparate desferido como rajada hermenêutica
 em momentos de alta tensão, o corpo desentendido
 com o espírito, a consciência aberta num hiato
 hiente que mais parece uma ferida contemporânea.

Há mistérios onde não há mistério! Há vida
 onde parece que já a morte campeia. Incendeia dia
 e noite a presença estupefacta da uma ausência.

Como se saber de onde a onde vai o eu de quem é
 para mim uma fala devoluta, que mim subsiste
 no que existe da língua que exige ainda consciência?

O ser, para ser humano, teria que ser comum.

Que estou aqui a fazer? Que vim aqui fazer?
 Que há aqui de vida ou de mundo que me possa
 reter? Retido na perplexidade das perguntas
 fico-me abismado sem saber responder, terei
 que passar, ainda e sempre, por este processo
 todas as vezes que o desejo me atar (prevista
 a cacofonia) a uma escrita imprevisível e futura?
 Na iminência de uma reticência arco com a reflexão
 de uma responsabilidade, imiscuo-me na língua
 como se fora nos arcanos da realidade, realizo
 um sonho longínquo e incomensurável, ser caos
 por entre os sons que soam elícitos da peça
Le Triomphe de Bacchus, de Claude Debussy.
 Nada resiste ao furor com que autentico a dor
 que queima, sou desgaste e resgate, dislates
 onde a inteligência razoável não se pode rever
 porque lhe falta uma forma e um conteúdo, nó
 de uma materialidade inconcebível, pó parco
 dos dias que passam perdidos em embaraçados
 limites da frustração percebida ontologicamente.

Onde não há pensamento não poderá haver
 nem loucura nem soltura, há apenas esta música
 onde sinais deslizam como segundos seduzidos
 pela abstracção enganadora do tempo, dicções
 confundindo-se com dições, épocas com ápodas,
 estruturas desfiguradas pelo inebriamento culto
 do conhecimento da história das línguas, surtos
 de apogeus em apotegmas apostemosos: queda!

Que faço pois aqui, implícito e desbaratado?
 Quem me desfiz? O que me levantei? Que *que*
 é este *quem*? Ou vice versa? Perversa e diversa
 a língua escorre pela futura página do futuro
 livro como se houvesse ainda uma liberdade,
 mas é mentira, só existe esta possibilidade tão
 exígua como exicual, esta sobrevivência ténue,
 passar despercebido na fricção da passagem.

O clarão níveo do sol já não cai sobre a serra.
 O dia mais pequeno do ano aproxima-se.
 O solstício de Inverno há muito é comemorado,
 no ocidente, com o Natal. Ignoro de todo
 o me que faz escrever estes truísmos desavindos.
 Na ignorância do sol poderei dizer que ignoro
 quem escreve um clarão desaparecendo
 no horizonte como se a terra fosse realmente
 redonda? Poderei dizer que o fogo ígneo
 e redundante é uma bola e um halo de luz branca
 culminando na sua extinção? Poder-se-á
 ainda dizer alguma coisa, ou o que quer que seja?
 Haverá língua para isso? E uma relação?
 Minimamente plausível? Desaparece, está agora
 mesmo desaparecendo o sol, a luz foi-se,
 foi-se o calor, é impressionante, tenho que me
 levantar para correr as cortinas e mesmo
 assim preciso já de acender o candeeiro elegante
 que pontifica sobre a secretária onde, onde,
 dizer trabalho será um perjúrio, uma falsidade,
 que dizer? A aporia. Não contava com ela.
 Pelo menos agora, e muito menos neste porisma
 um pouco desleixado, abandonado a si outro,
 que é uma maneira para evitar o chavão do «si
 mesmo», mas não só, dadas as sugestões
 filosóficas subitamente aí contidas, como por
 acaso, que é sempre o sinal da mestria
 da genialidade. Não, não, estou a brincar. Nada
 de provocações ou de inúteis megalomanias.
 Dir-se-ia que o clarão do sol me fez mal. Agora
 nada mais me resta que falar do crepúsculo,
 uma silhueta negra contra um céu ainda visível,
 alguns lampiões já acesos ao longo da rua
 ou da estrada (que sei eu do que sei?) que vai
 de Mem Martins para a Portela de Sintra,
 alguém fazendo de conta que está a escrever.

Céu limpo onde nenhum arrebol ousou
entontecer os sentidos do homem que sou,
limitando-se a ganhar a tonalidade da escuridão
que lhe é normal, sem que estrelas possam ser
vistas no preciso momento em que escrevo.

Luzes acesas e titilantes na espessura negra
da terra, pontos de suspensão alertando alegres
para um espaço onde não se vislumbram mapas,
mas apenas a ilusão de distâncias geométricas.

Fundo sem pano nem papel, nenhuma escrita
é possível nessa superfície tauxiada mais no real
do que na realidade, nenhuma comunicação,
nenhuma informação, apenas um frente a frente
onde está ausente uma voz, mesmo que haja sentido
no que se sente como um imponderável eco.

Claro que se pode inventar. Que se pode atirar
palavras contra o mutismo do silêncio, e depois
dizer que se atingiu o âmago das coisas, a verdade
onde elas existem como acontecimentos.

Até se pode traduzir os acontecimentos vividos
em factos (mas, conhecendo a etimologia, fica-se
com o logro da mentira a descoberto), pode-se
mesmo sugerir que se desceu aos infernos
para deles subirmos iluminados numa orgia
que dura há séculos. Só nos custa afirmar que nada,
mas mesmo nada, se pode dizer do que se sente,
desse frente a frente onde nenhuma realidade
é possível por ser possível o confronto com o real.

Apareceu, como por encanto, no céu escurecido,
um ponto luminoso: estrela ou planeta?

Brilha sem pestanejar, será Vénus? Deixo o olhar
perder-se pelo firmamento, não procuro
porém a analogia nem o símbolo. Basta-me sentir
que estou a sentir, mesmo não sabendo o quê:
será qualquer coisa, será um nada, será apenas
um sentido perdido na constelação dos sentidos.

Janeiro poder ser o primeiro mês do ano,
não digo que não seja, pois não quero
que pensem que o meu pensamento é
monstruoso ao não acreditá-lo, isto é,
ao não lhe dar crédito, como sendo, mas
para mim Janeiro é desde há alguns anos
um mês final, conclusivo, irremeável.

Nele desapareceu minha mãe e nela,
até certo ponto, desapareci eu, eu cujo
egotismo era causa de desequilíbrios raros
nos anais da história da mitologia pessoal.

Perdi-me na sua perda. Há quatro anos
que duro sem durar, que atravesso o tempo
como se não me reconhecesse no espaço,
que a procuro num não sei o quê fatal,
talvez pela primeira vez filho, eu que fui
em sua vida tão avesso a familiaridades
do convívio, sempre em paragens mais
ou menos longínquas, sempre em viagens
que não me assinalavam, paradoxalmente,
nenhuma distância nem nenhuma saudade.

Porque sabia, intimamente, que poderia,
a qualquer hora, regressar. Agora não há
um onde que me faça um outro Ulisses,
só há o sol dardejando ausência no fulgor
e na fulgência da sua luz, a casa onde
um pai ainda resiste à certeza da morte,
um filho que junto ao pai não encontra
nem poderia encontrar a presença da mãe.
Janeiro não me traz nada de novo. Nem
de velho. Antes levou-me quem pensava
que não tinha que sentir como emoção
de uma falta ou de uma falha, falhanço
terrível para um homem da minha idade.
Um silêncio suspicaz fere a feliz facúndia
do sol, ousarei alguma vez ser só vazio?

Tenho que continuar, tenho que continuar,
não posso ficar aqui perdido no clarão do sol,
não posso deixar o tempo passar por mim
como se eu fosse uma pedra ou um monumento,
tenho que continuar o caminho iniciado há
muito, numa outra terra e num outro tempo.
Ficar aqui parado seria consentir a morte viva
que me quer viver para melhor ser de mim
o que eu nunca ousei ser de nenhum destino.
Tenho que continuar, tenho que continuar.
Um sol de Inverno invade-me em incitações
celulares e misteriosas e quase biológicas,
deseja-me boquiaberto perante a beleza
icástica da sua imensidão sideral. Siderado
fujo da sua injunção e recomeço o caminho,
sem saber que direcção tomar, mas sabendo,
contudo, que onde quer que eu vá haverá
certamente um lugar para me acolher do frio
e da ilusão terrestre com que se nasce: ir
é a decisão, uma cisão de há muito, sempre
em frente, seja qual for o horizonte, mas ir,
avanzando nem que seja um parco milímetro
de consciência, da consciência humana que
se quer adquirir na travessia da vida, da era,
da experiência que ficará como uma outra
história dentro da história que geralmente
conquista o poder pela crueldade cúmplice
dos seus meios na sabedoria das nações.
O mundo precisa de ser emundado: quem
o fará, senão aqueles, poucos ou muitos,
que se negarem à exploração do trabalho?
A vida na terra não suporta mais a ganância
dos que pretendem dirigir a ilusão mundo.
Temos vivido de ilusão em ilusão, quando
se viverá da humanidade que nos espera
desde sempre como um futuro já passado?

Mergulhado em *blues* não me sinto afogado
ou naufragado, sinto-me apenas de outras
paragens, de outros sóis, de outras passagens
onde a vida não só é possível como também
eclode sem que a alienação seja temida.

As fronteiras foram-se. Suas cinzas sujas
fumegam em indistintos preconceitos de eras
e de séculos, tudo agora é casa e música,
este incomensurável aqui habitado e habitável.

Há quem pense que se pode voltar atrás. Há
quem procure através do silêncio fazer
de conta que o mundo é uma língua materna
ou um hábito. Há quem, apesar de tudo,
dos ecos que soam nos escaninhos ditos
outrora pátrios ou mátrios, tente convencer
os desatentos da tribo que esses são e serão
sempre os primordiais: expressões da raça.

Com outras palavras, para não serem
escorraçados. E têm êxito. É fácil ir-se
aos meios de comunicação e comunicar-se.
É muito mais difícil fazer com que qualquer
coisa se ponha a significar ou a adquirir
sentido. É difícilimo ser-se tempo, isto é,
fazer-se o tempo contar uma outra história,
ou fazer-se uma obra capaz de exprimir
um outro tempo abrindo-se em história.

Mergulhado em palavras e em música
mergulho na vida que recebo todos os dias
como se fosse o primeiro dia, balbuciando
acontecimentos e peripécias, impressões
da língua que atravessa minha consciência.

Ciente de que sou um corpo à deriva
nesta terra inclemente onde civilizações
não sabem mais o que fazer para seguirem
um padrão ou um rumo entre tantos e tantos
interesses desencontrados e sem interesse.

O vulto vago da serra avoluma-se contra o céu num esforço de inspiração, seu palácio altaneiro um artifício que se perde na natureza silenciosa, como se tivesse havido perda de tempo tentar deixar uma impressão humana na sua indiferença.

A serra achatada sobressai sob o fulgor do sol, mas chega de descrição. Não haveria aliás muito mais a dizer. A realidade dos homens de hoje não se compadece mais com serras ou palácios, há sempre o problema social algures escondido na consciência de quem escreve, modo prosaico de se falar do desemprego (que grassa – dir-se-ia outrora, e que outrora seria esse?), da situação geral em que se encontra o país: endividamento das famílias e, depois, a já proverbial pobreza. Chegar a este apartamento de automóvel é feito a não menosprezar: com as chuvas o pavimento desvelou, como diria Heidegger, se fosse dado à facécia, os buracos, não os orçamentais, mas os buracos *tout court*, como diriam, já agora, os economistas mais habituados a frequentar expressões estrangeiras. Tenho a certeza, quase absoluta, que a Câmara não teve culpa da caída das chuvas, tenho quase a certeza que o dinheiro que dispõe não poderá contemplar os estragos efectuados pela invernica que se fez aqui sentir. Aqui, os moradores deste bairro, só têm agora duas opções: ou contemplar o castelo altaneiro no cimo da serra de Sintra, ficando extasiados com a paisagem que se divisa dos seus lares hipotecados à banca, e pensando que a vida é bela (e a vida é bela, digo-o sem qualquer tipo de cinismo); ou contemplar os buracos evidentes com muito cuidado quando vêm nos seus caros automóveis (deixo a ambiguidade ser ambígua) para o conforto dos seus apartamentos putativos.

Sei que há qualquer coisa que deve ser dita, só não sei o quê. Sinto o desejo de escrever, só não sei o quê. Sinto que devo estar aqui, estupidamente aqui, mas que aqui pode ser, ou existir, se não contar com as palavras da língua? Onde estarão essas palavras? Não sei. Perdi-as. Ignoro como. Não faço a mínima ideia do que aconteceu ou tenha acontecido para que tal facto seja um facto.

Resta-me olhar para todos os lados e ver o que posso divisar e chamar-lhe realidade como se fosse possível ainda nomear as coisas que existem à volta num mutismo ensurdecedor.

Devo indulgenciar em paradoxos? O tempo da inclemência intelectual foi-se, deixou-me perdido neste achado de mim mesmo, um quê quase desumano da tanta humanidade que quis implantar na monstruosidade neutra do real.

A voz, que talvez nunca tenha existido, não mais fala, nada mais diz. Atroz o pensamento esgueira-se de qualquer tentativa de emoção, onde há aí um mundo capaz de fazer vibrar uma sensibilidade, onde há aí um bem capaz de redimir as horas de perdição diante do mal, onde haverá no futuro um sol que não seja só um astro percorrendo os céus do azul frio?

A língua está muda e nada sussurra ou diz.

A língua não prediz. A fala não fala. O ser não é assim tão evidente como parecia ser. Que aconteceu para que este isto esteja agora a acontecer? Envelhecimento? Será a chave do enigma? Não haver mais a possibilidade de irromperem ilusões amínticas ou epulóticas, não haver mais haver? Não sei, ignoro. Moro nesta demora de mim mesmo como se fosse assim que uma vida possa ser ainda vivida.

Não, digo-me sub-repticiamente, a estranheza que sinto perante o mundo não tem nada que ver com estados de ansiedade (e se tem e eu não os quero reconhecer?), a estranheza que sinto dessente-me nesta incapacidade para poder viver uma vida comum, como se a normalidade me estivesse vedada. Mas que sei eu da normalidade e dos outros que a revestem?

Não se tratará só de arrogância intelectual da minha parte? Um pouco como Pessoa, como quando falava da pobre ceifeira? Que sabia ele da pobre ceifeira? E da inconsciência, ainda por cima alegre, dela? Nada. Serviu-se do outro, não para se outrar, mas justamente para se eutrar ou egotar, se me permitem, já agora, os neologismos apressados. A crueldade que se inflige nos processos ditos intelectuais do pensamento! A falta de respeito! O poder! Que eu procuro, tenho procurado, ao longo dos anos, evitar como o maior dos males. Não, a estranheza que se entranha em mim é um processo incompreensível, é como se o mundo não quisesse ser mais mundo, não pudesse ser mais mundo, é como se eu agora nada mais fosse do que uma consciência e um corpo, faltando-me tudo o mais que faz geralmente um homem. Minto. Tenho ainda o amor que sinto pelo amor que recebo daqueles que me amam (também eu sou digno, de vez em quando, de uma cacofonia!), tenho ainda a memória daqueles com quem vivi partes da vida numa família ou em partes da terra, estranhas presenças que são outras tantas ausências insinuando-se no meu caminho para me dizerem que está tudo bem, que sou apenas o que sou, um homem de todos os dias.

É claro que, se quisesse, sempre poderia deixar o raciocínio entregue a si mesma num delírio de formas e de processos, no fim qualquer coisa apareceria, teria que surgir, um porisma, um texto, um conteúdo, mesmo se informe ou disforme.

Onde pudesse respirar. Habitar. Onde parte do mundo e da terra ousasse uma presença. Onde coisas da experiência humana tivessem sido sugadas para depois permanecerem, tais monumentos dispostos diante da eternidade, em fileiras de um museu estagnado no tempo.

E não quero? A pergunta deixa-me perplexo de embaraço. E não desejaria que assim fosse?

Que faço eu aqui? Nada. E há tanta coisa a fazer. Mudar o mundo. Mudar o mundo. Não me esqueço de repetir sempre que posso. Sei, iria dizer, como outrora o disse, ninguém quer mudar o mundo. Muitos falam, muitos vociferam, muitos barafustam, mas no fundo, no fundo, ninguém deseja mudar o mundo. Todos têm medo do futuro, do que pode advir, do que poderá acontecer se... O imprevisível aterra.

A experiência do futuro nunca será um presente.

Muito menos uma oferta que se possa fazer a uma geração. A iniquidade é-nos tanto alma que nem a sentimos. Faz parte da natureza.

Talvez por isso eu esteja muito cobardemente ainda aqui, escrevendo, sem nada ter feito para mudar o mundo, como milhões e milhões de homens e mulheres que vieram ao mundo e nada mais fizeram que existir suas existências.

Sem dúvida, sofrendo isto ou aquilo, uns mais do que outros, que a vida não é fácil. Nunca se escreveu, que eu saiba, a história mundial da impotência. Talvez porque nunca tenha havido mundo. Talvez porque não há realmente história.

Não sei o que se passa entre mim e o real,
mas é como se o real não me permitisse mais
aproximar, através da língua, do seu mutismo,
da sua impenetrabilidade, do seu alcance,
deixando-me incapaz de trazer ao mundo
uma realidade que pudesse ser minimamente
compreendida pelas faculdades intelectuais
ou emocionais que caracterizam a humanidade
dos homens e das mulheres que habitam
ainda esta terra conculcada pelas contradições.
Como se fosse obrigado a utilizar a imaginação,
o que me repugnaria enormemente. Não sei
o que fazer. Desta ignorância avanço sempre
que posso em direcção ao que me rodeia,
tento derrubar as barreiras, ir mais longe
que este perto onde asfixio, procuro mesmo
uma certa distância para achar a perspectiva.

Não sei se consigo dar conta do único
que cada momento é por definição, gozo
e sofrimento esperam-me a cada esquina
da percepção, descobrir um ponto de contacto
com o que flui resulta quase numa desmedida
que me obriga a passar não muitas vezes
pela verdade ou pelo simulacro da loucura.
Mas dizer o que da vida é tempo parece-me
fundamental. Mais ninguém o faz. Escrever
uma história do que passa e é passagem
não é tarefa para todos. A história comum
só se importa com factos. Aqui tenta-se dar
a efluência contingente dos acontecimentos,
do que não pode ser apreendido em documentos
nem fica escrito sabiamente para a posteridade.
O real de que se fala não quer existir porque é!
E porque é furta-se à palavra como um riso
ou uma feliz gargalhada que se evola no ar
sem pretensões a uma divulgação pelo saber.

Manhã solar, os *blues* fluindo e pervagando em assunções de uma presença humanizada, estar aqui entre o sol e a música é um bem, um privilégio. Ter uma janela escancarada dando para uma serra petrificada também não é mau. Devo pois queixar-me? Seria pura ingratidão. A sorte, se já não é grega, não é mesmo assim para se deitar fora. Estarei fora de mim? Acho que não. Estou sentado diante da janela e ouço Guitar Shorty neste momento. Coitado, preocupado no seu *I Wonder Who's Sleeping in My Bed*, o melodrama existe em toda a parte, atrai as populações da terra, alguma vez a natureza do homem poderá ser mudada? Dizem até que o homem não possui uma natureza, é só uma condição, dizem, mas a pergunta permanece, o homem terá alguma vez a oportunidade de mudar de ser? Vá-se lá saber! E seria bom? Quem ganharia com isso? A humanidade? Isto é, os homens e as mulheres e as crianças? Mutações, é a ciência que nos propõe a ideia de híbridos, de monstros, de clones. Mas que nos propõe, já agora, a miséria e o sofrimentos de milhões e milhões de homens e mulheres e crianças? Nada. Nada? Nada. Um silêncio nem sequer sideral alaga o mundo daqueles que não possuem uma voz e não é pela audição que se fazem realidade: são factos reais nos noticiários, visões de mortes esfomeadas ou epidémicas, filmes de uma ficção ocorrendo algures no planeta redondo e errante onde os erros que permitem tais factos não são assacados a ninguém, porque ninguém é deus. E é assim. Guitar Shorty continua a encher a manhã de *blues*: a sorte de quem o ouve!

Não sei como estou. Significa isso que não sei como ser? Ou ser nada tem que ver como se está?

Sei que cada vez mais o corpo me é estranho, uma presença incompreensível, sombra perdida que se arrasta atrás de mim como um peso que nem ficaria mal a Sísifo, se a mitologia fosse ainda viável. Não é. Todo o mal é meu. Mas este *meu* não é verdadeiramente um possessivo, é uma obsessiva manifestação do que se impõe à minha dorida consciência como uma identidade que repudio pela falta que não me faz. Ser só, sem imagem no espelho ou nos olhos dos outros, é uma possibilidade de existência que me assiste ou deveria assistir, tal porém não acontece.

Prisioneiro de quem não sou sou obrigado a conviver com o sofrimento diário, castigo talvez da humanidade a que pertenço, condição explícita de uma intimidade com a dor que vem desde que me conheço, e são já tantos os anos! Quando terei um pouco de paz? De descanso?

Eu que posso sentir a linguagem da alegria como mais ninguém, para quem um raio de sol é mais do que suficiente para abrir meus lábios num sorriso incomensurável, por que terei que estar sujeito a esta adjacência ignóbil, a este mutismo febril de um destino que odeio ou em que não acredito, a esta falsidade talvez, quem sabe, verdadeira, uma vez reduzido a cadáver no absurdo apagamento do tempo? Não, não sei como estou. Se bem, se mal. Mais mal do que bem, possivelmente. Enquanto o sol me acaricia e me chama, enquanto a luz ilumina a manhã com uma serenidade infinda, convidando-me à passagem. À incógnita.

Mas não estou preparado para ter coragem. Antes sorrio na expectativa de uma mudança.

Nunca pensei que pudesse ser possível
o que está a acontecer: escrever quase
que obrigado por um imperativo inglório
ou mesmo ridículo: fazer anos há muito
que passou à história, sobretudo à minha!
E nada mais há a dizer, se alguma coisa
foi realmente ou verdadeiramente dita.
A vida... Não, não vou, em efabulações
do desgaste, deslindar sucessos anímicos
ou factuais, não porque tudo já tenha sido
dito, mas porque agora, mais do que nunca,
a vida que vivo não precisa mais da língua
para continuar a ser o que é: uma vida!
Deixei de escrever? Falso. É com gestos,
com acções, com emoções e pensamentos
desverbalizados que componho dia a dia
meu corpo e meu caminho de homem
envelhecendo e já envelhecido, ver-me
ao espelho é sentir-me um mistério onde
nenhuma língua consegue penetrar, como
se houvesse em mim mais do que aquele
que sou, um horizonte de expectativas,
ou uma arqueologia que não deixou sinais.
Estar pois a usar palavras é uma concessão
que me faço neste dia que só tem de raro
por me fazer lembrar que há ainda datas
que se vão acumulando nas rugas do rosto
ou no silêncio sideral do humano cansaço.
Mas não sinto mais o impulso ou o alor
para vir até aqui e aqui ficar. Acho até
que é uma perda de tempo. A língua como
a usei nunca foi uma linguagem, quero
dizer, nunca foi arte. Chamei-lhe porética
e linguagem porque quem se serve de signos
estará sempre sujeito a uma escravidão:
ser para mim é agora uma liberdade afável.

Que sentido faz pois estar-se aqui escrevendo?

Nenhum. Nenhum desejo, nenhum prazer, nada de nada, que faço pois aqui? Responder não me daria uma resposta. Melhor ficar calado e continuar este trabalho, juntar sons a sons numa composição que nem sequer é música, que nem sequer é um poema, mas que é, apesar de tudo, ontologicamente, qualquer coisa. A coisa de que não sei falar abre-se perante mim como se estivesse diante de mim e me quisesse questionar, eis o que me diz: Que tens contra a língua? Que mal te fez a língua? Que catástrofe vês ou sentes nela para a aborreceres agora? Estou interdito. Ignoro como responder. Vou de mim a mim como quem se expande em pensamentos ou em alguma meditação, mas não há tempo para reflectir, não era nada disto o que esperava, eu que justamente nada esperava, ou que esperava apenas da vida, não o nada, não a morte desesperada, mas uma habitabilidade consensual, direi mesmo, não escandalizando os puristas, ainda sensual, na companhia querida dos entes ditos queridos como diz a própria língua nos seus truísmos mais comuns. Mas que dizer? A língua já não me é mais necessidade nem prazer, as palavras são o que são, mas não me fazem vibrar arrepios de outrora em assunções de fundos onde pensava ter atingido a voz feliz e genial da matéria muda onde escabujamos desde que, inatos, lançamos o primeiro vagido. Como se a língua não fosse mais mundo. Como se só restasse a terra a ser vivida, chão onde nossos pés talvez escrevam um destino.

Quem pois de mim se escreve que não circunscrevo
 num tácito acordo ou numa bonomia? Um hábito,
 uma rotina? Uma máquina contemporânea debitando
 os zelos dos sentimentos e dos factos recentes,
 como se não houvesse em mim vontade para ser
 ou não ser o que o contrário implica do paradoxo
 e da contradição? A verdade é esta: impus-me
 como tarefa escrever este livro, este livro terá
 que ser escrito quer eu queira quer não! À força?
 Se for caso disso! Não, nenhum contrato me obriga
 a tal desmedida, nenhuns leitores sentiriam a falta
 deste projecto que cresce como um cogumelo
 na sua estranheza quase venenosa e atômica,
 se me é permitida tanta imaginação para tão pouco!
 Não vou insinuar uma clivagem do eu. Foi tempo!
 Nem falar da civilização ocidental para explicar
 o facto deste feito no efeito que está a ter em mim!
 Há coisas que acontecem porque têm que acontecer.
 Chamem-lhe fatalismo. Não o é, mas não me importo
 de ser mal interpretado. Há coisas, direi já agora,
 e numa nova formulação, que têm que acontecer
 porque lhes acontece serem coisas e não simples
 factos. Acontecido este percalço, continua-se.
 Como?, será o problema do momento. (Eis, mais
 uma vez, o processo porético, em plena urgência.)
 Regressando-se atrás. Ao começo. Relendo aquele:
 Quem pois de mim se escreve que não circunscrevo
 num tácito acordo ou numa bonomia? (Mas não
 deveria ficar escrito o que se pretende apenas
 exemplificar: deseja-se apenas mostrar o gesto,
 o movimento, o funcionamento da consciência
 perante a aporia.) A complexidade é tanta que é
 difícil agora retomar o que quer que seja do que é
 ou poderia ser um esboço de meditação ou mesmo
 de pensamento. Falhada embora a tentativa sente-se
 contudo que não falhou a tentação de se dizer algo!

Fim de semana que parecia mais do fim do que da semana, com ventos atingindo velocidades inauditas mas perfeitamente audíveis mesmo para quem estivesse, pela noite fora, entretido a ver televisão. Várias vezes, com a intensidade da chuva batendo na parabólica, se perdeu o sinal, ficando minha mulher e eu às escuras de uma qualquer imagem, se me posso exprimir assim. Coibi-me de gravar, como geralmente o faço aos sábados à noite, programas de jazz de canais austríacos ou alemães, a noite cerzida de sibilantes deslizes do som e de barulhos da chapa de metal que protege a larga portada. Felizmente que, junto ao recuperador, dançava em ilusões de óptica o calor, não foi por acaso que esta rima surgiu assim tão fácil. Às vezes a realidade até que coincide com a língua, e quando isso acontece é um prazer dizer e escrever, pois ficamos com a impressão de termos realizado qualquer coisa de essencial. Poderá ser uma ilusão, mas isso importa? O que importa é que haja ou continue a haver esse impulso que nos arremessa até aqui, este aqui podendo ser não só um lugar como também um tempo, não só uma acção como também a emoção de uma alegria, seja ela de viver, como de se estar vivo, se não for o mesmo o que é, mudando apenas a expressão. Nunca me importei muito, confesso-o, com a expressão. A vida esteve sempre em primeiro lugar, e se falei da intempérie foi só para trazer até mim o que me fala.

Sem luz em casa, sábado de manhã,
visto-me com a sensação de haver mais
do que um corpo em mim, como se
a falta do banho diário tomasse quase
proporções civilizacionais. Na casa
do campo, não havendo luz, a bomba
não funciona, a água não é então mais
do que uma quimera. Abro mesmo
assim uma torneira para lavar os olhos
da remela nocturna, a barba de um dia
embranquece ligeiramente meu rosto
já encanecido pelos poucos cabelos
que a calvície ainda consente: ver algo
como um homem, no espelho que nos fita,
não traduz nenhuma dor ou nostalgia.
A velhice só dói em certos momentos
privilegiados, ou melhor, fragilizados
ou mesmo infernais, quando de repente
a consciência é um segundo de vida
ou de tempo ou de consciência ou, já
agora, de um profundo sentimento, não
de morte, mas de ausência, de quem
se é em quem se é, oco terrível vivido
como um insulto ou um aviso, eco
de nenhum mundo que se conheça
ou de que se possa falar com certeza.
Não é agora o caso. O velho que se é
passa quase despercebido, suas rugas
não são sulcos de sofrimento, apenas
carne percorrida pelo tempo, anos,
dias, minutos, segundos, sucessão
de nada edificando um nada, um corpo
que recolhe experiências mas incapaz,
depois, de transmitir pela memória
o que quer que seja do que se passou:
uma histórica para sempre mal contada.

Enquanto vou ouvindo de Esa-Pekka Salonen,
LA Variations, não posso deixar de mencionar
 a coincidência entre o conteúdo do porisma
 anterior, escrito ontem, e o facto de ir festejar,
 no começo de Março, os noventa anos
 que faz meu pai. Passei toda a noite
 a pensar na velhice, a sentir o envelhecimento,
 a escrever na consciência desperta
 dezenas de textos, perdi-os sem nenhuma pena,
 já que a perdição faz parte da vida como da morte.
 Às vezes, estupidamente, fica-se com a sensação
 de que algo nos governa, um destino
 que foi há muito repudiado, uma força incógnita
 agindo em percalços que nos deixam
 abismados em perguntas que mal sabemos formular.
 Mas desde que casei, há mais de trinta anos,
 nunca mais pude realmente sentir-me só,
 pois sabia, bem no íntimo, que alguém me esperava,
 ou não fosse eu um Ulisses mitigado
 que se ignorava, descontadas as diferenças
 entre o real e a mitologia de povos anacrónicos.
 O que não quer dizer que. Por exemplo,
 agora mesmo ouço, cantadas pela Dawn Upshaw,
 estas *Five Images After Sappho*, de Salonen,
 sem sentir nenhum anacronismo, mas também,
 para dizer a verdade, sem pressentir
 nenhuma comprovada contemporaneidade:
 a música só é histórica, e é uma concessão que faço,
 para quem compreende a música.
 Para quem se limita a ouvi-la é quase intemporal:
 que estou pois a ouvir? A Grécia ou o Capital?
 Perdi-me. Não sei onde queria chegar.
 Não sei de onde parti. Faz mal? Não.
 Quase com sessenta anos só quero ter
 a oportunidade de festejar o próximo aniversário
 do meu pai na companhia da família.

Ei-los, esse crepúsculo, essa serra, esse céu,
enquanto a música devasta várias áreas
da emoção e do silêncio, *Gambit*, são oito
minutos e tal de uma experiência avassaladora.

Dizem que Salonen é um novo Mozart,
não acredito que alguém possa ser alguém,
mas enfim, para que existem os críticos
senão para proferirem dislates e algumas asneiras?

Não, não há sinónimos. Há abusos verbais
ou de linguagem, mas sinónimos não há.

Há uma nuvem que passa num céu que vai
escurecendo como se soubesse o que é
um crepúsculo, há um certo frio neste quarto
que até serve de escritório, já não há,
é uma pena, a música que acabou assim
tão intempestivamente que fiquei de repente
num sobressalto do repente. Estranho texto este,
hora estranha a deste crepúsculo, divisa-se a serra
como uma escuridão que não faz medo,
algumas luzes de candeeiros aparecem, poeiras
e galáxias de uma imaginação bruxuleante,
pontos iluminados de uma constelação
que sobrevive sobre a própria terra. Não,
não estou a compreender o que estou a escrever.

Algo se passa. O quê, ignoro. E não se trata,
penso eu, de um filme policial, nem de um drama
nem de uma tragédia. Será uma comédia?

Comedido no que digo sinto apenas sons
que querem subir ao palco, à consciência intuitiva,
como se estivesse a reformular uma estética
mais ou menos simbolista, mas onde o símbolo,
metamorfoseado numa outra assunção
conceptual e emocional não fosse nem pudesse
ser devorado pela voracidade da música,
como aconteceu num passado recente.
O símbolo do presente terá que ser porético!

Deixei passar uma semana para chegar aqui curado do que aconteceu. Dei tempo à emoção, ou, neste caso, ao trauma. No entanto aproximo-me ainda do que tenho a dizer com uma timidez que dificilmente reconheço. Reconheço o silêncio, o apartamento perdido numa ausência histórica, postulando sentidos que às vezes até parecem não fazerem parte deste mundo e desta terra. Que aconteceu? Sábado passado, manhã cedo, não morremos por um acaso, ou muita sorte. Eu, minha mulher e minha filha. Num espectacular desastre de viação. Íamos a caminho do norte, festejar os noventa anos do meu pai. Chovia, o piso encharcado, a visibilidade pouca. Súbito, perco o controlo do automóvel e despisto-me, a não mais de dois quilómetros da portagem da auto-estrada, guinando o veículo para a direita e galgando a valeta para percorrer num infinito de tempo e de medo e de impotência e de gritos e de solavancos e de vórtice e de suspensão diante da morte iminente a inclinação do terreno que o trouxe novamente para o pavimento, vindo a estacionar na faixa que fica junto ao separador central de um betão que poderia ser o final fim. Não foi. Ilesos, sem um beliscão, concutidos pela experiência acabada de viver, ficámos surpreendidos por não sermos imediatamente abalroados pelas outras viaturas que vinham na mesma direcção. Felizmente, ó acaso, havia ainda uma distância comensurável entre nós e quem se aproximava. Com os quatro piscas a funcionar, decisão da minha filha, com ela fora do automóvel fazendo sinais aos demais condutores, consegui, mesmo assim, pôr o motor a trabalhar do carro sinistrado onde viajávamos para passarmos para a berma da auto-estrada.

Saído do automóvel, a chuva implacável caindo
como se nada tivesse acontecido, contemplo
a extensão do desastre. Destruição é o nome
da coisa, e fez-me sempre aflição, não esse nome,
mas essa realidade. Não estou nervoso, penso
que devido à medicação que tomo há anos,
desde que estive na clínica, e que serve, penso
eu, para me manter num certo equilíbrio
emocional. Sinto-me apenas triste. Triste
e com alguns remorsos por ter posto em perigo
a vida da minha mulher e da minha filha,
e triste por falhar ao aniversário de meu pai.
Não se fazem noventa anos todos os dias!
Não compreendi o desastre. O que aconteceu.
Embora sinta que foi minha a culpa. Não
deveria ter querido abrandar a velocidade
carregando, ligeiramente que fosse, nos travões.
Os cem quilómetros a que conduzia talvez
fosse demasiada velocidade para aquela chuva.
Sinto, ao mesmo tempo, supersticiosamente,
que se estou vivo o devo à presença da mulher
e da filha. Sozinho, pensei, teria perecido.
Não era a hora delas. Talvez fosse a minha.
E elas me tenham salvo por estarem comigo.
Passam-me estas ideias pela cabeça. Triste,
deveras triste, por não poder estar com meu pai,
meus irmãos, o resto da escassa família.
Mulher e filha, protegidas da chuva que cai,
estão dentro do automóvel. Quem está no comando,
telefonando para diversas entidades, segura,
eficaz e com sangue frio, é a minha filha.
Não sinto a chuva que me bate no rosto cerzido
de nada ou de estupefacção, sinto que tudo
perdeu um tempo e se transformou na morte
do que poderia ter sido. Não foi. Insentido,
fui para dentro do automóvel procurar companhia.

Mudam as estações, não mudou a posição da minha janela. A Primavera trouxe aos dias mais dia, levou-me o clarão do sol que descia sobre a serra como uma fatalidade cósmica.

Tudo agora neste escritório deixou de ser frontal para se tornar enviesado, bate agora o sol sobre os livros da estante que me fica à esquerda, é um clamor agradável eclodindo dos livros, são chamadas chamando ou tentando reter a atenção de quem se espanta com o real.

Ainda estou vivo, surpreendo-me a pensar. Continuo vivo, é a surpresa que me ascende à consciência, como se aqui já não houvesse lugar para uma presença que não a do sol, como se eu fosse, em certo sentido, sentido como o fantasma de mim mesmo passando por uma estranha ausência, este silêncio quase ontológico onde não se vislumbra nenhuma lógica nem nenhuma relevância humanas, ou deveria antes dizer, corporais e carnaís? Que é viver? Que significa estar-se vivo? Que é morrer? Estou aqui a viver como alguém que está aqui a escrever, estou a ser? Não vejo o sol que existe e que está neste preciso momento a preparar-se para se deitar nas águas do mar, o Atlântico tão certo como haver memória e até uma geografia. Há uma memória de mim? Mais importante do que isso: há uma presença de mim? Aqui, agora? Onde é este aqui? Onde demora este agora? Se eu soubesse responder não faria perguntas estúpidas. Há sempre um paradoxo onde menos se espera. Espero estar à altura da vida que me resta viver. Não sofrendo o eco desta aguda impressão de fantasma sobrevivido, mas como homem capaz de levar a cabo o fim.

Diria, se fosse ingénuo, e por que não sê-lo?,
 que uma paz quase material se divisa
 desta janela virada para um sul verdadeiro,
 as árvores neste crepúsculo prazenteiro
 são percorridas por ténues brisas que fazem
 mover as suas frondes em devaneios
 verdes e ondulados, ignoro se posso chamar
 harmonia ao que parece ser uma harmonia.
 Nem tudo está bem no mundo das notícias
 televisivas e globais, mas frente a esta janela
 o mundo comporta-se como se soubesse
 que depende da terra, e a terra assiste quase
 maravilhada à indiferença do pôr-do-sol.
 Ao fundo e longe há automóveis que passam,
 o capital não deixou de governar a acção
 da humanidade, aqui como em qualquer outra
 parte há sempre afazeres, tarefas a cumprir.
 A escola deserta deixa-se sucumbir ao marasmo
 do silêncio, as férias da Páscoa são um facto.
 É um facto que não sei onde ir, isto é, não sei
 o que escrever. Mas não foi sempre assim?
 Minha mulher chama-me. Vou ter, agora
 mesmo, que abandonar este porisma aqui,
 naufrago de uma contingência e de acidentes
 com que não previa. Afinal a distância entre
 um porisma e um aporismo é mínima, façam
 o favor de a sentir, que me dizem do percalço?
 E, se tiverem alguma sensibilidade, ou, se
 forem conscientes do que aqui realmente
 se passa, que me dizem deste actual abismo?
 Nem tudo são ultrapassagens. Há problemas
 que pareciam resolvidos na civilização
 e que, de repente, metamorfoseados, ei-los,
 como se nada fosse, instigando-nos a peste
 e a imaginação, partos e partidas sem fim
 para vidas que ignoram onde houve origem.

Nada como uma pequena e fugaz dor de cabeça
 para me trazer à praxis deste fazer, e se sorrio
 não é mais por um declarado cepticismo, antes
 é por uma certa bonomia que me dança
 e alcança enquanto escrevo o que não sei
 se sinto ou se penso, a penúria dos verbos mais
 uma amostra desta pobreza que assalta agora
 minha inteligência dada aos sinais exteriores
 da misteriosa e perfunctória estupidez.

Ah, aqui estou eu esbracejando em plena
 dicotomia, de nada valeu a segunda metade
 do século vinte, nada se aprendeu, cai-se
 sempre nas mesmas armadilhas, já que cair
 tem que ver etimologicamente com cadência,
 e cadência com música, e música com musas.

Peço desculpa pela erudição descabida.
 Não me digam que não estão a ver a relação
 implícita (apesar desta rima maldita) entre
 as musas e a inspiração, e o oráculo, e, já
 agora, a proferição sibilina? A culpa
 de tudo isto, se há culpa, foi aquele *fazer*
 no começo deste tresloucado porisma
 que deseja a todo o custo ser um poema.

É vê-lo, esbracejando, para não sair
 de uma periferia, para se conter bem junto
 a um centro, como se só no círculo houvesse
 uma protecção, um halo, um nó, uma luz,
 não do sol que nos ilumina, mas das coisas,
 como diriam os que dizem quando fazem.

Mas eu só continuo a escrever, não faço
 nada, ou quando faço só faço o nada, outra
 maneira de sugerir que nasço para o dia
 sabendo que é só mais um dia e não um ápice
 do absoluto, consciente de que será sempre
 uma duração, uma temporalidade aberta
 ao mundo e aos que vivem, passando, na terra.

Caio em mim de não haver nada em mim,
 ou de só haver quem sou, esta presença plena,
 este corpo, esta consciência, este tempo
 que passa neste lugar da terra, este sol agora
 ligeiramente toldado pelas nuvens brancas
 que passam como se tivessem um encontro
 marcado algures no azul do céu obstupefacto.

Oscilações de tonalidades, todo o quarto
 parece ondular numa vibratibilidade ignorada
 da sensibilidade, que homem para esta ágil
 atmosfera? Que experiência ainda humana?
 Uma estranha alegria parece querer irromper
 do acontecimento, não há infelizmente música
 para esta dança, não há um ventre de mulher
 protagonizando sensualidades míticas, só há
 variações de luz enquanto as nuvens passam
 e escondem provisoriamente o sol que bafeja
 a terra numa personificação descomunal.
 Parece, mas não irrompe. É como se agora
 o tempo estivesse a viver uma aceleração,
 não há tempo nem espaço para sentimentos,
 o inevitável percorre o seu caminho e nada
 se suspende em permanência para que possa
 eclodir um sorriso ou uma lágrima: ser abre
 um abismo enorme entre a queda e a ascensão,
 ignora-se se se sobe ou se se desce, sibila
 um vento de perdição, onde está o sol, onde
 estão as nuvens, onde está o homem que escreve,
 onde há um onde capaz de conter o que há?
 Não há. Nada de ilusões. Há apenas o sol
 que reaparece intermitentemente, as nuvens
 que passam velozes, eu que me levanto e vou
 colocar um CD no seu leitor. Começo muito
 lentamente a ouvir do morto Morton Feldman
Rothko Chapel, sentindo, talvez estupidamente,
 que a vida é como uma queda em ascensão.

Maio mantém-se um mês previsível, embora me pareça um absurdo dizê-lo assim, como se houvesse algures no dito um preconceito, uma falta de respeito, um traço que pensava não fazer parte da minha idiossincrasia. Mudei assim tanto? Eu sei que neste processo célere de embrutecimento a que me entreguei desde que regressei ao país seria quase inevitável que tal acontecesse, mas é um pouco triste ver-se ou observar-se o preço que se paga para se ser comum. A imbecilização não é tarefa fácil. Há sempre rasgos e traços da personalidade que persistem em sobreviver, violência é o que tenho a oferecer ao corpo que me alberga. E dói. Mas a vida foi sempre para mim um sáfio sofrimento. Neste processo mitridático procuro apenas que os sentidos tantas vezes nefastos não sintam mais que a média comumente estabelecida pela vaga sensibilidade dos outros, pertencer é um dever da consciência democrática, quando a comunidade é medíocre nada mais há a fazer do que comungar álcree feliz essa mediocridade redentora... Outros, de quem me convenci ser fiel herdeiro, sofreram pior sorte. Outros não resistiram a tarefa tão descomunal. Perdoo-me pois ter dito o que disse sobre Maio. Mas fui sincero? Estou realmente a ser sincero na deliberação de me confundir com o lugar comum? Que outros o decidam. Às vezes penso que perdi, algures na vida, a alternativa.

Não poderei dizer, honestamente, se me faz falta,
como outrora me fazia, a prática da escrita.

Esse encantamento e esse fascínio, vir aqui
depositar algumas palavras da língua que apareciam
na consciência com a urgência do que exige
vida, existência, divulgação, amizade mesmo.

O inebriamento sensual que era senti-las vibrar
a essas palavras palpitantes e depois a tensão
quase sexual que era ter que colocá-las em sintaxes
capazes de difundi-las em sentidos capazes
de traduzirem sensações e ideias, testemunhos
fáceis ou difíceis de experiências vividas entre
um apogeu e uma queda, entre um lapso de tempo
e uma contemplação sobrevivida na demora.

Agora tudo é diferente. Como se tivesse perdido
a língua, a fala, o desejo de dizer, o que quer
que fosse, como se estivesse perdido num silêncio
de mim mesmo incapaz de dar conta da terra
e do mundo, das coisas que nos cercam,
dos acontecimentos que se fazem história,
e nem sequer falo, como nunca falei, da História
que as instituições propagam e propalam
como necessária para o bem dos cidadãos
deste planeta dividido ainda em nações inatas.

Quando escrevo faço-o na consciência, as palavras
surgindo para logo se perderem, meditações
inalcançáveis e imponderáveis, arrazoados
talvez obsessivos de uma sanidade mental
que procura a todo o custo manter as distâncias
entre o real e a realidade, quando isso é possível.

Nem sempre é possível. Escrever o preto no branco
foi uma necessidade, uma artimanha, um pouco
de arte, um pouco de manha, uma terapia piedosa
onde se procurava um equilíbrio e uma harmonia,
mas hoje, sem me sentir curado, sinto que já
nem a escrita me pode valer neste vale de nada.

Tanta coisa que se pode dizer sobre a vida,
um leque infinito de casos e acontecimentos,
e aqui estou eu como se diante de mim
se perfilasse um deserto de sentimentos
ou de sensações, um esqualido vazio agora
que o tempo poderia ser de meditação
ou mesmo de profunda contemplação do ido
como memória de um tempo em passagem.

Não que não haja eventos e peripécias
no dia a dia da rotina quotidiana, mas agora
sinto que esses factos se recusam a ser
linguagem para vir povoar textos ou livros
que ninguém ousará perscrutar com olhos
de ver, que ninguém se dará ao trabalho
ou ao prazer de ler em horas sossegadas.
É como se minha vida adivinhasse, depois
de tantos anos de falhanço, que não terá
leitores, e da inutilidade do gesto teimoso
em querê-la fazer vibrar na frialdade triste
de um livro fechado numa qualquer estante
de um amigo a quem se enviou a oferta.
Verdade que uma vida nunca poderia ser
literatura, mas haveria sempre, mesmo
se fictícia, a possibilidade de uma ilusão
ou de um simulacro, que é o que se pode
exigir à arte, seja ela poética ou qualquer
outra. Que faço pois aqui? A resposta é
simples. O mesmo que faço na vida: vivo.
Não porque enquanto houver vida também
haverá esperança. Mas porque enquanto
viver não há morte. E assim terei que vir
ver, através da língua, o que há ou não há
dentro ou fora de mim, o que subsiste ainda
como mundo nesta terra, o que me emunda
do sarro dos dias, o que me aflige de dores,
indiferente a qualquer existência de leitores.

Que dizer das rosas nessa platabanda construída este Inverno? Fico estupefacto perante a incapacidade de dizer, só me apetece contemplá-las como se nelas houvesse mais do que o facto de serem rosas e plantas, como se nelas a ideia de beleza, perdida nos anais da história estética, pudesse reaparecer, não para vir novamente exigir um *dever ser* jussivo, mas simplesmente para acompanhar a fruição sedosa de um olhar quase votivo, de uma manifestação de tal maneira humana que o humano se perderia na efusão de uma alegria sem exigências racionais.

Não é pois estúpido este sentimento de orgulho que quase aflora a consciência? Usei, mais uma vez, a catacrese, para o que não sei descrever. As rosas balançam ao vento na tarde onde o sol impera, já disse, não sei o que dizer, como pois continuar a escrever um porisma que contenha da contemplação das rosas a emoção desconhecida de uma quase nostalgia? Outra catacrese. A língua não me ajuda, talvez porque eu não me ajude mais a ser linguagem, talvez algo se tenha perdido entretanto, quero dizer, com o passar dos anos, talvez uma relação não seja mais possível, sabe-se lá porquê, quando a vida está cheia de porquês, como estará cheia de rosas. Só que as rosas são belas. Os porquês não são mais do que enigmáticos. Que homem contemporâneo estará à altura de um enigma? A Grécia está morta.

Nenhum ocidente vive mais do que de acidentes, sobretudo de percurso, e foi tão pouco para o sonho que galvanizou tentativas de civilização humana. Rosas, ei-las, balouçando ao pouco vento da grande tarde de Primavera, essas formas e essas cores, essas pétalas que subitamente me fazem lembrar petalismos, uma condição humana, um sorriso já posterior ao da esfinge, um silêncio solar, a beleza surdindo surda de si mesma na eclosão do destino.

É quase com uma certa ingenuidade despropositada que me abeirei deste súbito precipício, escrever deixou de significar uma aventura, é antes agora uma calculada crueldade que me inflijo sem saber muito bem porquê, eu que sempre detestei qualquer espécie de masoquismo: estar aqui não me dá nenhum conforto nem me abre, como tantas vezes pensei, nenhuma porta, nem sequer é um hábito, é um dever que me obrigo a cumprir. Nada tenho a dizer e o dizer nada diz. Não, não se trata de nenhuma depressão, as depressões até se tratam, confesso que não sei o que estou a fazer neste lugar tornado com o tempo totalmente desconhecido ou estranho para a pessoa que hoje sou ou tento ser. Algo me diz: Pára já e apaga o que escreveste. Algo me diz: Tem a coragem de continuar o que começaste. Nesta quase dor argiva (neste quase *algos*) oscilo sem saber que decisão tomar, indecível como nunca o fui, paralisado pelo horror de um avanço prematuro ou pela cobardia de um recuo avassalador, esperando que o tempo que passa me ajude a resolver este problema, esta aporia, contente por ver que mesmo assim, ó paradoxo, o discurso avança sem que eu encontre uma saída, o poro, a passagem que me leve para outros horizontes do pensamento como da emoção perscrutadora. E a pergunta inóspita salta: Mas toda a relação que mantemos com a linguagem não será sempre assim? Ingénio procuro não confundir o céptico desmembramento do cepticismo com razões desrazoáveis, que dever me obriga a ser portador de considerações extemporâneas, que masoquismo me cerca ainda de língua? A vida como é e passa não chega? Que confusão se instalou na eclosão do que outrora até parecia ser um feito da cultura?

Eu, que amo a música como mais ninguém,
não posso dizer que não amo também este silêncio
que avança pela tarde. Seria uma mentira.
É bom sentirmos com um outro verbo a vida ser
vida e mansamente passar pelas irrisórias
horas dos dias, é bom compartilharmos o tempo
com o silêncio das coisas em volta, a casa
só não dorme porque não quero usar a estafada
personificação, mas a casa transparece asa
de um assombro, ser uma presença na presença
que nos envolve como protecção benfazeja.
Percorrer as dependências da casa, vidas vivem
nestes recantos da harmonia, deixar a vista
percorrer o que o ouvido não alcança, alcançar
esse longe íntimo e ínfimo onde destinos
coetâneos ousam merecer a sorte da contingência.

E depois regressar às janelas, à luz e ao sol
das janelas, nelas perder-se o corpo no súbito
calor que aquece a carne, nelas achar-se
talvez um sonho, talvez partir, talvez ficar, vez
de um tempo que não desliza como a tarde,
um tempo sem horas nem horários, um tempo
onde se perde a terra e o mundo, onde
o próprio onde deixa de ser um lugar visível
para se transformar no que de mais ser
é um ser humano quando regressa ao nada.

Eu que escrevo este porisma não posso
deixar de dizer quanto vai aqui de manifesta
ilusão. Pedindo desde já desculpa, aos
leitores incautos, da desmedida mistificação.

Não foi por mal. É como se a linguagem
Exigisse, de quem a usa para outros fins que
não a informação, um voo e um arroubo,
a imaginação, o surto do imponderável indo
até onde as asas ousarem um Ícaro veloz,
a voz da miséria vingando-se do irrealizável.

E se for tudo mentira o que penso sobre mim
 e o mundo? E se há um engano, mítico,
 e eu me perco nesse engano? E se nada,
 mas mesmo nada, corresponde a nada, e tudo
 não passa de disparates que se dizem convictos
 de que possuímos convicções? Sendo total
 a liberdade. De quê? Desse mesmo *quê*,
 se me faço compreender. Para dizer a verdade
 eu, muito pessoalmente, não me faço
 nem me fiz compreender com a maneira
 como finalizei o raciocínio, se é que houve,
 já agora, algum raciocínio, onde houve, já
 agora, apenas algumas palavras. Isto é,
 isto está feio! Nunca vi nada assim!
 E confesso que não estou muito contente
 com os resultados obtidos. Ora vejamos.
 Se há um engano, e se nada corresponde
 a nada, estamos perdidos. Ou achados.
 Quero dizer, ou salvos. A vida não vai
 deixar de ser vida pelo mero facto de eu
 não saber pensar a vida. E logo, voraz,
 a pergunta: O que é que isso tem a ver
 comigo? Sinto que estou a cair, só ignoro
 onde. É uma queda, uma queda lenta,
 é uma escuridão. Nada disto faz sentido,
 pois não? Não seria melhor abandonar
 aqui mesmo este porisma, inalcançável,
 diria uma qualquer pessoa de bom senso,
 e passarmos a outra coisa? Concorde.
 Destroço dele mesmo fica a boiar isento
 como uma catástrofe neste livro, passo
 de uma experiência falhada, testemunho
 de uma tentativa gorada. Mas, inaudito
 e inédito nos anais da história literária,
 sem vergonha. A monstruosidade coeva
 ou a deficiência também exige uma voz!

Espero como quem espera um acontecimento.

Tenho todo o tempo. Não estou atrasado nem estou adiantado, estou em pleno meio, contemporâneo de mim mesmo. O que vier será bem-vindo. O que acontecer será um acontecimento. Assim tão simples. Viver já foi mais difícil. A vida muito mais complicada.

Muito naturalmente, descubro que esperar é o que me está a acontecer. O que advém está sempre a advir. O que acontece está sempre a acontecer. Viver é viver. A tautologia faz parte do mais lídimo pensamento. É o pensar do pensamento. Espero pois sabendo até que ponto esperar é um acontecimento. Resta agora saber o que espero para que tudo se defina, se clarifique. Aí surge o problema.

O que acabei de escrever, sendo língua, não é pensamento. Ou, sendo pensamento, não será língua? Estou confuso. Poderá haver um não-haver? Ou, inversamente, poderá não haver um haver? Como sair do imbróglio?

O mesmo é dizer, desta língua? Que real haverá aí que me possa conceder apenas a realidade? Isto é, a relação com as coisas, em que a língua só valha pelo seu uso?

Especulações escusadas escudam-se usadas em especulações, outros tantos espelhos espalhando o caos em infinitas reflexões. Não, devo dizer imediatamente, não espero nada da língua, senão o seu nada, e espero deveras que o pensamento não seja demasiado especioso. Especialmente agora que o texto parece estar quase acabado, embora digam da ilusão que é todo o acabamento. Eu não me importo nem com começos nem com fins, o que mais desejo é ficar sempre no meio!

Nada como uma dor de cabeça para se saber que se possui uma cabeça e se tem uma dor. Estúpida asserção! O que um homem não tem que escrever para escrever um livro porético! Que, com certeza, até já não o é! Porque tudo muda, mundo terrível das formas, das coisas, das vicissitudes, das circunstâncias. Precisaréi de mais palavras para dizer o que, no fundo, não sei se quero ou desejo dizer? Pressinto a redundância que me rodeia incomensurável, vou deixar-me levar pela facilidade? Haverá mal? Quero dizer, estilístico? Afinal a cabeça e a sua dor não poderão justificar esta falha, esta complacência tão humana? Para quê, é só uma pergunta, escrever livros imaculados que não interessarão a ninguém, senão à baba da futura estética? E mesmo assim, e mesmo assim, com muitas dúvidas, já que a história literária tem muito que se lhe diga. É, muitas vezes, cega. Ou surda. Ou lenta. Ou injusta. Melhor mesmo é regressar à dor, da cabeça ou de outra parte qualquer do corpo. Tarde demais! Não me apetece chafurdar no alcor de uma meditação acabrunhada onde o erro psicossomático seria esquartejado ao vivo. Que fazer então? Nada mais nos resta, caro Leitor, caríssima Leitora, que conversar. Eu compreendo a impossibilidade, ninguém está aqui, nem sequer eu, que escrevo, mas fingir até já foi uma estética, vocês certamente que se lembram: o Leitor é um fingidor, finge tão completamente que lê no poema entrevisto o que o autor nunca escreveu, e etc. Façam o mesmo com este porisma, reescrevam-no onde ele falha, não movidos pelo desejo vil de perfeição, mas pelo desejo verbal de ser.

Os nomes que estes *bluesmen* têm! Quem agora me acompanha pela tarde adentro, pela tarde afora, chama-se Watermelon Slim, um branco que sabe do que toca e canta. *Up Close & Personal* é o nome do CD, para que um dia possam adquiri-lo, se forem curiosos, ou se tiverem alguma pachorra. Eu sinto-me, ao ouvi-lo, *elated*, enlevado. A maior parte das canções é a solo e são acústicas, vindas supostamente de um mítico Delta por onde eu passei quando passar foi um projecto de viagem. Louisiana e Mississippi não me são estranhos. Agora, encalhado em Sintra, não deixo de ouvir esses sons que me encham de uma infância única e possivelmente a mais verdadeira, porque foi aquela que se escolheu como ponto de referência para uma ontologia de um tempo acmástico. Se o mundo me é estranho nada mais faço que reconhecer meu ser no *blues*, um facto deveras incompreensível e que foge de todo à inteligência que se procura ter das coisas e dos eventos. Não que não me disperse por outras paragens musicais, os horizontes são fantásticos, efusivos, em todos me perco como quem se procura, ou melhor, em todos me abismo na atenção de uma sucessão de sons que são iminências de vida, em todos levito como se o corpo fosse mais do que um espírito, mas a casa, o lar onde sempre regresso é esta música que agora ouço, o *blues* inaudito, ritmos viscerais onde respiro um nascimento como, com certeza, exercito um estertor fictício que me prepare para a morte que mais dia menos dia sobrevirá. Não ser uma guitarra para dar um som! Ser apenas um homem que tentou há muitos anos a música, em vão! Se as mãos não souberam ser instrumento, os ouvidos são o que são os sons!

Finjo que não sou quem sou para poder continuar a escrever o que os dias não me dizem, ou deveria antes dizer que finjo que sou quem sou para poder continuar a escrever o que do dia não me atinge? Vai tudo dar no mesmo. Quando se chega ao acme da língua e não se encontra nada, nem sequer o som de uma música que tanto se amou, mais vale deixar para o outro de mim a tarefa de continuar a fingir que escrever é uma possibilidade, e que isso, se não basta, já é bom dada a natureza das coisas. Coisa terrível ter-se que falar do que não se quer falar, quem me exige passar por aqui?, quem me obriga a sofrer este castigo?, esta insofismável solidão?, são as perguntas que já nem faço porque sei que não há ninguém aqui ou aí para responder, ou que não há muito simplesmente resposta. O texto finge-se texto para nenhuma leitura, cresce monstruosamente, vale a pena tanto denodo da sua parte? Faz-me pena! Faço-me pena. Poderia estar lá fora a passear, o sol convidativo, ainda ontem o prometi a mim mesmo, e em vez disso estou aqui fechado nesta abreviatura do ser, tentando mais uma vez a tentativa vivida como tentação, mas tentação de quê? Este quê foi e tem sido a minha perdição, fere-me no imo, quem existe aí para acreditar no que estou a dizer? Todos cínicos, todos petrificados em dissimulações ávidas, quem se preocupa com o semelhante? E haverá aqui um semelhante? É um outro problema. Não menos grave. Se fingir fosse ao menos uma atitude estética! Quem é quem explode ignorando se é pergunta ou se já responde implicitamente à cobardia de quem não tem coragem de passar por aqui. Este aqui há-de ser sempre uma incógnita. Um desconhecimento quase total apaga as palavras da língua deixando-a num descalabro sem memória. Quem ousará agora escrever a história deste presente tão dissidente?

Posso estar estirado na espreguiçadeira de lona,
junto à piscina de azuis líquidos, posso ser
um homem meditativo vendo as canas balouçando
em remoinhos inexplicáveis, posso sentir
a tarde tergiversando pelas horas que passam,
posso até pensar que sou num instante
feliz, só não posso dizer que estou em mim, só
não posso dizer que posso até certo ponto
mentir. Seria pedir demasiado de mim. Vivo
agora numa dimensão que me é totalmente
desconhecida, não me reconheço no que faço
ou digo, alguém se apossa da minha pele
e do meu corpo desvirtuando-me um qualquer
passado. É uma vingança do destino,
penso. Por ter vivido sempre o dia a dia, fora
ou longe de qualquer ideia que não
fosse o agora ou o instante. Não tenho amarras.
Não possuo memória. Leio os livros
que escrevi e reescrevo-me outra personagem
para a possibilidade de ter existido.
Gozei da história e agora não há história capaz
de me conter. Olho-me ao espelho
e descubro-me um súbito pai de mim mesmo,
encanecido. Mas onde está o jovem?
Morto. Desaparecido. Sem traço nessa areia
mitológica onde se contam fábulas
e peripécias. Posso estar estirado na cadeira
estarrecida, posso ver as andorinhas
voando por quanto é céu em dia de canícula,
posso ver a família atarefada nisto
ou naquilo, posso até parecer um homem vivo
meditando sobre a vida e a morte,
só não posso dizer que eu seja eu, que eu
possua uma espessura ontológica.
Poderei pois dizer, verdadeiramente, que posso
ser o que o ser me nega como poder?

A música de Wim Mertens não colide com o meu pensamento, antes pelo contrário, fá-lo espreitar-se quando as sensações das coisas do mundo o desviam capciosas para detalhes que não têm nenhuma importância.

A tarde vai no seu meio, mas as tardes são em Maio não só intensas como imensas, duram horas de um tempo intraduzível. Escrevo. Não é um segredo. Não é nada de novo. O novo não precisa deste nada para surgir inopinadamente no porisma, o novo é capaz até de ser uma ideia velha, ou completamente ultrapassada. Não acho. Quero dizer, não concordo, não quis dizer que me era difícil encontrar o novo. Embora a novidade seja sempre difícil de alcançar.

Encontra-se onde menos se espera. Não vale a pena grandes buscas ou procuras, o novo emerge como se nada fosse, é, aliás, um nada que se transforma em qualquer coisa, a tal inexistência que exige ser existência, como tantas vezes o disse. Nem sempre se dá pelo que é novo. Às vezes é preciso anos ou décadas para que a sua evidência seja evidente. O novo vive da velhice da mediocridade histórica. Expliquei-me mal. Só quando a mediocridade ressalta como velha ou morta é que se percebe mesmo ao lado, despercebido até então, como reserva, o novo. Daí o problema da contemporaneidade e do tempo. O novo nunca é contemporâneo de nada, é eterno.

Não sei se a música de Wim Mertens é nova ou velha. Mas está a ser pela tarde que passa contemporânea de mim, fazendo da apatia onde caíra um ápice de meditação.

Especado diante deste nada que tanto poderá ser
o tempo como o nada como o próprio ser,
espero que as palavras irrompam na consciência
para poderem irromper na escrita onde
balbucio uma existência em tudo periclitante.

Que me dirão de fundamental? Que nada
mais se funda na possibilidade de um pensamento,
que cada vez mais é o acaso que lidera
a sorte onde prospera uma vida incapaz de destino?

Que compreender é desvirtuar a acção
do que acontece, e que só acontece o quer que seja
quando se sente como presença a falta
de uma ausência vibrando palavras de outra língua?

Será isto um círculo? Onde estarei eu
agora? Este *onde* arde como uma antiga memória,
perdeu-se na história do ocidente, o caso
não é só uma necessidade da interpretação óbvia,
é a saída, a passagem, a aragem no rosto
de quem perdeu o rasto quando se descobriu só,
sem passado nem futuro. Resta, a quem
deseja viver, viver o que resta do sol, o que resta
da língua, o que resta da vida. Demasiado
tarde para se fundar um lar, para se permanecer
como uma luz no ser. A viagem traduz-se
pela procura da passagem, avançar sempre passo
a passo e sempre em frente, em direcção
à abertura, à deiscência: a ciência só será futura
quando tiver descoberto o que a envolve:
o medo de se libertar na libertação dos homens
e das mulheres e das crianças que viajam
pelo planeta errante à procura de uma solaz cura.

Fico estupefacto ao ouvir o que me dizem
as palavras que surdem na consciência aturdida.

Tratou-se de uma revelação ou é simples
ideologia o que acaba de ser escrito? Incapaz
de responder não respondo pelo que é!

Dias assim tão desmedidos de presença (onde teria lido este verso?), dias assim tão despidos de qualquer sentido, dias apenas passando e passando por dias, como se fosse natural haver dias, como se fosse natural escrever o que se está a escrever nesta tarde quente de Junho. E depois? E depois um infinito depois colmata o tempo da vida colmatado já com o tempo da escrita, numa sucessão de depois mais ou menos infinitos, ou mesmo finitos, já que esta linguagem não tem um referente onde possa achar a verdade ou mesmo a verosimilhança.

A referência ficou nessa tarde quente de Junho, que até existe, que é do dia de hoje, mas aquele «E depois?» veio e estragou tudo: um desastre ecológico! Sim, sim, do eco que se fez, das réplicas do som, de sons chocalhando em sons numa cacofonia um pouco abominável. A experiência tem destas coisas. Falha-se muitas vezes uma tentativa de forma, há conteúdos incipientes que, por vezes, nunca chegam a encontrar os seus reais continentes, perdidos em tergiversações mais ou menos anódinas e prematuras.

Mas se não se experimenta não se vai a lado nenhum, não se encontra a saída, a solução. Uma estética do problema, é sabido, preocupa-se e ocupa-se não só com a problematização da vida, como procura resolver na prática da sua acção verbal todos os percalços que enfrenta, sabendo que a diferença é nula entre escrever um porisma e viver uma vida.

Aturdido pelo simples facto de ser
 procuro concentrar-me na escrita,
 as palavras são pedras de um edifício,
 a sintaxe é um corredor que me leva
 a quartos predispostos a serem
 habitados pelos sentidos do corpo.

Onde estou? Onde sou já nada soa
 a nada, quiseram que a canção fosse
 niilista, mas a canção traduz apenas
 as peripécias e os eventos da alegria
 que não se reconhece porque a língua
 sofreu mutações extraordinárias
 sem que ninguém desse por isso.

Parece até que não se está a dizer
 nada. Mas este nada diz-se, existe,
 é, evolui, culmina, floresce, nasce,
 transparece em cada frase ou dito
 que se debita quando se procura
 um abrigo, um porto, uma porta.

Mas não tenham ilusões. Não há
 mais um centro capaz de segurar
 o mundo com decisões ontológicas,
 e os centros de decisão espalhados
 pela terra não sabem o que decidir
 do mundo nem do planeta. Todos
 andam aturdidos e confusos, onde
 porém uma língua que os abra?, é
 a insidiosa pergunta que ousa saltar
 do anonimato para tornar este raro
 documento inexplicável à luz da razão
 moderna. Afinal de contas, a sorte
 que tenho, apesar de tudo, por poder
 vir até aqui, a este não-lugar, e aqui
 viver abertamente uma vida que nem
 o ocidente nem o oriente me deixariam
 ser na verdadeira acepção da palavra.

Não há música, não há silêncio, há a presença de quem sou como uma companhia que me faço neste abandono da tarde, e não sinto nenhuma solidão na luz que entra pela janela escancarada.

Há um céu azul abissal de distância, há a vida que nunca alcança um saber ou uma sabedoria, há deveres que se têm de cumprir, tarefas taras imperfeitas da ambiguidade e da indefinição, há já uma memória esparsa do haver incapaz porém de se constituir em história talvez porque não há uma língua nem quem saiba inventar um mundo. A companhia tem que bastar. O eco de um mim a mim eclodindo numa vibração tentacular, voz afogando-se na voz, vez culminando na vez, luz repercutindo-se na luz, impacto de um acto, mais do que energia e menos do que ilapso, leniente lapso de tempo, nascimento, vida e morte: cena terrestre de uma estranheza onde o conceito vai ser incapaz de advir uma mistificação da mente, da inteligência, do pensamento: companhia, ser e estar, ser e estar. Uma grande paz sobrevem, a tarde entardece tão epuloticamente que não é miragem ou um falso alarme o que se sente: soa este silêncio a uma música, sente-se a presença de quem se é, não como entidades diferenciadas e distintas, mas como a mesma coisa. Felicidade.

Há palavras que não remetem para nada, ou só para o nada que existe nelas ou no próprio mundo.

Há palavras que aspiram a ser felizes. Homens e mulheres habitamos um planeta desmesurado. Já se procurou uma medida. Não a acharam. Já se tentaram todas as artimanhas para se vencer o mal. Há quem o negue. Há quem o confirme. O sofrimento é planetário. Mas a companhia, vê se compreendes, para ser verdadeira e eficaz, só poderá ser solitária como um dito paradoxal!

Chove como se não fosse possível em meados
 de Junho. As trovoadas de Maio perderam
 o tempo, como às vezes eu penso que perdi
 um certo tempo de vida. É apenas uma sensação,
 às vezes nem isso, uma sombra que passa
 num deslize de nada onde os sentidos sentem
 que houve algo onde nada poderia haver.
 É certo, religioso ou não, o homem é um animal
 metafísico. A realidade nunca lhe é o real,
 o concreto, a objectividade, há sempre um mais
 algures apontando para uma outra dimensão.
 Às vezes sente-se à volta de nós uma presença,
 há quem acredite que seja Deus, que sejam
 Anjos, que sejam até os espíritos dos Mortos,
 nada sei, mas não posso ignorar a presença.
 É como uma humidade no ar sem que se preveja
 chuva ou sol, é como se a atmosfera fosse
 portadora de uma estranha fala incapaz de dizer
 ou de se fazer ouvir, mas não de se fazer
 sentir. É tão aborrecido estar a dar conta disto.
 Nunca me vi com apetrechos místicos ou dado
 a sensibilidades extra-sensoriais, mas vou
 negar o que me acontece só para manter a fria
 máscara de um racionalismo irrazoável?
 Anunciaram, os filósofos, o fim da metafísica.
 Para mim, pelos vistos, é o começo. Ando
 sempre ao contrário. Nunca faço parte da moda
 nem do modo de se conceber um mundo. Já
 não falo da terra. Molhada como ela está dá-me
 agora estranhos odores e esperadas rosas
 na casa de campo onde tenho vivido o mês
 de Junho com a minha mulher que está de férias.
 Estou a passar por uma terrível ausência,
 mas disso não desejo falar. Chega de tanta
 dor escrita ao longo dos anos. Chegar-me-á
 a presença que se faz sentir, e nela haverá paz?

Regresso a quem não regressa, mas é bom pensar uma frase paradoxal, sobretudo agora que o sol sulca a tarde de saltos luminosos, variações de tonalidades onde as nuvens jogam efeitos perspicazes, enquanto o vento sacode as copas das árvores e a música corresponde aos *blues* de “Philadelphia” Jerry Ricks no CD *Deep In The Well*, que é, no fundo, onde estou!

Não, não se trata da velha depressão que até se trata e tem tratamento, nem da melancolia que lambeu o ocidente, trata-se de fazer horas, esse lugar comum extraordinário que a língua averbou como se nada fosse: o nada também se faz com as horas que passam, embora pareça que tudo é sensação, coisa atrás de coisa, algo com que se preenche uma vida e até um destino.

Regresso como se fosse possível regressar, não é, é sempre em frente até um voltar atrás, mas às vezes não há coincidência entre o real e a língua que pretende dar conta do que está acontecendo. Acontece que estou perdido onde por acaso me encontro, estes encontros nem sempre são benéficos: tempo, disse-o, digo, quem me diz a mim que tenha acertado no veredicto? Não, não tenho medo do medo, nem destes *blues*, nem desta tarde, nem, já agora, das nuvens que passam voláteis e fofas e brancas com uma determinação inaudita, terei razão para ter medo do tempo? Fazer horas é a mesma coisa que envelhecer? Não haverá, em fazer, qualquer coisa que contradiz a degradação da senescência? Ou trata-se apenas de um problema linguístico? Regresso é que nunca há. Ninguém tem o poder de parar o tempo porque ninguém sabe o que é ser tempo para lá do corpo que se é ao passar.

Não poderei falar de alegria como falava outrora, mas ver as palavras emergirem à superfície da água é um prazer icástico, brando, como se um outro homem me habitasse depois de tantos anos de jogo da catacrese. É como se eu próprio não fosse mais próprio nem fosse o mesmo, como se tivesse mudado sem ter dado por isso, como se me tivessem tirado ou arrancado de mim durante o sono para colocarem no meu corpo um eu totalmente desconhecido: ido que sou, quem sou agora neste silêncio embevecido?

É sempre como se, se me faço compreender. Eu não me faço compreender, eu não se faz apreender, é como se eu fosse finalmente um ele, logo, a bem dizer, ninguém, um fantasma sem aquém nem além, uma passagem sentiente subindo pelo tempo o fio de uma vida talvez esquecida nas margens de um rio.

É como se as palavras que vejo surdir cantassem uma estranha canção, ousassem alertar a consciência para a fulgência do que vive e respira, incapazes porém de architectarem uma história com princípio, meio e fim. É como se a memória tão louvada agora e sempre no ocidente não existisse, e só houvesse instantes de fulgor seguindo outros instantes, plexo calmo do que passa e passando nada deixa. É como se a contradição não fosse mais paradoxal, um mal assinalado em todos os livros bem pensantes, antes coincidissem com uma sensibilidade recente e nova querendo dar conta da complexidade do icónico real.

Ei-las que sobem à tona, as palavras, que estarão agora a dizer? Talvez tudo, talvez nada. Sinto-me subitamente um grande lago, penso-me uma forma, que humanidade é esta que me afasta subitamente do ser humano como tenho sido, coeso ou dividido?

Amálgama de língua e de vida deixo-me evaporar até que a voz de alguém alcance o que aqui se diz: o ar que se respira poderá ser sopro de alguma coisa?

Como o sol pálido desta manhã entro nesta coisa
que ignoro com a alegria de saber de antemão
que não vou encontrar nada, contente pelo passeio
que me proponho pela natureza das palavras.

A inocência perdida, que a idade é muita, fico
interdito, que caminho tomar, que passos deixar
sobre esta terra incógnita? Ou devo permanecer
pairando como o sol sem ousar uma pegada funda
na substância dos dias, apenas roçando a pele
do mundo e dos acontecimentos com a luz pútrida
que projecto como um dado adquirido e fatal?
Mergulhar nas coisas já foi meu fito e minha perda,
não ganhei nada com isso, nem sequer a legenda
de um feito na contemporaneidade das estéticas
que procuraram vincular ao tempo uma imagem
capaz de história e da subsequente memória.
Nunca ninguém deu pela minha breve existência.
Talvez porque o fluxo do que desejava ser coisa,
parte do mundo, o inexistente, como lhe chamava,
trouxesse uma violência ou uma monstruosidade
que afastou o olhar de quem se habituara à forma,
menos complexa e perplexa, da rotina e do saber
testado pela convenção que fornece uma medida.
O medo do imprevisível, em certas comunidades,
é mais forte que a curiosidade pelo que quer advir.
Nem eu próprio sei, reflectindo bem, o que se fez
ser de todo esse tumulto e de toda essa vivência,
já que certas palavras vividas como dicotomias
perderam elas próprias as propriedades vigentes
em que vinham embrulhadas ao longo de séculos.
Não é pois por acaso que estou interdito. Relido
o que ficou escrito, pergunto-me: estarei? O fim
nunca é o começo. As palavras oriundas sabe-se
lá de onde estão sempre a abrir passagens ágeis
e sentidos onde menos se espera, dizer qualquer
coisa tem que contar com a porosa contingência.

Dizer o sol, dizer o sol, e depois paro, aflito,
como se fosse surpreendido numa ingenuidade
a despropósito, ou então prestes a cometer
um crime. Ninguém pode dizer o sol, nem sequer
os poetas, para quê mais mistificações? Olho
da janela que não me dá o mundo, mas parte
de uma paisagem suburbana, os prédios acesos
pelo sol mortiço de uma manhã enclausurada
numa indefinição quase ontológica, vejo ao longe
sobre a serra verde um palácio solitário, cores
esbatidas por uma espécie de bruma incapaz
de incluir qualquer memória histórica ou outra.

Julho é sem dúvida mês, mas mês de quê?

Será que a pergunta é descabida? Será que
estar à janela já não faz mais sentido? E estar
em casa muito menos? Que se espera do homem
contemporâneo? Que seja apenas um produtor
e um consumidor de produtos? Nos países

do ocidente, é claro, que em vastas regiões
da terra, ou do globo, como se diz há vinte
ou trinta anos, nem sequer há a possibilidade
de se consumir qualquer tipo de consumo:

a pobreza é um facto indesmentível. Meu olhar
também não deixa de ser pobre. Não sei até
que ponto haverá uma relação de causa e efeito
entre estas pobreza, mas o realismo do real
não me permite divagações fantasiosas: perdi,

ou nunca possuí, para ser mais exacto, o condão
de transfigurar o real, num toque de pura magia
em que as palavras apagariam a fealdade

e a estranheza do mundo para que pudesse
reaparecer em todo o seu esplendor a beleza,

a beleza que, dizem extasiados os poetas
sobreviventes, dá um sentido à vida, à vida
de quem oprime os milhões e milhões de homens
e mulheres perdidos na ignomínia de existirem.

Às vezes penso que há idades para tudo.
Até para escrever. Irrupções e fragmentos.
Êxtases e ínstases. Experiências do ser.
E depois, a partir de certa altura, nada mais
nos resta que viver o que advém e chega
no silêncio de um abandono resignado,
como se a vida já não fosse mais a vida,
como se o mundo não soubesse mais dizer
ou sugerir ou ecoar uma língua audível
capaz de se fazer escrita com a convivência
que lhe prestamos em horas inaugurais.
O verdadeiro exílio não é viver longe
da terra amada. Antes é perder o tempo
em que aparentemente os outros habitam,
antes é não reconhecer os sinais do fora
que desfraldam às consciências saberes
que nos são desconhecidos ou interditos.
Ou que não nos interessam. Os senhores
que governam o mundo não melhoram
as suas leis. E as leis nada têm que ver
com a justiça. As democracias são hoje
armadilhas para contentarem os escravos
de ontem, tudo aparentemente mudou
para que nada mudasse. E quem parece
governar não é quem governa. O capital
ordena. Tudo o mais anda à roda, títeres
que não deixaram de ser seres humanos,
e daí a tragédia: trabalhadores e patrões.
Envelheci neste contexto. Que texto foi
capaz de destruir tal ordem? Nenhum!
Homens e mulheres continuam, sabe-se
lá como, a procriarem-se segundo leis
biológicas de que são sujeitos, a força
da natureza será uma aliada inesperada
do capital? Confuso com tais reflexões
remeto-me ao silêncio, longe do mundo.

Planto pois roseiras para as ver plantadas,
ser jardineiro foi uma vocação antiga,
é agora um prazer ver as rosas de várias
cores subirem ao céu numa platabanda
por mim construída no Inverno passado.

Não vou sugerir que caio em êxtases
de uma sensibilidade melindrada, não
quero mesmo que se fique com a breve
impressão de uma baba estética perante
a beleza alcançada pelo acaso da natureza,
nada de excessos ou de arroubos, o raro
sublime vivido outrora não necessita mais
de mim nem possivelmente de sobreviver
se já estiver historicamente ultrapassado.

Mas é bom pressentir nas comissuras
dos lábios um esboço de sorriso, é bom
ousar sentir o corpo de maneira diferente,
isto é, onde não haja dor ou sofrimento,
é bom ser-se corpo para a alegria feliz
do que é, é bom sentir no olhar a visão
dessas rosas que balouçam à brisa suave
como acenos de mãos floridas augurando
uma vida de um profundo amor viável.

Enquanto o sol matinal realça as cores,
enquanto me aproximo num atrevimento
seduzido para cheirar odores existentes
ou inexistentes, tudo é grande surpresa,
até os espinhos que pontuam as hastes,
tudo aconteceu assim e agora nada mais
faço do que transcrever o facto sucedido
neste fim de semana passado na casa
do campo. Há quem diga, amigos, que
não me posso queixar da vida. Pelo facto
de possuir duas casas. Há quem diga que,
dada a miséria que grassa pelo mundo,
eu tenho a estrita obrigação de ser feliz.

Talvez porque seja manhã de um dia que vai ser quente, é um prazer sentir esta frescura quase primeva e prístina nas palavras que surgem no porisma, como se fosse ainda possível existir começo onde só há tempo e duração. É bom o sentimento, é boa a emoção, sempre foi bom poder-se sentir o quer que seja, desde que não se trate da dor ou do sofrimento convulso que assola por vezes nosso corpo desprotegido ou nossa consciência carcomida pelo medo ou pelas aflições da preocupação. A vida continua afônica e imprezível, há quem pense ouvir sinais que dela eclodem como manifestações normais da existência, confesso que não tenho esse poder. As vozes que ouço são dos seres mais ou menos humanos que habitam o planeta, e para dizer a verdade nada dizem de novo: paz e guerra é a dicotomia, mas a guerra é o que prevalece abertamente ou, subterrânea, sob várias roupagens que às vezes são difíceis de detectar. Que sentido pois faz falar da manhã que agora perpassa pelas palavras que vou escrevendo, desta frescura que infelizmente não cura os males do mundo nem dos homens que não sabem viver um mundo porque são apenas filhos da terra incivilizada? Talvez nenhum sentido. Às vezes penso sinceramente que é um crime escrever o que quer que seja, ou deixar uma esperança que ninguém espera.

Outrora mergulhava no magma linguístico
 e emocional à procura de poemas, agora
 encontro-me numa situação em que tenho
 de levar à língua a substância do porisma,
 sem ter que nadar no nada da dispersão
 como tantas vezes o fiz pensando perder
 a vida quando o fito era alcançá-la e retê-la
 no instantâneo de uma fixação pensada
 poética ou verbal ou mesmo filosófica.
 Nunca, posso dizê-lo agora, retive a vida
 por um segundo que fosse, mas a ilusão
 trabalhava nesse sentido, de que conseguira
 dar do momento o momento, a totalidade
 de uma essência que hoje sei ter sido
 apenas mais uma ficção. Artefactos são
 artefactos, artifícios são artifícios. Neles
 perdemos realmente a nossa vida, ousando
 dar consistência à sucessão de tempos,
 pensando encontrar um homem no fluxo
 irremeável ou mesmo uma identidade
 capaz de nos confortar com uma história.
 Coisas aconteceram, factos passaram-se,
 acontecimentos tiveram lugar, tudo isso
 é verdade, nada disso é completamente
 verdadeiro. A língua não substitui o que
 foi ou é. Traduz apenas toscamente o dado
 visado ou ocorrido na esperança de fazer
 sentido dentro das suas regras. Não é o real.
 O real não tem regras nem funciona pois
 como um sistema que possa ser detectado.
 Nenhum presente traz em si o futuro. Só
 o presente passa por aquilo que não é:
 a ponte entre o passado e o futuro. Passar,
 porém, não deixa rastros. E se a passagem
 é porética é porque deixou marcas acesas
 no passado que se pensava presença futura.

Tarde toldada por uma digestão difícil, a cabeça não acerta com o real, antes procura a todo o custo devolver-me ao sono de uma sesta que pretendo evitar. Afinal o que é um homem? Afinal o que é a vontade? Bem, a vontade já não me prende a nenhuma escrita, nem acredito, sinceramente, que o escrito venha a ter importância na minha ou em qualquer outra vida. Por que não ser sensato e desistir desta empresa, escrever? Mas chega a senhora da limpeza, doméstica nos seus afazeres, nem sequer me posso deitar nesse sofá sublime que me permitiria, com a ajuda da música, atingir estados que, desvendando, não deixariam por isso de ser menos inefáveis. Estou pois preso à língua, sem saída nem remissão. É a minha sorte. Desde sempre. Aceitemos as circunstâncias. Que haverá a dizer e faça parte da história contemporânea?

Tanta coisa! Guerras que não deixam de ser guerras em orientes médios mediáticos, férias para muita gente nos países ricamente ocidentais, e uma profusão de coisas que nos são ocultas porque não têm interesse, dirá o chefe de redacção, de ser noticiadas pelos meios de comunicação, dada a sua banalidade: são aos milhares aqueles que morrem por isto ou por aquilo em mortes indevidas porque suas vidas não tiveram a sorte de pertencerem ao ocidente de onde eu escrevo.

Com tudo isto ocorrendo já não há mais lugar para a manifestação do ser nem para o cultivo da alma, o homem perdeu-se no seu humanismo, a humanidade não sabe onde se há-de encontrar. Ninguém é de ninguém uma imagem no espelho. E se há ainda especulação é só para se evidenciar argumentos a favor de interesses: o *outro* como conceito perdeu-se no amálgama das conquistas teóricas, ficaram os despojos das vítimas reais.

Mas não vou desanimar. Não vou ficar depressivo.

Conheço a doença como as minhas mãos, terei que cortá-las para me libertar do sofrimento? Não. Terei que sugerir a mim mesmo que esses homens que se matam não são homens, não são como eu?

Eu que fui tão dado ao ódio em épocas da vida mal vivida, eu que poderia ter destruído o mundo se tivesse tido a oportunidade de o fazer: a loucura também me viveu. Tive sorte. Curei-me, apesar de tudo, da doença social, que das outras ainda sofro suas garras como transposições do inconsciente. Ou nem sequer, neles, se trata de ódio, uma emoção, mas apenas do cálculo político, da medida de forças, de jogos de poder (mas isso não é a outra face da loucura, talvez até a mais perigosa para o destino das nações?) Que sei eu daquilo que pensam que é o mundo? A humanidade? A história contemporânea?

Isolado neste escritório nem sequer posso dizer, como outrora o disse, que vivo o que escrevo: uma disjunção incomensurável, desumana, separa-me sem saber do quê e de onde a onde e como, sinto só um rompimento, uma clivagem, como se o mundo não fosse mais do que uma palavra, não chegasse a ser coisa, acontecimento. Como se a crueldade das guerras e de outros factos afins não pudesse ser possível depois de séculos de uma educação humanista numa civilização que prega aos ventos, com um orgulho desmedido, os direitos do homem, todas essas conquistas reduzidas a pó de desertos onde homens e mulheres não conseguem ainda ser ser humanos com alguns direitos, como o simples direito à vida. Como pois não desanimar? Se só resta a impotência quando resta alguma coisa, mais o sentido da injustiça que é a sorte de se estar vivo porque se vive ao lado dos privilegiados que muito possivelmente pensam que merecem a sorte que têm!

Onde pois a beleza do mundo? Em que rosa?
Em que encontro? Em que mulher? Em que sol?

Só o esquecimento do mal, essa alienação,
nos permite sentir que por vezes passa quase
uma vibração epulótica por onde o nosso olhar
alcança uma distância, não digo não à ilusão
de que a terra é habitada de outras dimensões,
não digo não à periferia do sonho desde que
um real alívio possa ser sentido pelos sentidos.
Afinal andamos todos a enganarmo-nos. Quem
deseja a verdade diz-se filósofo, não se diz
apaziguador ou enfermeiro ou curandeiro: paz
é o que desejamos, sentirmo-nos bem na pele
em que nascemos e vamos morrer, passando
pelas metamorfoses do acaso e da história
pessoal como colectiva. Este pôr-do-sol solta
quem se é do que é a realidade e realiza em nós
uma voz onde o silêncio se faz ouvir, encanto,
maravilha, não há dor nem sofrimento, o corpo
respira brandamente como se uma criança
quisesse ainda habitar na nossa memória, ora
indo ora vindo, refluxo de uma maré anímica,
enquanto um sorriso dá profundidade ao tempo.
Nunca é tarde demais para se ser vivo. Viver
transforma qualquer ser num mosaico quente,
quem não desejaria de estar presente diante
de um mistério, quem não gostaria de ser
mistério na ausência súbita do mundo, imo
de um inesperado hino à terra, às coisas belas
que acontecem quando menos se espera, eis
a alegria e o contentamento, abraço dado,
corrida por entre o verde do campo florido,
as flores sentimentos que se acham depois
de perdas e os odores emoções reaparecidas
depois de quedas em abismos inconfessáveis.
Confessemos-lo: a beleza tem que ser reinventada!

Escrevo na penumbra. É manhã. É talvez a primeira vez que escrevo nesta casa, se a memória não me falha. Agosto, e o calor faz-se sentir. Não me sinto numa Grécia mítica, mas sei que algures o mito quer interferir invicto com a realidade de hoje. Preciso de estar atento, de ter muito cuidado. Muitos foram aqueles que caíram, felizes de um oráculo ou de uma revelação, na armadilha metafísica. Espero ter melhor sorte. Sou um homem do século XXI. É, pelo menos, o que diz a história pessoal. Ou, para ser mais preciso, já que muita da vida foi vivida, vivendo agora no início do século XXI. Este *agora* não tem nada que se lhe diga, por isso nada acrescentarei. Mas se não disser mais nada, se não acrescentar uma palavra que seja ao ser deste discurso, como poderei continuar a viver enquanto manifestação verbal? Haverá vida no estético, ou só a ilusão de que algo fica no que fica, neste caso nas palavras? Hum!, suspeito que escorrego, ou escorregava para outra ratoeira, todo o campo do ocidente está minado de luzes e de vozes e de histórias, será possível uma nudez que seja só do corpo, pois que até a nudez foi mitificada? Dizer traz em si o peso de milhares de anos de uma experiência ctónica, só mesmo uma linguagem performativa, do género, «vem para aqui, leva-me contigo, não me abandones» poderá furtar-se ao zelo do simbólico, e mesmo assim com muitas reservas. Sim, é verdade, escrevo na penumbra porque faz tanto calor lá fora que pretendo evitá-lo com este estratagema, consegui-lo-ei? Os resultados dos últimos dias são irrisórios. Os tectos altos não são tão altos como nas velhas casas que conheci em Goa. Melhor é mesmo abandonar a penumbra e enfrentar o sol. Dentro da piscina, claro está. A água não me permitirá nenhuma língua, nem a do corpo sulcando-a, mas outrora já não comparei certa navegação com a linguagem porética? Figuras de figuras, nada mais seremos do que linguagens buscando uma humanidade perdida ou nunca alcançada? Ou será que mesmo a humanidade é mais uma figura, face de um tempo nunca havido e que, com certeza, nunca será!

Tanta coisa para se acabar com a caça nesta região, acabou-se, e agora são as perdizes que, em vez de se espalharem pelos sete mil metros quadrados do terreno, ou escolherem outros locais nas fartas redondezas, vêm justamente espojar-se na platabanda que construí no Inverno passado para as roseiras.

A destruição é-me de tal maneira penosa que até me apetece fazer renascer a expressão traduzida do francês e utilizada pelo Sartre num dos seus livros: estou com a morte na alma. Moral da história: Há certos equilíbrios que são necessários. E não fico mais feliz por chegar a essa conclusão. A vida contém sempre uma componente de crueldade: essa morte que é o alimento daqueles que pretendem sobreviver a todo o custo e indiferentes a qualquer moral.

Já era tempo, para mim, de deixar de falar da vida ou de a trazer para o palco das meditações sóbrias, nunca soube nada sobre a vida, viver não cessa de me espantar. Que posso fazer para afastar agora as perdizes das minhas rosas? Nada. Compreendo por que, de tanto chão em volta, elas escolham ou tenham escolhido justamente aquilo que em inglês eu chamava, com carinho, o meu *rose garden*?

Pode-se amar o que quer que seja? Não haverá logo a corrupção, a malignidade, a arbitrariedade do real? Eu estava deitado no sofá a ouvir um senhor que por acaso até já morreu, John Campbell, foi logo depois do almoço, há pouco, a última canção ainda retinha aos meus ouvidos, *One Believer*, e depois quando se fez silêncio comecei a ouvir um restolho lá fora, será gente, gente não é certamente (brinco com a súbita recordação), levanto-me e abro a porta: ei-las, as perdizes, em debandada, tomando um voo caótico em direcção ao sul, os buracos bem visíveis na terra despida da casca de pinheiro. Poderei crer que alguém possa aceitar a natureza da natureza?

Ter paciência, é o que me digo, ter paciência,
 há coisas pior no mundo, fomes aviltadas,
 guerras estarrecidas, sofrimentos desprezados,
 que são algumas rosas danificadas ou feridas?

Entro para a penumbra do salão e ouço
 um relógio de parede a tentar emparedar
 o tempo, em vão, penso para comigo, mas
 não deixa de ser uma estranha sonoridade
 ecoando na passagem da tarde, o tempo
 esvaindo-se em categorias do tempo, a tarde,
 mas depois a noite, e depois a manhã, os dias
 passando sem que eu possa passar nos dias.

Só a eternidade mo permitiria. Eu vou dia
 a dia envelhecendo, o meu tempo não tem nada
 que ver com o do relógio que está na parede.

Eu passeio uma vida entre o nascimento
 e a futura morte, como se desse uma volta,
 como se regressasse de onde vim: ao nada.
 Sem a ajuda de uma mãe. Dizer-se *mother earth*,
 só como imagem retórica, o planeta erra
 pelos céus infinitos e não sabe muito bem
 o que anda a fazer na confusão das galáxias.
 O tempo do relógio, esse continua sem saber
 como parar, mesmo que se avarie ou se perca
 para sempre danificado no seu mistério:
 a tecnologia ao serviço da flente metafísica.

É nesta descoincidência que se vive, uns
 melhor do que outros, sem pensarem muito
 no que é o tempo, outros escrevendo livros
 e tratados à procura de desvendar o enigma.

De qualquer maneira, lendo esses livros
 escritos ao longo dos séculos, ficamos quase
 sempre com a impressão de que só disparates
 foram ditos, pois cada época sendo cada homem,
 e algumas mais do que um, diferentes sensibilidades
 gizaram diferentes explicações para o ser do tempo.

Já há muito não me acontecia que efervescências de palavras explodissem em forma de forma nos mais diversos momentos do dia, quer na acção que se perpetra a qualquer momento, quer no descanso sobre um sofá durante o decurso da tarde ou mesmo na cama esperando que o sono advenha como um bálsamo para finalizar provisoriamente as vivências de mais um dia. Não sei explicar tanta agitação da consciência em desejo e prazer formais, mas escrever assim, porque se trata de escrever sem qualquer suporte material, é um facto indesmentível.

A pergunta impõe-se: estarei ainda vivo? Mas logo pressinto que a sua formulação não tem razão de ser. Estou apenas a decalcar passos antigos.

Não é a escrita, nem escrever, que me faz viver. Seria injusto para tudo o mais que faço em rotinas do quotidiano, e uma estúpida idealização, pensar que só o momento da escrita coincide com a ideia nobre da vida como vale a pena ser vida. O encontro do imenso com o intenso.

Já é tempo de ter juízo. Mas não deixa de ser agradável sentir novamente esse formigueiro verbal escalonando-se ao longo de linhas e de ritmos e de sonoridades expelindo sentidos ora visíveis ora obscuros, estranhas línguas que emergem sabe-se lá de onde, estranhos sinais sinalizando sabe-se lá que mundos inexistentes ou escondidos da língua que utilizamos todos os dias quando pretendemos comunicar com os outros o que há de comunicável nas relações humanas.

Claro, todos esses apogeus de textos outros se perdem sem testemunho na desmemória, o importante é a excitação da experiência vivida, arrumar cada palavra que surge num fundo que não existindo se confunde com o próprio tempo.

No apartamento, quando escrevo no escritório, tenho apenas a janela que me dá a serra e o seu vulto. Aqui, na casa de campo, tenho toda a profundidade do salão, mais de dez metros juncados de móveis onde posso pousar meus olhos quando fico cansado de os ter perdido na luz do monitor. Uma vez deixo a música soar a sua ternura companheira, outras vezes, como agora, manhã, prefiro o silêncio a reverberar no silêncio em empatias do absoluto, embora confesse desde já que não compreendo de todo o significado daquelas «empatias do absoluto».

Coisas que se dizem, ou que irrompem nos textos como se exigissem também um lugar ao sol, à vida, embora suspeite que se trata mais do piroso que paira como uma obsolescência na consciência desprevenida. Poderia, numa ablação funesta, cortar esses dejectos, mas acho que até a mediocridade tem um papel importante a desempenhar na urdidura da estética que venho inaugurando sucessivamente ao longo do tempo, isto é, da minha vida enquanto escrevedor. Uma estética da inclusão, não da exclusão, mesmo se coroada da imperfeição, e não do rigor da pureza. Mas estou em plena deriva. Não sabia o que queria escrever, o que este porisma iria ser, mas sei, isso posso garantir, que não era um tratado teórico explicitando meus passos na aventura languageira. Estou farto. Seria para mim muito mais interessante falar desta penumbra que procura evitar o calor que já faz e vai fazer com maior violência durante a tarde, e, talvez, porque mencionei algures o termo profundidade, penso que do salão, brincar, sério embora, empregando uma antítese, dizer que nada, mesmo nada, desta cena interior e doméstica, dá ou justifica tal sugestão. Às vezes basta passar-se de um plano para o outro para que o simbólico se introduza com todo o esplendor da mistificação!

É muito frequente, manhã cedo, ou no crepúsculo, ver passar alguns coelhos pelo terreiro da casa, para já não falar das cobras rateiras que infestam a região, e das perdizes que devem fazer os ninhos ao longo do terreno. Quanto à passarada, seria incapaz de dizer quais são as espécies que voam sobre a minha cabeça, reconhecendo apenas o pardal, as andorinhas, os melros, as rolas e o milhafre, este o nome que dou a qualquer coisa que se parece com uma águia em ponto pequeno. A *wildlife* é pois um facto a uns bons vinte e cinco quilómetros da capital do país. Se emprego o termo estrangeiro foi porque eu conheci a natureza nos Estados Unidos.

Há quem me diga, embora eu seja céptico, que eu tenha vivido outras vidas em outras encarnações, e que justamente um desses sítios foi a América. Explicando aliás esta minha vida como uma parca peregrinação aos locais das vidas precedentes: Paris, Londres, América, Goa, etc. Eu ouço, faço de conta que há alguma plausibilidade na explicação, um sorriso ábdito no incomensurável da alma isenta.

Mas a verdade é que ainda outro dia, ao chegar a casa à noite e deparar com dois pequenos coelhos saltitando aflitos junto ao portão, senti num repelão como se estivesse a viver num desses estados ainda mais ou menos ecológicos dos Estados Unidos, senti que vivia por interposta experiência outra experiência e por interposto país um outro país, reconhecendo nesse sentimento ou nessa sensação a alegria de ser reconhecido, e, ao mesmo tempo, inexplicavelmente, de continuar vivo. Para ser honesto não vou agora especular sobre a natureza daquele «continuar».

Só posso dizer que não o tendo percebido como um significado unívoco, também não deslindei nele uma duplicidade de sentidos: mas algo de confuso coincidiu com aquele momento: uma fusão de visões.

A canícula continua, continuam os banhos na piscina, férias até certo ponto solitárias, pois minha mulher trabalha e só a vejo quando se despede para o trabalho com um beijo e quando dele regressa para passarmos a noite juntos. Todo o dia é esta companhia de mim comigo, fazendo isto ou aquilo, isto é, não fazendo nada.

Sempre leio livros mais que relidos, sempre ouço alguma música, como o estou a fazer agora, mesmo escrevendo, sempre vou ao supermercado comprar o que é necessário, às vezes mesmo ao apartamento, para ver se há correspondência ou *emails* importantes, mas a maior parte do tempo deito-me num destes dois sofás, que só não são míticos porque não pertencem a nenhuma narrativa nem a nenhuma epopeia, e faço de conta que passo pelas brasas, incapaz que sou de dormir, e por isso de uma sesta que seria essencial.

Em que penso? Em tantas coisas. Que uma vida foi vivida sem ter dado por isso (e o pensamento não é original, o que me agrada pela comunidade oferecida assim tão subitamente à humanidade onde tantas vezes me senti um estranho), que nada fiz de relevante, e já nem sequer me refiro a essa Obra das aspirações juvenis e canhestras, mas que nada fiz para mudar o mundo, o que é muito pior, que foi um erro estético falar tanto da vida quando dela nada se pode dizer, que deveria ater-me mais às coisas da realidade, quer na experiência existencial como no devaneio verbal, que perdi muito tempo e muita energia com fenómenos que explodiam em mim sem causa aparente, acenos de uma inexistência que buscavam a certeza do real e para isso precisavam da língua e de quem fosse até à fímbria do delírio etimológico ou do perigo catacrético para poder finalmente ver a luz do dia e da história. Não sei se o consegui. Acho que não. O silêncio cruel do redor ou a indiferença cultural só poderão querer dizer que as metas não foram atingidas. Foi pena.

Resta-me, com a idade, deitar-me nas águas da piscina e fazer-me do que sou, um mamífero, mesmo se não uma baleia ou um golfinho, cortando com o meu corpo o líquido nem tão morno como isso, no prazer célere de flutuar ou de descer às profundezas abissais (dois metros, nada de exageros poéticos!), fazendo estranhos barulhos com uma voz que não é minha, uma voz saída da colisão entre a solidez do corpo e a liquidez da água, enquanto meus braços e minhas pernas se movimentam em movimentos ora coordenados de quem sabe nadar ora se deixando inertes suspender num balouço boiado. Enquanto o sol brilha e se reflecte em sucessivos ecos aquáticos de um azul benfazejo e molhado, ôndulas vão de encontro às paredes da piscina onde insectos jazem já mortos ou prestes a morrer. Este ano a epidemia são as vespas. Lançam-se sedentas sobre as águas e ficam presas na armadilha. Ainda procuro, quando as vejo aflitas tentarem sobreviver, tirá-las da superfície letal. Com uma mão côncava lanço-as para a borda segura e seca da piscina, sobreviverão? Confesso que nunca perdi tempo a ver se recuperavam do susto, novamente voando. Alguém me disse que perdia o meu tempo, pois mais tarde ou mais cedo viriam a ser atraídas pela água. Faz-se o que se pode, mesmo que pareça ridícula tanta preocupação. É quando me dizem, é a vida, e eu fico, sempre fiquei, remoído por dentro. Ou, as coisas são mesmo assim. Confesso que se estivesse em África, eu vendo, não haveria leão ou leoa que se aproximasse de uma gazela. Embora compreenda racionalmente que nessa relação de caça não há poder. Só equilíbrio ecológico, uma cadeia em que os mais fracos são pasto dos mais fortes. Mas mesmo assim não é por acaso que evito esses programas sobre a natureza: a crueldade social em que vivemos neste planeta impôs-se-me de tal maneira que dificilmente consigo abstrair os factos da natureza dos acontecimentos da esfera da política.

Anos atrás estaria agora preocupado com o que poderia ainda escrever neste seguimento de textos, hoje sorrio e deixo que as coisas se resolvam por si, o quer que isso possa significar. A manhã, e é o recurso de sempre, passou a ser tarde, a hora chama-me clara e quente para um mergulho na piscina que foi limpa há pouco, dou-me mais alguns minutos para levantar este edifício de palavras. Um edifício vazio, oco, não terá que dizer nada, apenas um eco de outros edifícios, palavras remetendo-nos ou remetendo-se vivíssimas para outras palavras numa música inaudita e inolvidável, que mais esperar da escrita de hoje quando dizem que esperar é já um verbo que levanta algumas suspeitas?

Os tempos não estão para flostrias. E se a poesia passa mal, a linguagem porética ainda pior, pois, pelos vistos, nem sequer existe. Não, o que atrai as vastas multidões passou para outros significantes (um maldoso diria logo, insignificantes, mas seria só um inefável sinal de inveja), que me coíbo de mencionar para não fazer propaganda ao que dela não necessita. Os pãezinhos quentes nunca precisaram de anúncios publicitários. O povo adora-os. Não sei se alguma vez o povo se interessou pelas palavras. E se não será mais uma ilusão pensar-se que poderá vir a interessar-se num futuro qualquer.

Ler é uma chatice. Por mais que digam que não, ler é uma chatice. Talvez não os livros licenciosos, ditos hoje pornográficos, mas quando há filmes do género, vale a pena ler o que pode ser visto? Não é preciso ser-se um filósofo para se saber que à sociedade do espectáculo corresponde um mundo da facilidade. Sentir gozo nas palavras, nos sons de alguma música clássica, seja erudita ou popular, é para meia dúzia de pervertidos, só pelo facto de serem uma minoria, nada de confusões.

Para alguma coisa a palavra elite existe. É porque essa realidade também existe. Tenhamos coragem, digo eu, em assumir o que é óbvio e ainda não é um crime.

Bocejando, abeiro-me deste nada na expectativa de o inundar com palavras, não sou tão optimista para poder falar de ideias ou de acções ou de coisas capazes de se organizarem na aparência de um mundo. Não é que com as palavras, às vezes, não se consiga transmitir uma emoção ou o acaso de um conceito, ou mesmo acontecimentos que ocorreram ou ocorrem na periferia ou no imo da vida, mas é preciso ter alguma sorte para se captar a verdade do que é. E eu confesso, dados os falhanços ao longo dos anos na reprodução da verdade, deixei de me interessar com tão grande e sério objectivo. Não que me tenha virado, rancoroso e impotente, para a ficção melíflua onde a imaginação se sente à vontade para ser livre, que me interessaria uma liberdade que não tenha os seus pés assentes naquilo que se chama o real? Contento-me pois com este pouco: tentar as palavras em acessos de linguagem onde por vezes excessos são cometidos como experiências que se fazem, provando que a linguagem porética é uma ciência a seu modo um pouco estranha e inaudita e recente. Nunca sei verdadeiramente o que procuro. Encontro por vezes o que não esperava, a perplexidade verbal apontando para inconcessos escaninhos ontológicos, como se houvesse ainda ser no que há de língua para se dizer ou escrever, como se fosse possível, apesar de todo o cepticismo e de todo o pessimismo que grassam no mundo dos homens e das mulheres, um insuspeito caminho, um chamamento, uma via, em total contradição com as guerras que despovoam as comunidades humanas, com a falta de justiça que prevalece nas cimeiras dos interesses fulcrais. Sabendo, de antemão, que de nada serve esta frágil empresa. Ninguém ousará ler o que o desejo rejeita. A sobrevivência é o maior crime da humanidade. Justifica o mal como uma necessidade vital: tu ou eu!

Depois de uma semana insuportável de calor, esta quase frescura, segunda-feira de manhã e já se desvaneceu o nevoeiro, ficou um sol e alguma brisa para que possa ver, a portada finalmente aberta, as canas balouçando junto à piscina que não posso divisar deste ponto do salão onde se encontra a secretária sólida. Comprei em Fontanelas, sábado passado, em segunda mão, dez livros, numa feira que fazem todos os anos por esta altura. Terei leitura, já agora, para o tempo de férias, vou já, devo dizê-lo, no segundo, em francês, uma história da filosofia ocidental. Quantas histórias não li da filosofia ocidental, de diversos autores? Como não tenho memória, poderia dizer que é sempre tudo de novo, mas não é verdade. Se não leio, não me lembro. Ao ler, é um *déjà vu* que me deixa um pouco desesperado: há alguma coisa a fazer? Não há. Por isso leio e releio quando tenho pachorra, mas o mesmo me acontece com os filmes que estão sempre a passar nos canais da televisão. Sei que os vi, mas não me lembro de nada. Apenas, por vezes, uma cena me desperta ou se desperta dentro de mim, sem razão especial, a menos que seja mau psicólogo e não possa ou queira reconhecer o sentido profundo de tal cena. Com as canas que balouçam junto à piscina não tenho desses problemas. Sei que são as mesmas canas dos dias anteriores, mas tudo é diferente: a brisa ou o vento que as faz balouçar, e o próprio movimento diante de mim quando me sento na espreguiçadeira. Não admira que passe horas a contemplá-las, a essas canas: são como pensamentos meus agitando-se no despertar que então alcanço.

Um interregno de três dias com aguaceiros e temperaturas mais baixas, e de repente Agosto, não deixando de ser o que é, transforma-se em algo de estranho, como se uma descoincidência se tivesse instalado, uma anormalidade da natureza, um clima que dá para pensar, embora não se chegue infelizmente a nenhuma conclusão depois de ponderados os sinais que se apresentam à consciência que procura reter do que acontece um traço capaz de dar conta do real. Fica-se apenas com a sensação de que um fim surgiu antes do tempo, mas o que significa tal asserção? Como se no meio de qualquer coisa emergisse súbito uma premonição, mas a tentativa de explicação é demasiado psicológica. Não é nada disso. Não consigo dizer o que sinto. Não faz mal. Quantas e quantas vezes, ao longo dos anos, me esforcei para ser preciso, para delimitar o problema ou o caso em questão, de balde? Quantas e quantas vezes não fiquei estarecido perante um sentimento incapaz de ser traduzido em palavras, como um menino balbuciando inanidades inexpressivas, para já não dizer inexistências, pois que não acediam à língua? Vou-me culpar? Considerar-me um falhado? Não. A estética da imperfeição já recobre esses falhanços, compreende não só a incompletude e o inacabado como também a incapacidade e a incompetência, é uma estética à medida do homem que não possui a técnica nem a arte nem o poder do excepcional artista que subsiste ainda nas amorfas contorções agónicas da contemporaneidade. Como se a mim, homem vulgar que sou, me coubesse apenas o direito de dizer a estranheza que vai pelo mundo, mas não o ensejo de explicitar o que deveras sinto, como se me estivesse vedado pensar, como se sentir fosse um pouco ser-se mais do que se é, uma excrescência que só é verdadeira com a conivência do pensamento.

Ah, mas por que não perder-me nas coisas, diluir-me nas coisas, extravasar-me no que acontece à volta, referindo-me declarativamente como se eu próprio fosse possível e tudo o mais nada mais fosse que um suporte para a manutenção da língua que deseja ser uma manifestação viva e, logo, linguagem? Por que não ser o que sou? Assim, como se nada fosse? Sem dar muita atenção às palavras, aos sentidos ocultos e desvelados das palavras, com a irresponsabilidade de quem sabe de antemão que nenhum crime será cometido pela manipulação da língua, desta ou de outra forma. Que lógica poderá interferir com este momento? E que momento é este que mereça o esforço grave de qualquer lógica ou mesmo de qualquer sentido? Sentido é o que se sente. Que estou a sentir? Nada. Que este ou esse nada possa surgir agora e aqui com a força e o esplendor de uma evidência, nada de truques, a simplicidade é exigida, dizer entre o frio da manhã e o horror do próprio dizer que tudo está bem, que tudo está mal, e que, no fundo, disse-se a mesma coisa, pois que nada mudou pelo facto de ter profanado a realidade com tal disparate! Disparo-me para mecanismos verbais como há muito não o fazia, pensava que estava mais calmo, que tinha envelhecido, que não cairia mais nesta armadilha, e de repetente, zás, ei-lo, zás, o que quer que seja, nem auge nem abismo, nada, uma impossibilidade de língua numa impossibilidade de mundo, e eu escrevendo e rindo-me nada apreensivo, como se soubesse desde sempre que dentro de mim não há dentro nem mim mas há qualquer coisa, talvez esse nada, talvez esta manhã, talvez este impulso, ou, contemporizando com a metafísica que detesto, esta luz, mesmo se do sol, esta vida, mesmo se vivida numa ignorância que desafia qualquer humano saber!

O que faço, durante horas e horas, junto à piscina?
Essas canas que resguardam o recinto não são míticas
e por isso não narram nenhuma história. Que faço,
sentado na espreguiçadeira, o olhar perdido na oscilação
rítmica dessa vegetação que dança bailados inefáveis?
Às vezes tenho um livro no regaço. Às vezes até leio.
Distraidamente. Mas a maior parte do tempo, talvez
distraidamente, meus olhos seguem aqueles requebros
de nenhum corpo de mulher, como se estivesse hipnotizado.
O que me vai pela cabeça? Tudo e nada. A consciência
parece que sempre foi a consciência de alguma coisa,
que coisas passam por mim? Cenas do passado? Algo
de muito parecido com pensamentos? Alguma coisa deve
acontecer no que acontece quando me perco no tempo
da contemplação. Sou, para todo os efeitos, um ser humano.
Não sou uma cana balançando ao sabor da brisa ou do vento,
tenho sentimentos, uma memória, mesmo se parca, não sou
por isso uma cana reflectindo-se nas águas azuis da piscina
reflectindo as outras canas do outro lado reflectindo-me.
Há gente que acredita em lugares cósmicos. Cada pessoa
teria o seu. Não acredito nem deixo de acreditar. A ser
verdade, será possível que o meu é junto à piscina, frente
às canas que baloiçam como se acenando estranhos
acenos que não sou capaz de interpretar ou de entender?
Poderei dizer que ganho alguma coisa com essas horas
perdidas? Que um sentimento de paz me invade, ou então
que uma transcendência me alaga abrindo-me horizontes
perceptivos capazes de me darem uma visão da existência
como nunca alcancei? Não. E no entanto... Há, em estar
diante daquelas canas em movimento ou imóveis, um certo
fascínio, como se, não compreendendo o que é o tempo,
eu pudesse, de certa maneira, vivê-lo como um espaço
material, como se, e espero que o disparate não seja fatal,
eu estivesse já a viver a minha morte, ou, se quiserem,
a morrer a minha vida, de uma maneira talvez consciente
ou inconsciente, mas certamente física e até ao corpo.

Estase. Um nevoeiro espesso abateu-se sobre a colina mínima, silêncio, nem pássaros nem coelhos fugindo no alvor da manhã, apenas esta aparência da realidade de uma paragem, como se o tempo deixasse de ser, como se o ser pudesse agora ser descrito, fotografado, escrito neste espaço medular, estático, inexpressivo.

Mas um homem anda de cá para lá, estando imerso nessa atmosfera feérica e esbranquiçada tem tarefas para cumprir, plantas para regar. Pode-se pois dizer que seus passos sobre as lajes junto à piscina são quase uma profanação do silêncio que não se fazia ouvir?

Esse homem, que sou eu, olha mesmo para o toldado céu sem temor, divisa um sol perfeitamente habitável, um disco incapaz de ferir ou cegar os olhos, uma lua quase, mas incapaz de transmitir um qualquer romântico

luar. Acabadas as tarefas, o homem abre a torneira de uma mangueira que, entre muitas coisas para que serve, também alimenta o volume da água da piscina. A água cai em jacto na superfície líquida com o ruído que todos conhecem, água batendo em água, e agora o momento é excepcional. Sentado na espreguiçadeira esse homem (que sou eu, não se esqueçam, peço) fica extático no silêncio circundante da manhã enevoadada a ouvir e a ver e talvez, se não for um grande abuso da minha parte, a sentir o tempo que passa na água que corre e cai para a água morna formando enciclias que se expandem em sucessivas circularidades até que a ondulação breve desapareça no lugar comum da superfície das águas. Não, não vou dizer, poético como não sou, que a minha vida tem sido enciclias após enciclias. Não é pelo facto de gostar de sentir essa água caindo na água e dos seus efeitos, e sentir é já um verbo discutível, porque na realidade se trata apenas de ouvir e de ver, que vou extrapolar num gesto simbólico para a minha vida o que nada tem a ver com a sua experiência: viver arrasa qualquer analogia.

Quando agora desço estes sete mil metros quadrados até ao fim do terreno, por mais desprendido que diga que estou ou que procure estar, sinto sempre a tristeza por ver que não fui capaz de dominar a natureza: tanto trabalho à força de braços e de canseira, parecia quase um homem antigo, mas os resultados estão à vista: nada do que idealizei se concretizou. Ou por falta de dinheiro, ou por desorganização, ou por ter dividido de tal forma o terreno que agora nenhuma máquina consegue vir limpar o que muito naturalmente a natureza oferece quando se conduz como terra que é, longe da presença do homem. Eu estive sempre perto, mas a natureza foi e é mais forte do que eu. Enchi o espaço de vegetação, árvores disto e daquilo, canas a protegê-las do vento, agora tenho toda a bicharada a conspurcar-me o chão com dejectos, como se o paraíso deles fosse, no fundo, o meu inferno ou o meu sarilho. Engraçado, porque, e é sempre assim, os males de uns são percebidos muitas vezes como um bem. Quando, por acaso, alguém vem resolver um problema relacionado com a casa, operário de uma qualquer profissão, nos cinco minutos da fugaz contemplação do redor, acaba sempre por dizer: «Que espectáculo! Aqui até dá gosto viver!» Não posso dizer que fico orgulhoso. Não fui eu que fiz a paisagem. Não fui eu, tão-pouco, quem degradou os espaços urbanos onde muitas dessas pessoas moram. A minha política é e sempre foi a da fuga para muito longe da insanidade política das sociedades contemporâneas. Porque pude. Por que razão me afoego em música? Ou nisto? Nisto, quero dizer, na escrita. Não é uma fuga? Alguns dirão que é uma forma de sabedoria, eu posso retorquir: é uma cobardia. Mas quem não soube resolver, como eu não soube, os problemas deste terreno, que poderia fazer para resolver os problemas da região, de um país, de um continente, do mundo? Demasiada bicharada, é o que penso, mas não teremos todos o direito à vida?

O sol, numa boa linguagem poética, incendiou o céu,
foi-se a neblina matinal, que virá de mais um dia?

Impossível a resposta para quem não é adivinho.

Nada pois como viver mais um dia, esperando dia
a dia que algo aconteça e modifique de vez a vida.

Já foi tempo de pensar assim. Uma estupidez.

Só quem se sente mal quer a mudança. Sinto-me
mal? Não. Sinto-me bem? Seria incapaz de responder.

Sinto-me sem me sentir, o que não é nada mau.

Até é mesmo capaz de ser isto o que se chama
de sentir-se bem. Olho pela portada e vejo, não
o sol, mas a presença do sol nas canas esvoaçando,
é toda uma alegria e ligeireza do olhar, ou melhor,
da realidade das canas, ou melhor, da minha realidade.

Não vou dizer, a vida poderia ser sempre assim.

Seria uma chatice. Mas o sentimento da vida, esse,
poderia ser sempre mais ou menos assim, neste

ou noutro cenário, nesta ou noutra situação. Não

haver dor, que bom! Não haver sofrimento! Há

quem diga: mas também não haveria depois prazer.

Eu digo, muito baixinho, para que todos me ouçam:

este sentimento de alegria é um prazer. É música

aos meus olhos e aos meus ouvidos, e falo como se

de repente até não tivesse corpo, ou como se, se

fosse possível, não estivesse num corpo, ou como

se eu não fosse eu, nem uma outra pessoa.

É como se fosse a alegria a fazer-se prazer por

interposta língua, e eu fosse de súbito essa língua

que soa na imponderabilidade desta percepção:

um bem-estar que dura no tempo e ocupa espaço.

Por que sou dado a estes derrames da sensação

que só contradizem as ideologias que por vezes

emergem na minha consciência como se fossem

minhas e tivessem o direito de pertencer ao mundo?

Não é de hoje que vivo na contradição. Aceito-a

como um presente do presente, dividido em ninguém.

O dia nasceu desesperado, não só imbuído de neblina como também percorrido por um vento frio. Saí, senti o arrepio no corpo, e entrei. Minha intenção era regar as roseiras e o relvado. O que realmente fiz foi buscar um CD de Arvo Pärt, chamado *Tabula Rasa*, e pôr-me a ouvi-lo enquanto lia o segundo capítulo de um livro de Robert Scholes, *Protocolos de Leitura*, traduzido e comprado em segunda mão outro dia, um sábado, numa pequena feira no largo de Fontanelas.

Imerso no passado recente deitava olhos para fora através da portada, do sol nada, da minha vida o prazer inaudito de uma suspensão sulcada de sons férteis e de informações intelectualizadas, embora o livro nada mais fosse que um relembrar dos problemas inúteis que assolavam os anos oitenta. Vivia e ensinava então na Califórnia, li milhares de livros, tirei centenas de cópias, hoje perdidas nas arrecadações húmidas de apartamentos que nem sabem ser construídos.

De que me serviram, de que valeu? Ao menos a música abre uma certa perspectiva de ser, deixa-nos sempre em estado de transcendência na imanência dolorosa que nos cabe, fica sempre como uma impressão ou uma memória de um momento excepcional vivido entre dois tempos desconhecidos: o real e o irreal.

Dos livros, nada. Como nesta fria manhã, do sol, nada.

As palavras comunicam, exigem uma interpretação, uma compreensão. A música faz-se ouvir como a água da piscina se faz ver quando para ela lanço o olhar.

Não preciso de compreender a água, a música, o sol.

Que estupidez, ter dito, o dia nasceu desesperado.

Não há desespero nem no dia nem em mim, só há

o nevoeiro que persiste como marca registada destes últimos dias nesta região costeira, mais o frio indecoroso e extravagante que foge de todo ao ser da estação. Mas logo mais haverá um sol e um calor para que possa, feliz, dar um mergulho na piscina.

Mas a verdade é que são onze horas e nada. Começo a ficar preocupado. Já não há música que me salve nem livro que me entretenha. O que há então? Há o simples facto de estar aqui a escrever e a dizer o que estou a dizer, mas isto é vida? Não quis fazer uma pergunta metafísica. Pelo contrário, a pergunta vinha tingida de toda uma banalidade. Nada, espero, de grandes arquitecturas especulativas, por lá passei e dei-me mal. Ou nem sequer me dei, se me faço compreender. Com certeza não me faço. Não importa. Não vou ser explícito para poder ser completamente compreendido. Ou vou? Tempo para decisões. Não, o leitor tem que ser inteligente, é o mínimo, penso eu, que se pode exigir. Que me interessaria a mim ser lido por milhões de leitores que realmente não estariam a ler o que escrevi, só imbuídos, sabe-se lá porquê ou como, de uma sedução mítica? De um engano hermenêutico? Antes a solidão. Que é agora. Se não fosse mentira. Verdade que estou sozinho em casa, verdade que o sol ainda não apareceu e são já onze horas e onze minutos, é tudo verdade, mas é relevante essa verdade? Mexe com alguma coisa? Há verdades inúteis. A tentação veio quase de repente de me perguntar se eu não seria também um inútil, mas não caio mais nessas ratoeiras retóricas. Foi tempo. Tudo é tempo, tudo é espaço, tudo é ser e não-ser, concordo, mas estou um pouco cansado: é que não se pode viver na eclosão insciente de generalidades. O que me preocupa está, ou não está, bem à vista, é o sol que não sai para a transparência da manhã. Sem sol, é já do conhecimento comum, estarei perdido.

Haveria pois, apesar de tudo, até da denegação,
 uma razão obscura para aquele desesperado
 atribuído ao dia no porisma precedente? Sei mais
 do que realmente sei, pergunta que plagio e reitero?

Ou só há, como traço característico do ser
 humano que sou, esta impaciência, esta falta
 de calma, este pânico quando as coisas não correm
 como deveriam correr? Onde está a sabedoria
 da velhice? O sorriso dos lábios de quem sabe mais
 do mundo do que o próprio mundo na sua confusão
 e na sua insensatez? Que sei eu de mim,
 que nada sei? Ou que saber é este, talvez
 ctónico, talvez profundo, que não me ajuda
 em nada na vida, que não me resolve os problemas
 a resolver? Olho para o relógio e penso: hoje
 não está a acontecer como ontem. Mas isso,
 reflectindo com calma, não é normal? Porquê,
 pois, esta ansiedade, que colapso, que queda, que fim
 nos arredores de uma alma em que nem sequer
 se acredita em momentos de maior racionalidade?

Nada mudou e tudo mudou. Serei eu? Algo
 em mim? Algum produto químico faltando
 ou a mais? Não, não estou a sofrer, isto não é
 ainda dor, mas já não é prazer, ou a alegria de estar
 a escrever um texto que me preenchesse o dia
 com a sensação de que tinha feito alguma coisa.
 Não, não estou perdido. Com ou sem sol, viverei.

Que se lixe o sol, se não conseguir furar
 o espesso nevoeiro que paira como uma nódoa
 ou mesmo uma escusada antecipação indevida
 de uma catástrofe. Não vou sucumbir à sua falta.
 Sou um homem. Sou um homem. Sou um homem.

Vou lavar-me e vestir-me. Preparar-me
 para o dia, para a tarde. Deitado num dos sofás
 lerei um dos livros que juncam as mesinhas
 do salão enquanto a música me cobrirá de tempo.

Agosto agudiza-se em devaneios extemporâneos, como se não quisesse ser mais mês, indiferente à ideia que as pessoas possam fazer do que deveria ser. Ou porque talvez ache que já é tempo de dar lugar a Setembro, não se importando de não cumprir com o seu dever: assumir, infalivelmente, os trinta e um dias que lhe cabe, e de que é tributário.

Estou triste? Não nego que ao sol mortiço que faz preferiria uma fornalha ardente que me abrisse o corpo em disposições de água, não nego também que um azul do céu é muito mais edificante que ver este branco sujo esfarrapando-se em intermitências que não levam a nada. E depois o vento deliberado não é uma concomitância da consciência, real como é infesta as paragens trazendo a sensação de frio a uma estação que deveria ser traduzida pelo calor.

Sempre soube que havia más traduções. Para não dizer que todas as traduções são más, embora, muito compreensivelmente, se tenha de viver com elas.

Não é um problema. O problema é que as férias passam sem corroborarem a sua etimologia: onde a festa que deveria haver? Verdade que houve já o aniversário da pessoa amada, não o posso olvidar neste preciso momento de reflexão, mas o mês não se limita a um só dia. Um dia, um amigo, por brincadeira, ou talvez não, fazendo-me solícito o horóscopo, avisou-me: cuidado com tal astro (não me recordo de todo qual seria), vai trazer-te muita privação. Que sei eu do destino ou mesmo se o há ou não? Que sei eu do que possuo ou deveria possuir? Sei que há muito tempo, para não dizer nunca, não aspergia um texto com tantos «deveria».

Haverá aqui, ou nisso, uma significação oculta?

Ou trata-se simplesmente do acaso? Por acaso este Agosto já trouxe uma semana quentíssima, e com certeza só por acaso esta semana adveio fria.

Deixo pois que Benjamin Britten em peças cujo nome ignoro, porque o CD pirateado há já alguns anos não as menciona, invada a manhã e o salão aberto até onde a luz se faz visão dos objectos que existem espalhados numa ordem que até faz sentido.

Quero dizer, houve sem dúvida uma mão humana na disposição dos móveis, no sentido de uma prática da convivência, embora não possa dizer se na disposição há qualquer espécie de harmonia. Há-a na música que estou precisamente agora a ouvir, violoncelos e violinos transcendem-se numa deiscência que me incorpora, todo eu sou vibratibilidade, corpo sensível sentindo o sulco da sonoridade como se houvesse um hiato em mim, como se subisse e descesse e entrasse e saísse numa fenda onde o mundo se identificaria com a presença feliz de uma alegria que geralmente nos está vedada.

Disparates. Sigo, sigo, mas não passo a passo, antes impulso a impulso, como se em frente não houvesse possibilidade de voltar atrás. Mas já a peça é outra, um coro. Quando os ouço fico sempre com a sensação de que são crianças que cantam, outrora diriam anjos quando a ideologia estética o permitia e ousava, ou então são mulheres, cantos religiosos pelo latim que compreendo, enfim, as peças devem ser minúsculas porque mudam muito rapidamente e eu confesso que não estou com pachorra para dar um relato impressionista do que está a acontecer.

É música o que estou a ouvir, será música o que estou a ser? Isso é que seria bom! Não, eu escrevo como se tudo fosse, desfazendo ao mesmo tempo o truísmo a que a língua nos habituou culturalmente.

Ganhou alguma coisa o mundo com isso? Nada.

Ganhei alguma coisa com isso? Bem, pelo menos não segui um trilho já pisado, o que não deixa de ser desejável em tempos de ávida massificação.

Há muito da minha consciência que por deliberação estética não atinge a forma de um porisma.

Muito do que penso ou sinto guardo-o para mim.

Há quem pense que as palavras ajudam a clarificar as ideias e os sentimentos, e que só escrevendo se descobre o que quer aparecer à consciência.

Não preciso de escrever para pensar ou para sentir.

Se escrevo é para trazer à consciência, através do tactear da língua, o que não posso nem sei pensar nem sentir, essa parte de mim que me é fora ou mundo, isso que pretende vir à tona por interposta pessoa e cujo veículo me faço num desfibrar agónico de sentidos relutantes em serem sentidos ou advirem significados no mundo desvendado.

Muitas vezes disse: o inexistente exige existência.

Não sei até que ponto isso não foi um crime ou uma inóspita violência. Para quê trazer ser ao que todos os dias é desbaratado como comércio ou apenas razão de uma tecnologia capitalista?

Porque em mim havia, bem no fundo, a ideia infeliz de progresso. De que assim estaria a avançar, mas avançar para onde? A história literária está cheia de aberrações. E de histórias muito mal contadas. De interesses da última hora que é sempre a contemporaneidade que julga o passado. Não é génio quem quer. Mas quem convém ao sistema de valores que rege uma certa época. Melhor tivesse ficado na mediocridade dos dias pensando na felicidade que deve ser por se ser medíocre.

Não haveria ao menos uma clivagem, uma ferida entre a realidade do mundo e a presença do eu.

Para o que me deu! Dar, no nosso tempo, ao mundo, novos mundos, embora em termos completamente irreconhecíveis. Não há gestos repetíveis. Gestos há que do mundo nunca serão reconhecidos: ser é um mistério que dura sem que ninguém dê conta.

Ou deveria dizer: ser é uma evidência que dura sem que ninguém dê conta? Quando se trata de falar do ser, porque justamente não se pode falar nisso, fico sempre atrapalhado. É como se tentasse falar uma língua estrangeira. E não é? Melhor sair desse charco, melhor ouvir o redor, o vento que zurze e zumba este dia de Verão, embora não seja agradável a sensação de quase abandono com que se fica. Ninguém por aqui. O mundo cheio de bilhões de pessoas, e ninguém por aqui. Este isolamento provisório é sinónimo de solidão? Espero que não. Nada como a rima para uma pessoa animar, eis o segredo secreto das canções, repetir os sons em certos refrões, a ansiedade transformando-se em esperança, de que algo vai acontecer, se vai repetir, e tanta certeza, não podendo ser filosófica, é popular. É por isso que se vendem milhões de discos: «dá-me a ilusão de que se domina o tempo, isso, é isso o que eu quero», diz quem ouve em êxtase as rimas caindo como se puxando para a frente o tempo, como se fosse impossível entretanto sobrevir a morte, essa inefável máscara muda. Não, ela não canta, a morte, parece que dança ou dançava em rituais antigos, mas isso agora importa? Importa, muito seriamente, abandonar este porisma o mais depressa possível, a fadiga, se não é um traço estilístico, deveria também constar nas possibilidades retóricas. Penso eu que Valéry, num gesto surpreendentemente antimetafísico e pouco simbolista, falou nisso, a propósito de como se acabavam os poemas, mas quem se importa hoje com Valéry? Eu. Que não sou simbolista, e detesto essa estética. «A ironia do destino. As voltas que o mundo dá.» Os preconceitos que ainda subsistem!

Será possível que ainda seja possível este desejo de escrita, ou já não se trata de desejo? Trata-se então de quê? De um compromisso? De uma obrigação?

Mas como explicá-la se ninguém espera a conclusão deste ou de qualquer outro livro que eu escreva?

Terei que reformular a pergunta? Que estou aqui a fazer? Posso dizer, verdadeiramente, que colho, qual adolescente imberbe, um prazer neste alinhar de palavras? Que procuro um momento muito especial?

Fora da rotina, longe das multidões, longe de mim, frente a frente com o mistério vital da existência?

Não seria uma mentira se respondesse que sim?

Que faço pois aqui? Não sei. E não sei engendrar um discurso capaz de justificar a minha presença

nesta estúpida ausência, porque estar aqui é,

bem vistas as coisas, não estar, como se a morte não tivesse lugar, e como se toda a escrita fosse,

em última análise, a fala de uma morte vivida nos meandros inefáveis do tempo concomitante.

Sei apenas que a expressão falha onde falho, sei o gozo desse falhanço, um sucesso extraordinário.

Palavra após palavra a sucessão faz-se, faz-me,

será por isso que venho... não quero mais dizer aqui, mas onde um espaço se funde e confunde

com um tempo, e onde, de repente, mas também

muito lentamente, começa a aparecer uma figura humana, daquelas que não existem nem no mundo

nem na terra, alguém respirando como se tivesse

acabado de nascer, nem homem nem mulher, só

humano como a humanidade concreta e histórica nunca soube sonhar que fosse possível ou mesmo,

desejável. Quanto dura em quem sou? O lapso raro de um segundo, de uma fascinação. Porém, tudo

isto pode ser só ilusão. Até a alegria conspícua

que depois me dança nos lábios como se alguém tivesse descoberto que um dia poderá vir a ser.

Vento, vento, e nem o sol apazigua nesta manhã ainda um pouco fria. A nortada é uma maneira de ser.

Já deveria sabê-lo. Tantas coisas para fazer, até uma viagem ao norte, e eu aqui, não a ganhar tempo, mas a ganhar livro, se não for demasiadamente arrojada a imagem. Tenho prazos como qualquer um trabalhador. E o tempo voa. É o que dizem.

Quando não se tem nada a dizer, preencher a página ou o livro com o que os outros dizem, opiniões e convicções e pareceres não faltam, as pessoas não vivem neste mundo em vão, têm um peso e uma medida, só não escrevem porque nada há a ganhar com isso, a concorrência desenfreada.

Vento, vento, diria uma voz que dissesse, e sinto que estou a caricaturar alguém, só não sei quem é esse alguém, serei eu? Já não digo nada! Quero dizer, vou continuar este porisma, mas se utilizei aquela expressão coloquial foi para ser unicamente coloquial. Os imbróglis em que nos metemos!

Os alçapões! Terei porém a coragem de repetir:

Vento, vento, sem que o leitor ou a leitora fique melindrado? Onde é que tudo isto nos vai levar?

Não me sabia dado ao humor, ignoro se isto é algo que se possa minimamente aproximar do humor.

Parece-me mais uma infracção tautológica, talvez mesmo anfigúrica, revistos estes velhos termos pela capacidade catacrética. O que há do que há e é vida? Calma! Agora até parece que estou a ser profundo, mas o contexto viabiliza tal leitura? Eis

o problema. Uma *estética do problema* foi já uma preocupação minha, nunca soube ou pude desenvolver os seus escaninhos, a faculdade especulativa nunca foi um dos meus fortes, mas também para quê trazer ao mundo intelectual mais uma visão, o mesmo é dizer, uma teoria? Não é mais fácil escrever-se: Vento, vento, e só isso?

Fim de semana em Vila do Conde, a terra onde nasci, onde ainda vive meu pai, uma tia, e onde encontro meus irmãos quando vou ao norte. Vou ao norte, tal ave estranhamente migratória, três ou quatro vezes por ano. A vida não me permite mais viagens, mais encontros com a família. Os quase quatrocentos quilómetros que separam Sintra de Vila do Conde são uma barreira. Este ano, penso que ficou assinalado, numa tentativa de ida ao norte, em Março, ia ficando pelo caminho, mais mulher e filha. Sei que há perigos em toda a parte, até no simples facto de se estar vivo, como diria um qualquer filósofo de trazer por casa. Que é onde permaneço a maior parte do tempo, Ou, já agora, e para ser, como direi, mais exacto, pelas casas, repartido assim entre quem de mim nada mais sou do que disjunção, clivagem, divisão. Sem que sofra com isso. Há quem precise de um lugar como da ideia da unidade ou do centro, eu, desde cedo tendo que deixar o país, habituei-me a conviver com a noção da dualidade e do pluralismo. Passo do apartamento para esta casa de campo num passo. Aqui é idêntico a um ali. Ou, para não empregar esse «idêntico» lírico, aqui e ali são-me a mesma coisa. Estive em Vila do Conde, cidade onde nasci, e gostei. Se eu envelheci nos anos que vivi, a cidade, nesses mesmos anos, parece ter renascido das cinzas onde estava amortalhada, cada vez mais jovem no seu crescimento seguro e civilizado. Nem todas as terras tiveram essa sorte. Meu irmão, dado a passeios, estourou-me. Fiz o que deveria fazer aqui. Andámos e andámos, eram ruas da cidade histórica, eram as novas avenidas, nossos passos transportando-nos em direcção ao mar, em direcção ao rio, em direcção ao monte, mas também em direcção às Caxinas, as mulheres atrás seguindo-nos, enquanto falávamos disto e daquilo.

Junto ao rio, manhã de segunda-feira, vejo uma gaivota a comer um peixe, talvez uma tainha. Filmei a cena. E eu que não tenho memória lembrei-me de outra cena passada na minha última estadia nos Estados Unidos, desta vez em New Bedford, Massachusetts. Um dia, à tarde, para sair de casa e espairecer, fui para a região de Dartmouth, onde ficava a universidade, e local de várias línguas de terra que entram no mar, ou vice versa, de línguas de mar que entram na terra, a costa bastante rasgada num rendilhado que me faria lembrar Vila do Conde pelas suas rendas de bilros, se houvesse alguma harmonia na natureza que justificasse a duvidosa comparação. Há analogias que deixam muito a desejar. Mas o mar era o oceano Atlântico, e eu gostava de sair do automóvel e de ir com pés mansos cheirar a maresia e de ver e de ouvir a ressaca: quem nasceu a não mais que cem metros de um rio (o Ave), e a uns escassos dois quilómetros do mar, tem ou deverá ter qualquer coisa de marinho, se não for só imaginação e mitologia a existência de traços de uma origem ou de um começo.

Numa desses praias desertas, pois tratava-se, senão do Inverno, do Outono, o frio um dado adquirido, havia um pontão de cimento a ligar a costa a uma ilhota pequeníssima. Dava para estacionarem uma dezena de carros, de terra batida, cheia de calhaus a dificultar as manobras de regresso. Aí estive uma boa hora, se tanto, que a paciência não abunda nas minhas plagas, a observar as gaivotas nos seus voos sobre a ondulação das águas, e depois decidi regressar. Ao atravessar o estreito pontão, vejo uma gaivota que se preparava para devorar um peixe. Para o que me havia de dar! Como não tinha nada que fazer, feito de curiosidade, pus-me a brincar com a ave. Avancei com o carro e coloquei-o mesmo em cima da presa. A gaivota levantou voo, e em círculos desconcertantes batia asas como quem não estava muito contente. E eu, nada.

Ou melhor, voltava com o carro para trás, a ver qual seria a sua reacção. Ela descia, divisava-me, não vou dizer se receosa ou não, porque seria da minha parte um abuso retórico que não me permito, ia começar o festim, e logo eu me aproximava novamente com o automóvel, pondo-o mesmo por cima do peixe vivo. A gaivota lançava gritos que eu interpretava como se fossem de chatice, esvoaçava novamente à volta de mim, enquanto eu ria, não sei se consciente ou não, de toda aquela maldade perpetrada a um bicho (que espero que seja inofensivo, para poder dizer, sem me enganar) inofensivo. Bem, a brincadeira repetiu-se umas três ou quatro vezes, mas como não tenho pachorra para nada, nem para o bem, infelizmente, nem para o mal, felizmente, lá a deixei, depois de tanta importunação, debruçada finalmente sobre o repasto, o bico despedaçando em movimentos precisos as entranhas de outro bicho que não sobrevivera à voragem natural da própria natureza da sobrevivência.

Tudo isto me passou pela cabeça em Vila do Conde, junto ao rio, onde tive a oportunidade de ver novamente cardumes de peixes como na inviolável juventude.

E alguns eram enormes, nadando pelos rodopios. Não, não sou dado a nostalgias. O meu tempo é o meu tempo, passado, presente e futuro. Mais, o meu tempo foi por mim inventado. Não é um tempo irreal ou mesmo imaginário, é o tempo vivido e escrito. Nele permaneço como um homem que nasceu de si mesmo e em si mesmo cresceu à procura do homem que desejou ser.

Este verbo tem muito que se lhe diga. Dizê-lo deixa-me sempre na música de uma estranha língua, caberá pois nessa língua palavras como Vila do Conde? Ou mesmo, New Bedford? Não o saberia dizer. Porque do ser nada se sabe. Está-se tão perto, e, o mesmo tempo, tão longe, a distância das línguas que não conseguem conceder ao alcance o verdadeiro sentido do inalcançável: ser, ser, repete-se, a música é audível, mas será habitável?

Para lá de um nevoeiro intenso que se adensa silencioso como se fosse possível em pleno século XXI o mistério, cai uma morrinha esparsa sobre o chão findo de Agosto. A temperatura lá fora não ultrapassa os dezoito graus. Dentro de casa, os vinte e dois. Ainda não são dez horas da manhã. Ainda é tempo para que tudo mude, porque, na verdade, de uma maneira ou de outra, tudo muda. Para melhor ou para pior. Esperava, convencido, um sol e uma temperatura prometidos ontem na previsão meteorológica, as águas benfazejas da piscina estão claras e límpidas como uma raciocinação levada a cabo pelo mais metódico dos filósofos, pena pois que tenha que ficar, patético, apenas a observar aquilo que poderia ser gozado: nada há como a acção, estar imerso na realidade, fazer parte da contingência do mundo, como facto, coisa, acto, e não apenas visão e teoria: a mesmíssima coisa. Pode ser que o sol irrompa a neblina, pode ser que o sol aqueça a terra neste preciso local, pode ser. Se não for, terei que passar a tarde a fazer outra coisa qualquer, a ler, talvez a trabalhar no terreno, o que não deixa de ser também uma prática e um cansaço: as infestantes canas ameaçam apoderar-se de toda a terra. Há seres assim, não se contentam com os limites ecológicos de um certo território, a avidez seiva fá-los avançar sobre as outras espécies num delírio de posse que só traz desequilíbrio e destruição. Na natureza como na humanidade. Se não for, já agora, a mesma coisa. O que são os homens? Canas. E muitas vezes, nem sequer pensantes, como queria um filósofo ingénuo. Mas é fatal: quando se compara duas realidades, ou se é poeta ou se cai ingenuamente na tolice do dislate.

Manhã para ouvir Samuel Barber, começando pela Sinfonia nº 1, depois de ter já gravado por volta das oito *La Mer* de Debussy, de um programa televisivo que a parabólica recebe da Alemanha ou da Áustria. Se a vida não for música, o que poderá ser? Que tem este país para nos oferecer?

Impostos e restrições. Depois de trinta anos de má gestão pelos sucessivos governos da coisa pública. Da coisa privada é a privação certa da inteligência que nunca abundou nem abunda por estas paragens, os melhores dão o salto, vão conhecer horizontes insuspeitos dos que ficam.

Nada disto me está a dizer a música de Barber, porque a música nada diz. Pano de fundo nela fujo de quanto me exige medíocre, uma mentalidade endémica age ctónica nos meandros da sociedade, são incêndios que alastram a fogo brando e por isso não se vêem, maneiras de se estar no mundo.

Há pouco menti. Porque agora, ouvindo o tão famoso *Addagio For Strings*, eu sinto que alguma coisa de muito importante e de essencial me está a ser dita com uma urgência incompreensível, estou quase sem língua por ouvir essa língua, sou sem qualquer origem nem fim, voo numa intensa luz imensa como uma impossibilidade de existência, passagem e paragem, subida e descida, dor e paz.

Felizmente que transitei para uma outra peça, *Medea's Dance of Vengeance*. Ignoro tudo que é clássico, mas esta música soa-me a século XX, não há nos primeiros sons nada que indique a surda violência de uma vingança, mas que sabemos nós da alma humana, como então se dizia? Nada.

Procuro metamorfosear-me nos instrumentos, calma, uma certa violência já surge, quererá dizer alguma coisa? Será expressão das emoções que perpassam pela protagonista? Nunca o saberei.

Um sol coevo de mim, se for possível sequer tal pensamento esporádico, alerta os redores com as cores que concede a cada coisa que toca, alegria é a sensação primeva que salta ao olhar.

Verdes como verdades em quase toda a nua natureza, os pinheiros do pinhal, as figueiras que amadurecem seus figos para em Setembro eu poder rebentar com os meus lábios gulosos.

Mas o céu não está ainda azul. Poalha suja despedida do branco não sabe como definir o que quer fazer de si. Está-se entre duas vias, talvez num momento crucial do dia, só um pouco mais tarde se poderá dizer no que isto dará.

Eu estarei aqui. Terei sido precipitado? Ou simplesmente estúpido? Nunca pensamos no mal que nos poderá acontecer. Morrer será, é assim tão fácil? Há quem diga que basta estar-se vivo. Às vezes também me digo, por senti-lo, que não estou vivo. Que estou entre, sol de mim a mim, quantas vezes insensível a uma exortação.

Entre é como está e esteve muita gente, vou lembrar algumas eminentes pessoas? Não é necessário nem valeria a pena. Iminente não será este dia de sol. Tudo parece ter voltado atrás. É preciso contar com as flutuações de humor, com as variações das tonalidades afectivas, enfim, é preciso contar com tudo. A vida não é fácil, lá diz o ditado. Escrever um porisma nada tem de difícil: é coisa para crianças, basta juntar palavras atrás de palavras, um jogo como qualquer outro, onde se perde e ganha ao mesmo tempo o tempo, já que não a vida.

A vida pode ser contada e narrada, pode até ser açambarcada pela língua literária, mas testemunhada desta ou daquela maneira nunca será o que foi quando realmente o foi.

Não se pode dizer a vida como não se pode dizer a música.
Pode-se viver a vida como se pode viver a música.
Ou o silêncio. Pode-se falar da vida e da música e do silêncio,
mas isso é outra coisa. Dizer não é falar. Chega
de tanta lucubração matinal. São horas de fazer alguma coisa
de útil para a humanidade, como... como... Nada
me parece mais útil, para mim e para a humanidade, que estar
aqui a fingir que estou a escrever, a fingir que sou
um homem, a fingir que ainda se pode escrever depois de,
depois de tantas catástrofes e de tantos crimes...
As reticências são noutras línguas pontos de suspensão, nesta
parecem não suspender nada, nem sequer o tempo
que passa como se nada fosse, imperturbável e incongruente
como um mistério ao avesso, ou a outra face da voz
que não vocifera, muda e imutável, deixando as coisas passar.
Que fazem, no meio de tudo isto, os homens? Que
fazem que nada fazem, senão sobreviver? Do que falo? Falo
do que não se deixa dizer. Do sol e da humanidade,
do ser e do nada, da profunda desinteligência que atravessa
as coisas. Da ignorância que tanto fala, deblatera,
crocita e glatora como um monstro acéfalo perdido nas trevas.
Falo da impotência para se resolver os problemas
que flagelam o planeta, sabendo de antemão que não estou
a escrever um panfleto ou um manifesto poético
ou político e que possivelmente ninguém lerá o que aqui está
escrito, indiferente que sou a eficácias tecnológicas.
Só há uma eficácia e uma leitura: a da consciência: tudo o mais
é vaidade e ilusão, pensar-se que se fez o que quer
que seja, que se deixou uma marca no mundo, a assinatura.
O silêncio que adveio depois da música que se fazia
ouvir não me dá nenhuma medida. Não sou Hölderlin, obrigado,
nem preciso de nenhuma medida, no céu ou na terra,
para viver. Gostaria, é certo, de saber que no globo existiria
uma certa harmonia onde não coubesse a pobreza,
que a ganância de certos grupos financeiros não viria a destruir,
com a ideia de lucro e de riqueza, um planeta invejável.

Setembro oferece-me no seu começo dias magníficos,
eu ofereço-me no meu perpétuo recomeço música magnífica,

Arvo Pärt desdobra-se em sensibilidade pelo começo
da manhã que de outra maneira seria silenciosa, na realidade
sua música são outros silêncios, silêncios auditivos, luz
que nos toca numa pele íntima de um corpo irreconhecível
por desconhecido, mas que existe algures onde em nós
nada uma sofreguidão de outra coisa, de outra humanidade.

Divago. Pervago lentamente através da sonoridade
como se alguém soubesse que em mim existe um misterioso
piano onde teclas nada mais fossem que sensações
impossíveis de um mundo possível que não alcança o real.

Como se poderá ouvir uma peça chamada «Silentium»?
Faço-o como quem não vê a luz do sol nesta manhã quente,
se o silêncio se faz ouvir também a escuridão onde
tenho vivido tem vivido do espectro solar, embora ter escrito
«espectro» fosse como se um arrepio me percorresse
onde mais sou corpo do que se julga que é a carne que nos é.

Sinto esta sintaxe como sinto esta música, sentindo
não a famosa disjunção ou a espinhosa dicotomia, mas antes
como uma ebriedade dos sentidos, espécie de loucura
configurando uma outra razão de ser, uma outra maneira
de se estar no mundo, talvez mais leve, mais ligeira,
talvez mais irresponsável, mas não menos irresponsível
ao que se passa à minha volta, ao que roda na terra,
ao que circula como política das nações e dos interesses.

Não que a música dê toda a informação. Mas é
a experiência afectiva que me abre para a monstruosidade
do sofrimento do mundo, um exercício que me prepara
para o insuportável da crueldade que se diz contemporânea,
essas realidades desrealizando-se em incompreensões
que ninguém verdadeiramente assume, todos nós atarefados
com as nossas vidinhas, com a nossa sobrevivência, ir
e vir do emprego, ganhando mais um dia e uma noite, tantas
vezes perdidos no mais paradoxal dos mutismos, tantas
vezes incapazes de distinguir o silêncio de uma voz apelando.

Setembro, é a palavra, já dei um título a um livro com esse nome de mês, tinha regressado da primeira viagem que fiz à Califórnia em mil novecentos e oitenta e dois, onde comprara *The Dolphin*, de Robert Lowell, e achei piada imitar a estrutura do seu livro. É nesse livro que aparece o famoso poema «Que Chato!», que esclareceu completamente a minha estupidez. Nele digo, se a memória não me falha, da minha perplexidade entre a leitura que fazia de Hölderlin e a que Heidegger oferecia num famoso livro ou ensaio cujo título não recordo. Daí, aliás, a razão do «Que Chato!», porque quando seguia Heidegger tudo me parecia claro, mas logo depois, esquecidos os seus argumentos, eu não via em Hölderlin o que aparentemente estava ou deveria estar lá. Uma chatice! Anos depois, vivendo já em Santa Bárbara, leio Paul de Man também num famoso ensaio cujo título me escapa (e confesso que não estou a fazer de propósito, mas nesta casa de campo não tenho biblioteca nem referências), e o que é que ele afirma: que o nosso Heidegger põe na boca de Hölderlin justamente o contrário do que ele diz! Foi uma revelação. Afinal eu não era assim tão estúpido como parecia a uma primeira leitura ou a uma primeira vista. O Heidegger é que fazia um dos tais seus costumados *strong readings*, próprios de quem quer fazer dizer aos textos as coisas interessantes que lhe estão ocultas ou reprimidas ou em potência ou como não-ditos, diria já agora Gadamer. Aliás, como acrescenta quase ironicamente Paul de Man, não sei se *ipsis verbis*, que eu sou uma nódoa para citações, mas não deixa de ser interessante, é isto: «Dada a proverbial incomunicação entre os homens, já é muito bom, mesmo quando não se esteja a dizer o mesmo, que se esteja a falar, pelo menos, da mesma coisa.» Lembro-me que quando saiu o livro *Setembro* alguns amigos notaram esse poema, e falaram dele menos pela sua problemática, mas sim mais pela coragem de mostrar a minha ignorância: Que país o nosso!

A manhã, compreensivelmente, desprovida de qualquer
 manha, mas o calor que não deveria ser adjectivado
 de insidioso alastra-se como uma inesperada bênção
 sobre este microclima que nem está habituado a grandes
 temperaturas, a não ser as das almas. Brinco. Peço
 desculpa, mas que querem, deu-me para brincar.
 Nem sempre se pode levar isto a sério. Nem sempre
 a profundidade nos bafeja, o que quer que isso queira
 dizer, ou até não dizer. Quem se mete nestas coisas,
 está sujeito a tudo. Até a ser objecto de escárnio.
 Acontece a muita boa gente. Por que não a mim?
 Sou mais do que os outros? Em democracia vence
 sobretudo o truísmo, deixemo-lo vencer! Bem sei,
 bem sei, este espaço poderia ser aproveitado para...
 para quê? Que há aí do mundo ou até do homem
 que mereça este espaço? Este tempo da escrita?
 Falar mais uma vez do sofrimento que grassa cruel
 sobre a terra? Não tem nenhuma graça. E falar
 disso já deu o que tinha a dar: nada. Porque nada
 se resolveu, nada foi resolvido. Não, não, mudar
 de rumo, já. Aquela manha no começo do porisma
 trazia água no bico, e eu sem saber nada, ignorante
 de todo. As partidas que a língua nos prega! Assim,
 como se nada fosse, servindo-se de tudo o que lhe
 vem à mão, inocente e nocente, a megera, a casa
 do ser! Do ser! Servos de nós próprios que mais
 somos do que nós perpetuando a biológica direcção
 da insanidade da vida, elidindo sabe-se lá que
 relações para que uma espécie sobreviva *malgré
 tout*?! Sem termos coragem de cortar alegremente
 o cordão umbilical. Não, os animais em nós são nós
 que nos atam a atavismos, a cegueiras, não há nada
 a fazer. Haverá ainda alguma coisa a dizer? Sim,
 que a manhã, desprovida de manha, vai brevemente
 passar a tarde, faltam vinte minutos para o meio-dia,
 faltam quantos dias para o que falta? Eis o enigma.

Tarde. Penumbra como numa catedral, ou a minha casa não tivesse no espaço do salão o que na arquitectura americana se chama *a cathedral ceiling*. A tarde abrasante não respira nem soletra o que quer que seja, um silêncio estival estiola na ideia que se faz de Setembro, a temperatura catapulta-nos para sentidos que não podem ser sentidos, o corpo dorido com tanta felicidade, esquecido dos rigores dos dois últimos Invernos. É um corupio para as águas da piscina. Mergulhos mergulham-nos em fisicalidades atrevidas, onde está a idade, a apregoadada velhice, a temida decadência? E depois o sol solta-se no azul do céu como se fosse humano e soubesse acariciar um corpo humano, cálida mão passando da gotícula à evaporação, uma estranha sensação tão agradável que se volta novamente a mergulhar na piscina para se sentir compulsivamente o benefício ou a perversão da repetição. Há muito de sexualidade na relação que se mantém solar com o astro que nos faz girar em gravitações silenciosas, mas agora, começo da tarde, apetece o fresco alto e sombrio das paredes interiores da casa, deitarmo-nos num sofá ávido de sonho e de sonolência, passarmos pelas brasas, outros mundos noutras esferas do ser, outras realidades abrindo-se como apetências de formas para conteúdos desconhecidos. Ser e não ser, vigília e sono, dormência, enquanto se ouve numa fantasmagoria acusmática uma música inexistente subindo de um não sei onde para um patamar talvez fictício da consciência, quem escreveu esta música, quem a soube conceber assim tão possível na sua determinação de real? Parece tão verdadeira que se apanha um susto, o corpo reage com a violência de um espasmo, o medo, quem está aqui não sendo daqui, quem se quer fazer ouvir no silêncio da tarde fixa na sua penumbra e na sua obumbração? Eu estou demasiado dentro de mim para poder ser quem sou! Onde há mundo? Onde há terra? Onde estão os homens? Lá fora há uma piscina com as suas águas azuis esperando, nenhum símbolo comparece ao prazer de viver a simples alegria de quem escreve o que não tem aquém nem além.

Philip Glass é todo vidrinhos na emoção com que nos alaga, eu deixo-o desdobrar-se em apologias do acaso, miniaturas do real com que ele gosta de brincar, passos de tempos perdurando em durações ataviadas de mitologias filosóficas.

Aceito tudo. Não questiono nada. O tempo é de férias, mesmo se se acabam. Há até uma ligeireza em tudo isto, embora ignore de todo o que é este isto. Importa conhecê-lo?

Não. Deixo para os outros as perguntas fundamentais.

Para mim basta-me estar vivo e com saúde, não me doer o corpo, não andar amarfanhado com doenças endémicas e psicossomáticas. Sou um homem superficial. Reflecto apenas a luz do sol, como um espelho. Espalho-me pelas coisas do quotidiano como se houvesse uma rotina afável, como se viver fosse possível, natural, irrefragável. Largo rimas em pequenos textos que escrevo como Philip Glass larga notas que soam neste salão durante o dia, só espero não ser todo vidrinhos, isto é, só espero não possuir réstia de qualquer sensibilidade. Ou apenas a suficiente para ser receptor ou destinatário, sem que me ponha a decalcar o gesto inventivo daqueles que sulcam o mundo de mundo.

Não, não, nada de ilusões, basta-me ouvir a música, ler o pensamento, seguir a argumentação da ideologia, não preciso de fazer música, de pensar ou de raciocinar: eis o que aprendi com a vida: ser apenas uma esponja. Será que estou a falar verdade? Ou apenas a tentar convencer quem de mim se rebela contra quem sou, esse irrazoável eu de uma mitologia que ignoro se é minha ou me foi dada?

Philip Glass lança armadilhas onde me deixo apanhar, é meu destino cair em cada sonoridade inusitada, como se faltasse qualquer coisa ao meu ser, um outro ser, outra maneira de estar na vida, de estar no ser, embora talvez não possa falar desta maneira de tão espinhoso assunto. Mas não haja dúvidas, falho no que me falta, e a música colmata esse abismo ou esse vazio ou esse oco, esse eco de nada saldando-se pelo incomensurável da desmedida: viver onde a vida menos atina com a ideia de mortalidade.

Os marmelos estão colhidos e transformam-se em marmelada graças a mãos amigas, os figos figuram na cozinha já maduros e nas figueiras os que amadurecem numa data muito anterior à costumada. O tempo está mudado, como diziam os velhos outrora e diz agora toda a gente. Será que o clima da Terra, afeita a uma diversidade de climas, está realmente a mudar? E isso não será normal? Ou estamos, como muitos pensam, perante os resultados maléficos do capitalismo? Ignoro de todo. Vou comendo os figos, espero pela marmelada. O fim do mundo não coincidirá com o mundo, coincidirá com o meu fim. Tão simples que até parece uma irresponsabilidade não me preocupar com as mudanças do clima. Com o fim do homem. Para dizer a verdade, e ser completamente sincero, não sei se merece viver quem nunca se adaptou à terra. Ou quem nunca soube o que fazer com a sua inteligência. Desde os primórdios confusos e obscenos, logo pensaram que pensavam, que eram muito mais do que animais, pondo essa faculdade assassina, a imaginação, a imaginar outros mundos, outras terras, outras vidas, perante a insatisfação criada pela inteligência. Basta estudar a história fatal das civilizações, uma ignomínia atrás da outra: é deprimente ouvir-se ainda hoje fazer-se o elogio desses povos e da sua suposta grandeza: sangue e tortura e sofrimento infligido aos fracos são só algumas das faces da crueldade humana vivida outrora. Mudou assim tanto o mundo? O clima, realmente, talvez tenha mudado mais. Não, fico entretido a sentir quanto sol é calor sobre a pele que me define nu como um corpo de homem nu, na esperança de ainda hoje ver o milhafre altivo que voa sobre a minha casa à procura de comida.

Outro dia, deitado junto da piscina, depois de um mergulho, numa dessas espreguiçadeiras baratas de plástico branco que inundam os supermercados no Verão, todo nu, como é hábito quando não tenho visitas, vi aparecer o milhafre ou o gavião, o nome não interessa, e a sua aparição fez-me lembrar, estando eu nu e deitado, no mito de Prometeu.

Claro que o milhafre não é um abutre, nem uma cadeira de plástico é um rochedo, nem a realidade é um mito, claro, mas a circunstância de a ave estar ali no céu azul, e de eu ser eu, e até de rimar com Prometeu, fez-me estupidamente lembrar desse mito. E lembrando-me pôs-me a pensar até que ponto eu não fui também, nos tempos modernos, um Prometeu. Não porque tivesse trazido o fogo aos homens, mas porque, finalmente, talvez tivesse sido, na segunda metade do século vinte, quem inventou alguma coisa nas letras, e logo, tenha trazido alguma coisa ao mundo. Uma linguagem, um outro tipo de linguagem, a linguagem porética. É pouco, dir-me-ão. Certo, mas não é um mito. É uma realidade. E os outros? O que fizeram? Escreveram apenas poemas. Juntaram esses poemas e fizeram livros. Eu trouxe, quer se queira quer não, uma nova concepção de livro. Mexi com a própria ideia de livro. Mais, estou convencido, sem falsas modéstias, ter introduzido no ocidente um novo género literário, que precisa de ser explorado até às suas últimas consequências e em todas as suas virtualidades. O facto de eu ser ignorado não me fica mal, pois em certo sentido eu continuo um ignorante. Mas fica mal a um país que precisa de estímulo e de realizações e não sabe onde encontrá-los. Estou aqui. Se eu fosse o William Bronk, num seu poema famoso, deixava-vos agora a minha direcção. O que lá, nos States, passa por genialidade, não seria aqui considerado mais do que arrogância, e, já agora, do que plágio. É triste haver tão poucos milhafres neste país e o Prometeu ter sido só um mito. Há realidades que não interessam a ninguém. Nunca percebi porquê. Devo ser estúpido. Só espero, sinceramente, que este gavião não perca a pena no futuro.

Estar assim tão disponível é como não estar,
 é como se alguma coisa não pudesse ser
 em mim, a sombra de uma sombra, o ruído
 de um ruído, a falha de uma falha, falência
 onde não alcanço quem desejo ser por ser
 simplesmente quem sou: um homem vivendo.

Releio. Tanto disparate a fingir de obscura
 profundidade, é o que me digo. E no entanto.

E no entanto há alguma verdade quando é
 repetido: estar assim tão disponível é como
 não estar. Melhor parar aqui. Mas também
 há alguma verdade quando sugiro: é como
 se alguma coisa não pudesse ser em mim.

Tudo o resto é porcaria, poesia, linguagem.
 Que detesto. Mas às vezes o desejo é tanto
 de me abandonar às palavras, de me deixar
 num abandono de mim outro, matéria feliz
 onde não haverá razão para surdir absurda
 uma cicatriz do tamanho do sofrimento vão.

Como agora. Não sei onde estou. É claro
 que estou em casa, mas é preciso que seja
 lido quando digo: não sei onde estou! Sou
 o quê? Estou como? O que é isto? Isto é,
 haverá alguma escrita que corresponda já
 a esta leitura que está a ser feita? Ou não
 há nenhuma possibilidade aqui de leitura?
 Abandonado ao mericismo da língua ouço
 apenas o eco da voz que procura o muro
 para ser verdadeiramente um eco, o muro
 não existe, existe apenas o oco da terrível
 existência quando tudo se resume apenas
 a uma narrativa: a tragédia contemporânea
 não é contemporânea da tragédia, o passo
 foi dado no passado, mas só o futuro sabe
 o que lhe espera: não haverá aqui ninguém
 disponível para ser em mim um bem-estar.

Que tem sido a minha vida, ultimamente, senão um ocupar-me das rosas? Medito no que acabo de escrever. Estarei a ficar senil? Que sentido faz dizer-se uma tal coisa? Só um poeta, e dos maus, poderia ficar contente com tal atrevimento retórico. Que se passa comigo? Será que a velhice me está a amolecer? Verdade que manhã cedo estive a podá-las o melhor que sabia, e eu nada sei da poda, verdade que gosto de vê-las coloridas ao sabor do vento, outros tantos acenos incompreensíveis vogando como chamamentos de uma natureza que nos é indiferente. Não sei se o pensamento ficou bem expresso. A indiferença é da natureza, foi, pelo menos, o que pretendi dizer. A língua não nos falha, nós é que a falhamos em giros frásicos mais ou menos poluídos pela desatenção ou pela indiferença. Importa ser-se preciso, exacto, quando nos falam da polissemia inata da linguagem? Não, minha vida ultimamente, como aliás sempre, tem sido tanta coisa que não seria capaz, num porisma feliz, de abarcá-la em duas ou três abstracções descritivas: viver destrói qualquer possibilidade de coerência narrativa, quando se pretende contar qualquer coisa deixa-se sempre de fora essa complexidade incomensurável que nenhuma medida estética alcança: a omissão é um dado essencial do engano artístico. Dizer o tudo do que é, se fosse possível, que não é, seria apenas uma manifestação explosiva da loucura. E no entanto, revolto-me contra tiradas do tipo: Que tem sido a minha vida, ultimamente, senão um ocupar-me das rosas? É como se estivesse, conivente de não sei o quê nem de quem, a privilegiar um aspecto da vida, um acontecimento do dia, e é esse privilegiar, é essa escolha, que me são problemáticos. Li há muito, daí não me lembrar já do seu autor, que não cabia ao poeta escolher, mas simplesmente ser escolhido. E embora eu não seja nem me sinta um poeta, concordo plenamente com a asserção. Pensando contudo que quem emitiu esta opinião estivesse a falar de uma coisa talvez completamente diferente da que está a ser agora aqui referida. As voltas que a língua dá. Os sentidos que nela se escondem ou ocultam. Valerá a pena desvendá-los? A mesma pergunta se aplica à vida. Haverá algures uma interpretação que satisfaça?

Os grandes calores desapareceram do horizonte por agora, saí lá fora e senti mesmo um arrepio de frio, era manhã cedo, ainda o nevoeiro não se tinha levantado nem o sol brilhava em cada verde de cada folha de cada árvore adormecida. Um silêncio salutar saúda-me como se fosse ainda possível ao silêncio possuir características que lhe não são próprias, mas a verdade é que quando se pretende dizer alguma coisa temos que usar a língua, e a língua usa o que tem à mão, isto é, tudo, importando-se pouco com lógicas ou purezas mais ou menos denotativas. O reino é da impureza, e eu conheço as suas sendas como mais ninguém. Mas onde está agora o silêncio? Ele paira como um nada dentro de casa, apenas ouço visualmente as canas que dançam afabilidades coevas da fantasia, mentiria se omitisse o ruído que o computador faz quando está ligado e me ajuda nesta tarefa quase diária. O prazo para acabar o livro aproxima-se e ainda me faltam escrever trinta porismas, não sei se conseguirei dar conta do recado, confesso que estou a ficar um pouco aflito. Não, os compromissos são para serem cumpridos. Tinha um ano para escrever este livro, o ano passou e estou encalhado aqui. Daí o frenesi destes últimos tempos. Já nem sabia o que era escrever. Este processo, cada texto convidando ou exortando pela sua presença o texto seguinte, a escrita porética advindo em plena acção, taco a taco, abrindo na perplexidade verbal caminhos, rotas, rumos, indo em frente ou voltando atrás, ir e vir infrene, apodemiálgico, meândrico: o apalpar constante das possibilidades que se nos apresentam no momento único: o da escrita. Sim, estou metido num grande sarilho se não for capaz de levar a cabo este empreendimento. Vou começar a pensar que já não tenho idade para estas coisas. A sério. Conhecendo-me como me conheço, vou dizer-me: «Deixa-te disso, vai antes ver televisão, estão a passar um filme, ou, já agora, um jogo de futebol. Coisas mais leves, mais próprias para a tua idade. Descansa, que é do que tu precisas!» Não digo que não, mas é um pouco humilhante. Afinal é-se gente até se morrer. Ou já não será assim? A pergunta angustia-me.

Por isso tenho de continuar. Minha sobrevivência de homem depende do que estou agora a fazer, do que fizer. Isto não é uma brincadeira. Mais um livro que se escreve e depois se publica, não, isto é essencial para que possa continuar a viver. Isto não é arte. Nem sequer arte de viver, como alguns em tempos idos já quiseram. É a forma literária que reveste a terapia. Que possa vir a ser muito mais interessante que a poesia que se diz e se quer contemporânea, é um outro problema. De que me alheio. Não me interessa, confesso-o desde já, a poesia que se escreveu desde o fim da segunda guerra mundial. O romance depois de Beckett não me interessa absolutamente nada. Só leio actualmente os filósofos quando desejo rir e não vejo no mundo nenhum motivo inocente para o fazer. Ao menos os filósofos deixam-me a impressão, que é uma ilusão, de que há pensar no pensamento que apresentam sobre os vários problemas que enxameiam o mundo de aporias. E eu, que sempre fui falho de inteligência, alegro minha deficiência ao vê-los aflitos a tentar fazer com a manipulação da língua o que não saberiam fazer com acções na complexidade do real. Sim, há um pouco de perversidade no meu interesse filosófico, ou de ironia kierkegaardiana, se fosse capaz de a compreender na sua ágil globalidade. Um livro como este tem as suas virtualidades: é o que o seu título espelha e espalha. Mas o sigilo do disparate é como uma fonte de energia, ecoa em várias direcções, dispara díspares dispositivos tanto linguísticos como afectivos como psíquicos, é um pouco como o sol, tanto pode ser benéfico como maléfico, depende do uso que dele se fizer. Tenham pois cuidado aqueles que aqui porventura se aventurarem: quem avisa amigo é, diz o ditado.

Aquele relógio no fundo da sala de estar é tão audível que chega a ser inaudito, sons mecânicos sincopando o tempo com a precisão do que não vive de um zelo psicológico. Estranha música de um estranho diapasão. Enquanto a manhã se desfibra indiferente de si própria como se não lhe competisse a ela contar a sua história.

Não sou eu que vou fazê-lo, pode estar descansada.

História, nem a dela nem a minha, já me basta viver o que tenho de viver, um pouco indiferente ao que é ou poderia ser uma narrativa dos dias contemporâneos.

E se o que aparece no que aparece parece antes ser fragmentos, por favor, não me atirem para uma estética romântica que já deu o que tinha a dar no seu tempo, pois os pressupostos são inteiramente diferentes, não sendo aqui o lugar para os expor num despudor não só especulativo como também didático. Embora. Não,

às vezes um homem sente a tentação de ser ingênuo ou estúpido ou imbecil, não há nenhum mal nisso, mas era preciso que se vivesse num país civilizado. Aqui, como dizem os putos, não dá. O país como o conheço não está maduro para uma estética da estupidez, estará alguma vez? Não será exigir demais? Não só do país, mas até, e em certo ponto, do todo o ocidente? Afinal há hábitos mentais que prejudicam o acesso ao novo.

A inteligência tem os seus limites, os seus parâmetros.

Não sou só eu que o digo. Bergson também o afirmou.

A estupidez não tem limites, Bergson chamou intuição ao que poderá estar muito perto do meu conceito. É

uma questão de relê-lo e de comparar as afinidades.

Mas estupidez também é a outra face, quase sempre recalcada, para não dizer sempre, do espanto querido filosófico. Nada mais tenho feito, ao longo dos anos, do que trazer à tona a ganga pejorativa posta de lado ou violentamente rejeitada pelo ocidente. Nunca gostei de injustiças ou de arbitrariedades. Compreende-se agora por que razão o meu gesto tem sido rejeitado?

E onde está esse relógio, que o perdi do ouvido?
 A língua apaga tudo. Dizem que faz ressaltar o real,
 é uma mentira. De tal modo nos embrenhamos
 em palavras e frases e caminhos e sintaxes e ecos
 que a certa altura sentimo-nos perdidos na perda
 do tempo e na perdição de nós próprios, um caótico
 vibrar de forças tentando organizar uma realidade.
 Quando levantamos os olhos ficamos admirados, ver
 o mundo inserido na terra é como uma revelação,
 a alegria tersa por termos escapado ao abismo verbal.
 Reconhecer um sol, que bom! Reconhecer a água!
 Entre o sol e a água sinto que tem sido vivida a larga
 existência que me assiste, mas não será apenas
 mais um esboço de uma falha mitologia o que estou
 agora a elaborar? Preciso disso? Para quê? É
 com a imaginação do sentimento que se alicerça
 um quotidiano? É a auto-sugestão que nos vai
 salvar? E salvar de quê? Ninguém escapará à morte,
 poder-se-á escapar à vida? Ao seu sofrimento?
 Estarei a ser demasiado severo com o homem, isto
 é, comigo mesmo? É possível. Mas estou farto
 das fintas que se pretende pregar à vida, dos enganos
 mitológicos em que preferimos perder a lucidez
 para em contrapartida ganharmos um pouco de paz.
 Talvez todas as tácticas e todos os estratagemas
 sejam bons para se sobreviver, talvez, mas para mim
 não deixa de ser um pouco humilhante este desejo
 de sobrevivência a todo o custo. Povos houve, lembro
 por exemplo os romanos, que sabiam pôr fim
 à vida quando a vida nada mais oferecia do que fim.
 Sim, havia nesses actos extremos e postremos
 coragem e dignidade. O que há hoje? Uma técnica
 fazendo perdurar o milagre da técnica: a vida
 confunde-se de tal maneira com a morte que serão
 poucos os que sabem em que preciso lugar fica
 a fronteira: um pé sobre a terra, outro pé já na cova.

Pardais em toda a parte, um coelho passeia-se em frente da minha casa como se nada fosse, é quase meio-dia. Que faço no meio de toda esta bicharada? Mais um bicho? O sol soltou todo o calor que pôde sobre este canto da terra, faz calor, mas dentro dos parâmetros da estação. Olho o céu. Não vejo nenhuma ave de rapina. Algumas rolas do pinhal adjacente. Disjuntivo meu pensamento espraia-se pela consciência da hora, e se fosse dar um mergulho? As férias estão acabadas. Olho a relva atinente à piscina. Com bom parecer. E, sobretudo, admiro breve a roseira transformada em árvore. Tanto ainda que fazer, eu que não gosto de fazer nada! Só pode ser castigo. Sempre detestei o trabalho. Sempre fui preguiçoso. Há quem não perceba este meu discurso perante os tantos livros já escritos, mas eu escrevi-os não como tarefa ou trabalho, mas como uma maneira de evitar a morte que me parecia sempre iminente: é agora, é agora, e para esquecer lançava-me na perplexidade da língua com a ilusão forte de que assim poderia resistir ao assalto final. Doenças. Vicissitudes de um destino pessoal. Olho para a janela do alpendre, vejo ao fundo o mar, mas também me vejo reflectido no sujo do vidro, uma imagem de homem, um homem já com uma certa idade, cada vez mais incerta, se me faço compreender. Que interessa se não me fizer compreender! Quem há aí capaz de intuir um outro? De se colocar na pele real de um outro? Ninguém. E ainda bem, já agora devo acrescentar. A miséria humana seria mil vezes pior se tivéssemos que sofrer as dores dos outros. As nossas já nos bastam. Partilhar, partilhemos a alegria, quando a houver ingente.

Não é fácil ser-se fácil, ser-se alegre ou feliz quando o corpo nos abandona à suspeita intuitiva de que algo está errado, um mal-estar, uma tontura, uma vertigem: cai-nos a realidade como uma bomba, o homem é mortal, e todo o prazer que se auferiu num mês de férias se desvaneceu como poeira, ou menos do que isso, um esquecimento triste e esqualido. Não, não é fácil ser-se fácil, o que quer que se queira dizer com isso. E agora? Agora nada mais me resta que viver nesta ansiedade, esperando, desesperando. Vou morrer? Vou continuar vivo? Quem sabe? Eu não tenho coragem de consultar mais médicos. De que doença lhes falaria? Que sintomas são estes? Senhor Doutor, tenho a impressão que vou desmaiar. Ou melhor, que vou cair redondo no chão no minuto seguinte. Isto é, agora. Que me vou apagar, lâmpada que chegou ao fim. Assim de repente. Não, o que sinto não tem crédito em nenhuma praça, em nenhum consultório. O próprio médico diria, vá se tratar! Que mais tenho feito na vida? Não, é como digo, não é fácil ser-se fácil, ser-se feliz, ou alegre. O corpo não me dá descanso. Não me dá paz. Um mês e meio sem problemas, e depois, isto. É claro que vão dizer, tudo isso é psicossomático, não relacionas o acontecimento com o facto das aulas estarem a começar? Não, não relaciono. Pois fazes mal, será a resposta de quem tem sempre uma resposta para tudo, a pessoa que aprende com a experiência. Passaram os anos, envelheci, e nada aprendi. Devo ser mesmo destituído de inteligência. Ou, já agora, muito covarde, para ficar neste estado todas as vezes que o meu corpo deixa de ser meu.

E quando estou assim, fora de mim, ou sem mim,
 não me apetece fazer nada, como se ser
 não tivesse apoio na realidade, como se viver
 estivesse fora de causa, uma desrazoável
 manifestação do acaso que acontece por acaso.
 Como se eu próprio fosse mitridaticamente
 tautológico, uma incapacidade ontológica feita
 ou desfeita em aparições de absurdos ecos
 conscientes de não terem tido origem numa voz.
 Meu corpo é uma obscenidade carnal, gorda
 presença de um textura onde o sangue percorre
 escaninhos tolhidos pela insegurança nodal
 dos nervos, esta intrusão de um enjoo metafísico
 incorporando-se no nojo da fisicalidade nua.
 Estar a mais é a sensação, o sentimento, a fuga
 que não se realiza. Ver o redor não é ver.
 Sentir deixa de ser percebido como uma verdade.
 Há palavras que giram perto do evento:
 Horror, temor, monstruosidade. Mas não deixam
 de ser vagas e piedosas catacreses. Há
 quem possa pensar que exagero. Não gostaria
 que estivessem no meu lugar. Sei que há
 muito sofrimento sobre a terra, o meu basta-me.
 Deixa-me de rastos na eclosão da língua
 como se não a soubesse escrever ou a tivesse
 perdido, uma agramaticalidade tão feroz
 que não aceita nenhum símbolo nem nenhuma
 escola. Já não faço mais perguntas. Olho
 para o tecto da sala e o branco que me desafia
 devolve-me branco como uma folha vazia.
 Já fui sem dúvida um homem. Já escrevi outros
 textos mais amáveis. A realidade também
 já foi mais amorosa. Onde estou é uma tortura
 ominosa, um medo desmedido, um espaço
 e um tempo onde nenhum corpo, por mais parecido
 que seja do meu, pode ser realmente meu.

Uma tristeza intestinal mergulha meus sentidos
na insensibilidade do mundo, uma indiferença infeliz
acompanha-me pelos passos que dou pela casa,
sonâmbulo de outras realidades, morto-vivo vivendo
horas de uma amargura extrema e coetânea.

Um sono futuro fere-me as entranhas, as pálpebras
sentindo um peso excruciante, hiante de mim
mesmo não procuro em mim próprio as razões óbvias
do desastre, desistência é um conceito actual
que irrompe como se fosse uma necessidade realista.

Minha vida jaz juncada de empecilhos na essa
imponderável de um fugidio pensamento, que fazer?

Como reganhar a alegria, a coragem? Não ter
medo do medo, disse a mim próprio tantas vezes, não
valeu de nada. Quando chega o momento fatal
da crise, a crise explode, explora em mim quem sou
como quem não sou, deixando-me devastado
por terra como um escravo que não sabe morrer.

Olho pela portada o pinhal vizinho, vejo o voo
de algumas rolas saindo do frémito verde das copas,
distraio-me na contemplação de um alcance.

Mas eu mesmo sou para mim mesmo inalcançável.

Não consigo rodear-me de uma racionalidade,
ao menor percalço dos desarranjos do corpo ajo tal
criança que não está afeita à sua natureza de ser
terrestre. Nunca me senti um anjo. Nunca senti haver
em mim uma mensagem ou uma missão. Quis só
poder viver uma plenitude, inebriado pela promessa
contida nessa palavra. Qual plenitude, qual dádiva!
A vida é só um enigma, um acontecimento arbitrário.

Nasce-se por acaso e morre-se quando tiver
que ser. Valerá a pena estar eu aqui a sofrer? Não,
digo-me, passemos a outra coisa, mas o corpo
persiste em permanecer neste estado lamentável.

Prisioneiro de quem não sou, sou apenas o auge
de um destroço naufragado no abuso da hipérbole.

E no entanto o sol, se não faz tudo para me animar, que o sol não é uma pessoa, já brilha na manhã trazendo as coisas da terra e do mundo até mim, como tantas vezes o fez em dias melhores. Sinto quase como uma traição não estar alegre e aberto aos acontecimentos do dia, como se um remorso mordesse minha consciência de homem sensível.

Um silêncio benfazejo varre a casa, anima-te, anima-te, exorto-me intimamente, mas como, quando não se possui mais alma? Perdeu-se ao longo dos séculos certos predicados, certas faculdades, o homem ocidental não é mais o que foi, despiu-se de muita canga, da ilusão da ilusão, da redundância, vestiu-se da relutância em ser o que a ciência não pode comprovar.

Mais rico? Mais pobre? Há certas matérias de difícil decisão. Só sei que eu já não estaria vivo sem o recurso a remédios. Mas a pergunta deverá ser feita: E valerá a pena viver assim?

O que há de *bem* na vida? O que há de *bom* na vida? O que é que nos faz desejar sobreviver a todo o custo? O engodo biológico, genético? Como se fôssemos apenas material programado?

E não é isso, traduzido para as línguas antigas, a velha alma? Ignoro o que é a vida tal como ignoro o que é a morte, que sei eu de mim mesmo? Há alguma identidade que me identifique? Onde? Às vezes. Às vezes sinto que a vida foi mentira, que o homem que fui foi um engano mítico, que só o acaso e a contingência e a história poderão explicar factos e factores que, tendo ocorrido e existido, não se deixam explicar como outras alternativas a outros acontecimentos possíveis, mas que não tiveram um lugar para a existência. Não que o eu seja um outro. Mas é apenas a ínfima parte do que poderia ser se fosse outra coisa.

Sentado numa outra espreguiçadeira, que a minha favorita partiu-se este Verão, olhando para o céu percorrido de nuvens brancas e rápidas, não posso deixar de sentir que o Outono se aproxima, não sei se a passos largos ou estreitos. A luminosidade de Setembro não me engana.

O terreno está completamente transformado. Graças ao trabalho de uma retroescavadora, que veio no sábado passado, tudo agora é terra visível, é chão, e alguns montes de vegetação que terão de ser sacrificados no fogo de umas queimadas civilizadas. Sim, como diriam os nossos antepassados, a terra foi emundada, só ignoro se em seu lugar ficou algum mundo à espera de ser cultivado. O futuro o dirá. Vi coelhos que saíam apressados das suas tocas, vi uma cobra esmagada pelos pneus da escavadora. Vi tufos de canas arrancados num estrépito ensurdecedor, vi também árvores com mais de dez anos tentarem resistir em vão à força da eficiente máquina.

Agora, só depois das primeiras chuvas, uma outra máquina poderá terminar o trabalho. Gadanhar o terreno, como disse o senhor. Sentado na espreguiçadeira de tela vermelha, penso absorto, tão cedo não terei que ouvir minha mulher. Seus desejos estão satisfeitos. Curioso, há pessoas que gostam de tudo muito limpinho e nítido. Até a natureza tem que obedecer a esse padrão. Acontece o mesmo no Japão. Noutras partes do globo. O fascinante domínio do homem sobre as coisas. Que se têm que moldar à ideia que delas fazem. Estará bem? Estará mal?

Feitios. Eu fui sempre mais do género selvagem, até procurei inserir uma teoria na minha estética contemplando a aparente antinomia entre o selvagem e o extraterrestre. Mais tarde li em Charles Olson que «o futuro era ou seria o nosso passado mais remoto.» Vi nessa afirmação uma coincidência. O que eu não vi ao longo da vida! Mas se quisesse falar do que pressenti ou intuí ao longo dos anos, não haveria livros que chegassem. Cada minuto cada sensação, uma memória de um presente achado.

Não sei se espero ou se sou esperado. Não sei que ignorância é esta. A frase irrompeu claro na consciência e nada mais faço que averbá-la. Não é meu desejo interpretá-la. Deixo-a língua anônima como quem conhece desde sempre o anonimato. Não sou, nem por sombras, um desvendador de enigmas, sou apenas um homem perpetrando a vida que me resta na réstia de vida em que arfo. Tudo o mais existe e é mundo, concordo, mas nunca quis estabelecer um acordo com a opinião feita. Daí a dificuldade em compreender o quer que seja. A ciência vale pouco como ajuda na vida quotidiana. A experiência não serve de nada. Há quem pense que se é mais sábio por se ser mais velho. É-se só mais fraco. O que se fez foi feito, se não se fez não será mais feito. Vejam o tempo que levo para, com a paciência que não possuo, alinhar estas simples palavras. Quando chego ao fim de cada porisma estou exausto. Farto. Feito em dois, expressão que até faz sentido, embora reconheça que desconheço a sua origem, isto é, a sua razão de ser. Há tanta coisa que, só que, aparentemente, não tem nenhuma razão de ser. E é. Como este meu súbito humor, ou mesmo, já agora, sarcasmo. Mas será possível que seja sarcasmo? Não acredito. Mas como não sou nenhum desvendador de enigmas, ou de textos, fico-me por aqui. Anónimo como uma impossibilidade, alheio como uma alienação, comparando coisas com coisas, estados com estados, eu que sempre detestei a analogia e as suas cruéis armadilhas, eu que sempre procurei pensar como se fosse possível um pensamento liso.

A manhã tem sido calcorreada por vários praticantes do jazz, já por aqui passaram Maceo Parker, Paul Desmond, está agora a prestar saudações Tomasz Stanko, enquanto eu ouço como se estivesse em mim, como se a vida fosse uma coisa normal, um acto da experiência vital.

Sigo paulatino esses sons dos vários instrumentos, mas devo dizer que não me sinto nenhum desses instrumentos.

É contudo um prazer ter acesso à presença dos outros, à surpresa que engendram nas sensações que nos deixam em cada segundo que passa do tempo que passa. Eu passo de peça em peça como dedos felizes pressionando as teclas de um piano, sou um som distinto distinguindo-se no acervo de sonoridades, sucessão de uma harmonia que raramente existe na minha vida como a conheço.

Mas o que predomina na música de Stanko, que agora estou a ouvir, são os instrumentos de sopro: devo confessar, por mais que soprem não consigo detectar nenhum sinal do espírito antigo ou recente, talvez seja minha a falta, talvez seja meu o preconceito, embora não esteja com o pé atrás. Nem à frente. Estou onde estou, devidamente tautológico. Há quem não dê muita importância, no jazz como noutras músicas, ao baixo. É uma aventura, porém, senti-lo pulsando como um coração escondido no centro da melodia, a espinha dorsal de um qualquer texto musical.

Sim, o piano regressou, brinca agora, em arremessos de uma filigrana extrovertida, com o baixo, competição mais do que diálogo, mas não é normal que a música contemporânea reflecta a cultura contemporânea? Jaz entre os meus ouvidos o ouvido, algumas palmas dão-me a entender que este número é *live*, daí uma certa excitação.

É a vez do baixo expor as suas razões, ignoro se há raciocínio no que afirma ou pondera ou explicita, há sem dúvida esta agilidade mental mentalizando-se firme para dar do tempo o seu imbricado sonoro. Ágil em mim mesmo compreendo a acção da música como a grande possibilidade de acção que assiste a toda a humanidade.

Depois da primeira chuva de ontem, o primeiro frio de hoje, embora este *primeiro* não denote ou inculque nenhuma origem ou começo. As estações seguem os seus ciclos. Com ou sem acidentes de percurso. Lá fora jaz uma pira que só não é funerária porque, primeiro, ninguém morreu na família, nem se usam piras nesta região do globo. Era o primeiro monte de lixo a ser eliminado, através de uma queimada, dos muitos que ficaram espalhados pelo terreno como minúsculas e informes pirâmides, mas cujo processo de combustão foi interrompido pela vinda da Guarda Republicana. O tempo das queimadas só começa em Outubro, e é preciso autorização para efectuá-las. Como estavam numa campanha pedagógica, não fui multado.

Lá tive que lançar a água da mangueira sobre a fogueira que mal ardia exposta à água da chuva. E é assim, leis são leis, e são para serem cumpridas. Vejo daqui um amontoado de canas chamuscadas lançando um fumo branco cujo sentido ou significado me escapa de todo. Verdade que não sei ler os sinais. Verdade que tive sorte por não pagar a multa. Tudo se passa como se houvesse uma realidade, um mundo, ou melhor, como se homens vivessem em sociedade e nós, que somos os homens que vivem em sociedade, estivéssemos seguros de ser homens e de saber o que é uma sociedade. Não há, aparentemente, motivos para ambiguidades. Tudo é claro. Como a água. Como a água que desceu dos céus em forma de chuva e como a água que lancei da mangueira.

Só a pira funerária não é uma pira funerária. O que é pois isto que se mistura com a realidade? Que ligação existe entre a pira funerária inexistente e os dois Guardas Republicanos que estiveram aqui? Pergunta momentosa. Não porque tenha irrompido neste momento, mas porque persiste ctónica há muito nas entrelinhas de alguma meditação extemporânea. Acho que é tempo de permitir aos leitores que me conhecem a resposta. Ou até aos que pela primeira vez me encontram. Não tenham receio de se enganarem. Afinal o que andamos todos a fazer aqui? A errar num caminho porético, avançando e recuando, certos de que por fim só o fim nos encontrará.

Passeios à volta da piscina, como se à volta do quarto, o sol aquecendo o corpo, mas o Verão deu o que tinha a dar. É tempo de regressar ao apartamento. O campo no Inverno deixa-me deprimido, prefiro mil vezes sentir as ruas da cidade, ou das povoações suburbanas. Gente, no Inverno, é para a minha sensibilidade como árvores no campo. E não ficam imóveis, o que é uma vantagem. E depois o apartamento perde estas dimensões, espaço próprio para arejar o calor, ficando nos seus escaninhos mais *cosy*, delimitando a acção do frio, abrigando-nos da ventania que sopra como se tivesse que determinar a sua presença ou cumprir uma missão. Até a música que retine aos ouvidos parece outra, ou a aparelhagem não fosse muito melhor. É claro que não terei este azul aquático onde possa meditar uma existência meditativa,

é claro que não poderei fazer estes passeios à volta da volta, outro modo para dizer a mim mesmo, é claro, mas na vida não se pode ter tudo. Nem terei este calor do sol nos meus ombros, mão amiga de velho amigo, é verdade, mas há tantas verdades que nos escapam, há tantas verdades que não nos são compreensíveis. Não vale a pena dramatizar a situação. Afinal esta casa só dista dez quilómetros do apartamento. Eu sei que para um preguiçoso e um comodista dez quilómetros pode ser uma eternidade. Confundi o espaço com o tempo, fi-lo por acaso, ou este percalço traz água no bico? É preciso desconfiar-se destes deslizos. Eu próprio estou um pouco perplexo com o acontecido. Que estarei, já agora, a querer dizer? Nada de relevante? Talvez. Eu que fui educado para ler os outros e dei disso esparsas provas, tenho a obrigação de me saber ler. Desde já o digo, não é fácil. Primeiro, porque o homem sempre foi um mistério. Segundo, porque a língua extroverte em vez de convergir para um ponto. Uma língua sobre a realidade de um homem é como um fogo de artifício explodindo na abertura do céu em todas as direcções.

Wolfgang Rihm tenta, com algumas das suas peças, despertar-me nesta manhã chuvosa, não sei se conseguirá.

O tempo está para se fechar os olhos e deixar o mundo ser o que quiser, até o seu contrário, se isso for possível. Não vivo eu de impossíveis? Tenho contado com as guinadas acutilantes de um violino violento, mas agora tudo mudou, até ouço vozes, de mulher cantando, de um homem recitando palavras numa língua muito próxima da nossa: o italiano? Cantar é uma maneira de dizer. Melhor dizer que pessoas indefinidas soltam a sua voz, e o paralelismo é evidente com a indefinição deste tempo, embora lá fora não haja vento nem rajadas, antes uma morrinha que cai silenciosa de um céu plúmbeo como quando era viável esse adjetivo. Que faço eu aqui? Pergunta inútil. Eu vivo. Aqui ou ali, teria que estar em algum lugar. Ouvindo ou não música. Alguma história deve estar a ser contada, mas não percebo. Não estou interessado em histórias, de qualquer maneira. Estou mais desperto? Devo estar, já que escrevo palavras sobre o écran do monitor, mas o peso sobre as pálpebras não é menor. Estou a ter algum prazer? Não saberia responder. Infelizmente não conheço o nome desta peça, só posso confirmar que estas gentes barafustam, não devem estar muito contentes. Também não admira, quem neste mundo tem razões para andar bem disposto? Poucos. Alguns privilegiados. A grande maioria da humanidade labuta para sobreviver, o ocidente, mesmo assim, não se pode queixar se comparado com as outras regiões do globo. Histórias. A arte de não dizer nada. De não provar nada. De não ser nada. Alegorias inclassificáveis do interdito ditas para o entretenimento das massas. É assim, sempre foi possivelmente assim, e eu que queria apenas ouvir música tenho que aturar esta ópera ignava. A ironia do destino, porém, para quem sempre foi sensível à voz humana. A terra talvez fosse mais interessante sem estes ruídos poluentes. E tenho a certeza que não deixaria de haver uma música para ouvidos desumanos!

Definitivamente, não estou em mim.
Mas se não estou em mim, em quem estarei?
Poderei estar onde não há quem?
Onde só há um quê? Isto que sou. Isto, esta
indefinição de que não se pode
falar? Esta coisa, esta forma, esta matéria?
Um silêncio que não me pertence
pervaga por onde não sou, soa quase à vida
de um fora que se faz dentro e dói
na invasão e intrusão que comanda a hora
de uma estranha despedida: ser é
uma incompreensão, não-ser a identidade
precária do que não acha espelho
nem possibilidade de uma memória factível.
Que quê é este que me arrasta
e absorve num tumulto abafado e erodente,
que inorgânico pretende deslocar
a sua existência para o que foi um eu ígneo?
Haverá morte onde não há haver?
Uma premonição, uma intimação? Ou é só
um lapso que dura na adurente
metamorfose do tempo, monstruosidade
tal que a própria língua não ousa
sequer lidar com a realidade do evento?
Como regressar a mim? Com ser
quem nunca mais serei, se o tempo passa
pelo tempo e não permite a ninguém
recuperar o que foi perdido? Que cicatriz
do hiato merecerá uma pausa ultriz
na história de um percalço que nunca quis
ser história? Definitivamente estou
fora de quem sou, como se nunca tivesse
havido ser no que houve de parecer
e que apareceu como um eu: haverá já
alguém capaz de me aceitar na visita
que lhe fizer? Quem desejará ser ninguém?

Com Corey Harris regresso ao *blues*, ao sol que entretanto surpreendeu a chuva despropositada, aos sons do meu berço ideológico. Tanto que fazer!

Portões para serem pintados, que ninguém diga que sou um inútil, mesmo que seja um inútil!

Ah, estas vozes negras e estes ritmos, esta, como dizer sem fazer rir as gentes, esta pátria, este solo, este sol, este sal, este sul, disse-o já tantas vezes, como poder resistir ao encanto? Não posso. Oito anos dos Estados Unidos foram oitenta anos de experiência vivida no sentimento de uma escolha, quem pode prever os meandros do destino? Ninguém. Não me vale de nada negar o que é óbvio. O verdadeiro nascimento que me foi dado conceber como uma dádiva ocorreu nesses horizontes acústicos e humanos e culturais, tudo o mais tem sido apenas imposição histórica de que dificilmente posso escapar ou fugir.

Não estou a queixar-me. Faço apenas realçar a diferença entre uma dádiva e uma imposição.

Para que as pessoas compreendam. Às vezes não é fácil, dados os preconceitos nesta matéria. O fado nacional não me diz nada. Ou só o nada em que se diz e canta. Mas há razões para isso. Não sou um fatalista. Quanto ao destino, todas as vezes que emprego essa palavra, referindo-se ao seu respectivo conceito, como o fiz ainda há pouco, faz-me suores frios. Que culpa tenho eu? Cada um tem as suas ilusões. Que as minhas não sejam propriamente autóctones, não deve ser motivo de admiração, sobretudo para um povo que fez do bacalhau o seu prato nacional. Onde se encontra esse peixe nas suas costas? Sim, muitas vezes temos que percorrer quilómetros e quilómetros para chegarmos de onde, no fundo, nunca partimos. A vida prega-nos estas partidas.

Regressado ao apartamento, poderei dizer que na vida há verdadeiros regressos? Não. O regresso, como diria um filme mais ou menos popular, é sempre ao futuro, ou, pelo menos, ao presente: estou pois neste espaço vital que reconheço como um homem que se desprende do tempo ou da pele como certos animais, tudo o mais é o retomar de rotinas: cedo na manhã, diante da serra minúscula perdida em nevoeiros obscuros, procuro não me deixar obnubilar pela desrazão do tempo, pela ironia da voraz passagem. Possa eu sempre passar daqui para ali indo sempre em frente, mesmo quando a frente é na realidade um voltar atrás. O paradoxo, se existe, deve ser vivido com uma certa generosidade, mas não tenhamos ilusões, a frente só trará uma paisagem.

Que me abstenho de mencionar, de tão repetida nestes porismas que alinhavo ao longo dos dias, ao longo das minuciosas horas onde me exponho ao ser do tempo, se tal coisa existe, o que duvido, confesso.

A manhã não está para confissões, estará, já agora, para alguma coisa? Tem, obviamente, que estar.

O que é ser-se senão ser-se? Um pouco aflito com o explicitado tão abruptamente, continuo como se não tivesse dito nenhum disparate, tautológico ainda por cima, perguntando a mim próprio como seria se fosse *ainda por baixo*. Quais as consequências que daí poderiam advir. Nunca se sabe. Esta ignorância mata, é fatal. Destrói, em certo sentido, o raro sentido das coisas, a relação que mantemos com o real.

O real não é nenhuma abstracção. É, comparando, o alto muro que me devolve a voz num eco, e a esse eco eu chamo a realidade. Qual a realidade de mim? Não vou fazer filosofia ou psicologia agora. Vou observar as cores que o sol incendia nas coisas móveis ou imóveis em que toca, perdido numa divagação fértil em que o pensamento quase que se sente seduzido.

Tão cedo que nada há a dizer. Não porque haja uma objecção metafísica, mas não é assim tão verdade que o dizer diz. Só diz quando inserido num mundo. Não há, de tão cedo, mundo. Apenas há um esboço de madrugada madrugada displicentemente em formas enevoadas e quase disformes, como se a apatia fosse também uma possibilidade material do universo das coisas. A pouca luz que existe está desfocada, não se vê ninguém na paisagem urbana, uma impressão de humidade insinua-se consciência como se quisesse preencher um lugar vazio. Ignoro se terá razão. Mas não se deve ser tão pessimista. Que dizer pois do dito dizer? Que é pura mistificação filosófica? Quem sabe verdadeiramente o que se passa pela cabeça dos pensadores? Ficarão apenas discursos, argumentos, palavras, isso serve de alguma coisa para se traduzir uma ideia ou exprimir um sentimento? O círculo é muitas vezes vicioso. Nem sempre, infelizmente, pode ser hermenêutico. Saberá dizer se estou dentro ou fora desse círculo? Sei apenas que a manhã não balbucia porque não é uma criança, incoativa de si mesma vai deixando o sol fazer o que tem a fazer: crescer no céu e incendiar a terra com os seus invisíveis raios de uma luz que ninguém pode ver. Essa é a tragédia. Viver-se em plena eclosão da luz a cegueira que nos acompanha como se fosse a coisa mais natural do mundo. É esse o mistério que não aceita ser mais mistério. Mas enquanto o homem for homem há que contar com a contradição. Assim como com o mundo das trevas contrapondo-se ao mundo da luz: tudo muda, nada muda.

Há precisamente um ano escrevia:
«Surpreende-me, surpreende-me!»
Estou surpreendido por não ter acabado
o livro na data prevista? Não.
Mas estou triste. Alguém disse,
um filósofo de basta fama:
«As promessas são para não serem
cumpridas.» Não concordo.
Mas é toda a diferença entre
um simples escrevedor desconhecido
e um filósofo célebre, já falecido.
A vida é assim. Não sabem
quanto fico irritado quando ejaculo
tais disparates! Estes disparates
nada têm que ver com aquele
que titula este livro. Que se quer
justamente mais estético, mais,
se possível, porético, já agora.
A vida não é nada assim. A vida...
desculpem, mas não vou falar da vida,
pois nada teria a dizer. Sim, sim,
o tal esquelético vazio apossa-se,
não da memória, mas do pensamento,
é preferível recuar a tempo, não
dizer muitas asneiras. Poderia,
quando penso nisso, preencher
tantas páginas deste livro com o vazio
que preenche actualmente tantos
livros de poesia, e ninguém daria
por isso, porque ao verem palavras
pensam que as palavras estão
a dizer alguma coisa, e a maior parte
do tempo não estão a dizer nada,
nem sequer o tempo, muito menos
o nada. Agora contemporizando
e triste repito: A vida é assim.

Dois dias perdidos com o computador perdido,
querendo escrever e não podendo escrever,
sem saber como resolver o problema.
Minha mulher indicou-me o caminho.
Segui-o. Estou a escrever. O que seria
de mim sem os outros? Família e amigos?
Nada. Por mais genial que me possa
pensar. Sendo um bipolar, penso-o
algumas vezes, tantas quantas as vezes
em que me sinto completamente medíocre.
Não há, infelizmente, meia medida. Há
os remédios que tomo para manter
o equilíbrio, mas o equilíbrio é sempre
mais ou menos instável. Ninguém foge
ao seu destino, dizia-se outrora. Como se
diz agora? Ninguém foge ao seu código
genético? Assim ou assado sofre-se,
passa-se por algumas alegrias, a vida
não dura mais do que o tempo de vida,
há verdades que são perfeitamente inúteis.
Ou redundantes. Redunda em quê, ébrio,
este raciocínio? Para dizer a verdade,
em nada. O discurso contemporâneo,
por ser contemporâneo de si mesmo,
é tão fugaz que se perde no atroz vazio
do silêncio a ser preenchido ou colmatado
por outros e novos discursos, valerá
a pena fazer parte da máquina devoradora?
Fingir que se faz parte da cultura? Cultos
é o que a população ignorante exige,
ícones, figuras, virtualidades capazes
de viverem num plano onde os seus sonhos
nada mais alcançam que o sonho passivo.
Mexer o dedo para quê, quando se pode
estar refastelado no sofá, depois de um dia
de trabalho, a ver a vida letal passar?

Não posso dizer que o dia não é o dia,
poderei dizer com tanta verdade que eu sou eu?

A manhã começou com uma música aflita,
estranhamento absorto numa parte de mim
que desconheço ou que me ignora pensei estar
a viver mais um dia, estou a viver mais um dia,
mas qualquer coisa se passa que não passa
pela consciência como coisa ou consciência,
um não sei quê que me transborda ou extravasa,
uma ignorância do ser, uma sua ausência,
se, é claro, isso for possível. Eu não tenho
interesse nenhum em acreditar no que estou
a escrever e a sentir, pelo contrário, contentar-me-ia
em relatar a manhã no seu sol pontual e na luz
que brilha como se tudo estivesse normal.

Há sensações que ultrapassam e devassam
o sentido do sentimento, que parecem não vir
de quem se é, deste corpo e destes sentidos,
como se algumas vezes fôssemos possuídos
por uma natureza alienante, por uma outridade
extemporânea, e então dificilmente reconhecemos
a terra que habitamos e o mundo onde vivemos.

E a pessoa que somos. Ou deveríamos ser.

Estou tão fora de mim que até o êxtase
é impossível, tento neste ínstase meditar
os acontecimentos que ocorrem, será capaz
a língua de dar um pouco que seja dos meandros
complexos onde uma raciocinação se perde
para achar um porto de abrigo? Ou, pelo menos,
uma porta para o outro lado do que não tem lados
e é só realidade? Às vezes pergunto-me se sou
ou se consigo ser bem explícito no implícito
do dito que se extrai ao dizer, mas haverá
alguma contiguidade entre o dizer e o viver?
Não posso dizer que a manhã não se fez manhã,
poderei dizer que eu me fiz claro como a luz?

Há coisas que não se contentam em ser coisas,
exigem de nós um espaço em nós,
uma parte do ser que nos entretece na senda
do estar sendo, deixando-nos tantas
vezes em estados de uma perplexidade vazia
ou esplenética, sem saber o que fazer,
como agir, despossuídos das características
que caracterizam os seres humanos.

Há coisas terríveis. Eu evito falar delas, logo,
de deixá-las escritas em livros mais
ou menos contemporâneos, porque a sensação
muitas vezes é de que essas coisas
não são de hoje, ora pertencem a um passado
remoto e completamente passado,
ora pertencerão a um futuro que se precipitou
na idade presente sem ter recebido
um convite formal, pura invasão da inexistência.

A inexistência, tanto do que já foi,
como do que há-de ser, possui uma energia rara,
procura a todo o custo ser mundo,
aproveitando-se daqueles mais fracos (outrora
considerados os mais sensíveis)
para irromper sem ordem nem consistência,
numa anarquia confusa de vozes
que invariavelmente não são compreendidas,
ou porque as falas foram esquecidas,
ou porque as proferições nunca foram ouvidas.

Uma chatice. Porque eu que não tenho
nada a ver com isso, que ficaria muito contente
só por ver o sol iluminando a terra
renovada em suas paisagens cíclicas e sazonais,
acho-me muitas vezes vítima do som
inaudito que me arvora a delírios intempestivos,
arauto realista de coisa nenhuma
debitando em balbucios e palalógicas incipientes
apogeus de uma emergência fática.

193.

AUTOCENSURADO

28/10/2006

E no entanto sinto que o livro se rebela contra mim, havia uma contrato, duzentos textos a serem produzidos, e eu estou a faltar ao prometido. Que se importa o livro com o que se passa comigo? Mas falar de quê?

Da terra e do mundo? Desta manhã de Outono, o sol ainda um pouco frio, depois de tantos dias de chuvadas? «Inventa», não ouço, porque sou realista, a voz invectiva que me lança, «inventa». «Faz das tripas coração. Faz do que é qualquer coisa que possa ser sentida, traduz, transluz em palavras uma verdade que te transcenda».

Não consigo inventar nada. Não porque seja dado a niilismos, mas a realidade que me cerca, se não é um cerco, e não o é, está silenciosa como uma brisa que não sabe de onde vem nem para onde vai, antes desliza sem uma razão descortinável, tentando todas as direcções, até se poder apaziguar. Também eu, já agora, preciso de me apaziguar, minha natureza rodopia como se houvesse em mim lavas de um fogo nefasto, que o tempo passe pelo tempo e no tempo deslasse esta ferida, esta mágoa, este trauma. Tanto verde visto pela portada, estou vivo. Quero viver. Estupidamente, lembro-me de Hölderlin, eu que não fui capaz de lê-lo, e muito menos de o compreender. Mas alguma coisa se teria passado entre nós? Algo que não tivesse nada a ver com a inteligência estética, com o compromisso histórico? Haverá vidas que se comprazem em destinos? Exprimi-me mal. Vou deixar este mal infectar a língua em que escrevo e que me escreve, mas não consigo deixar de tentar uma nova reformulação: haverá, acaso, destinos que têm mais do que uma vida? Ou melhor ainda, será que um único destino poderá ser vivido por várias vidas? O verde da estação alastra, natureza, a palavra, compreendo-a? Difícil, depois da companhia de Caeiro. Tenho afinal tantos amigos. Com eles sou o que escrevo, uma amizade sem fronteiras no tempo e no espaço, talvez a última das ilusões que restam.

Talvez seja demasiado cedo. Mas a hora, burocrática, mudou esta noite. Logo, o que parece ser não é o que é ou foi ou tem sido, os sentidos têm agora que se adaptar ao Inverno. Eu tenho que me adaptar à nova vida. Dizem que a vida é assim. Eu nunca soube o que era a vida. Sempre me senti, de uma maneira ou de outra, mesmo amando a terra, estrangeiro.

Ignoro porquê. Inventei histórias que me dessem e sustentassem uma explicação, espalhei-as em livros, mas são só histórias. Não sei se nelas há alguma verdade.

Porque não sei mesmo se há verdade. A existência é demasiado complicada para se contentar com a feliz expressão de uma ideia ou de um conceito. Coisas acontecem num torvelinho de coisas, as contingências onde estamos mergulhados, e tudo o mais é história.

Isto é, paleio de chacha. Maneiras mais ou menos interesseiras de se resolver os problemas que temos em mão. Qual o meu problema? Ter descoberto tão tardiamente que não há companhia para a solidão.

Nem estratégias do amor. Há só egos, como já escrevi uma vez, se bem me lembro, apostados em ser egos, concedendo em políticas da afectividade limites: este é o meu espaço, aí poderás respirar o teu bem.

O verdadeiro amor é sacrifício e renúncia. Difícil nos tempos que correm. Ou uma estratégia afectiva contra um inimigo tão poderosamente cultural, social e civilizacional que nos obriga a esquecer nossos egos.

Conclusão: só a necessidade gera um efectivo amor. Tudo o mais são, como na economia em geral, interesses.

Resta-me, digo-o e escrevo-o sinceramente, ironia à parte, pensar que estou a ver mal, que os meus argumentos não são verosímeis, enfim, que não tenho razão. Seria tão bom deixar uma nota de esperança nesta manhã de um dia que vai ser, espero, tão belo como o de ontem. Não quero fazer do pessimismo a minha especialidade. Mas a experiência importa-se pouco com o nosso querer.

Dedico-me agora às coisas caseiras, o que não é novidade nenhuma para mim. Paris, Londres, Goa e New Bedford irrompem em cada gesto que perpetro quando faço uma máquina de roupa ou preparo a minha comida. Para não falar da cama que tive de fazer, com, surpresa, os mesmos lençóis que comprei nos Estados Unidos.

Só estranho, estando a passar o fim de semana na casa de campo, que a música não me apeteça, já que no apartamento o que mais há é música todo o dia.

Não preciso de silêncio para reflectir, porque não há nada para reflectir. É antes o desejo esdrúxulo de querer sentir as coisas na sua coisidade álala e tímida, como se eu próprio me tivesse, em certo sentido, transformado em coisa, para não dizer, *carrément*, num objecto.

Olhos que perdi nas canas esvoaçando ontem à tarde, o vizinho, da minha idade, labutando num frenesi quase bíblico a sua terra, usando uma mota escavadora, falando-me dos ares da região como insubstituíveis.

Sorri. Não sei nada dele, ou o que sei resume-se a duas ou três coisas, mas parece-me um homem feliz. Devo dizer, é uma felicidade ver-se um homem feliz. Sente-se mesmo um contágio, algo passa ou passou naquelas palavras tão simplesmente proferidas, e no entanto não estava nem de longe num oráculo antigo nem diante de uma sibila. Ou estaria, mas na sua versão coeva?

O que sabemos do tempo? Do mistério? Da vida? Do ser?

Eu já sei que estou a repetir os disparates habituais, mas que mais há a fazer? Não se pode voltar atrás.

O tempo não o permite. Nascer e morrer, é a lengalenga.

Não há saída. E mesmo que houvesse, seria sensato escolher-se um outro paradigma, um outro existencial modelo? Não é que a natureza esteja bem feita, nós é que somos feitos de e para a natureza. Sim, dono de casa, doméstico, não procuro domesticar os meus pensamentos, deixo-os pousar levemente nestas folhas como folhas outonais caindo docemente sobre o chão molhado de vida.

Não, a tarde não é como a de ontem, nuvens coalhadas num branco difuso fazem-se céu com a naturalidade de quem não cumpre nenhuma promessa. Algumas vezes um sol célere reverbera no ar como se soubesse da minha existência esquecida, mas, definitivamente, quer no calor, quer no aspecto que a intuição nos oferece, esta tarde não se aproxima em nada da tarde de ontem. Tanto pior. Tenho passado o tempo a reler, embora, dada a falta de memória, deveria antes dizer, a ler, *O Diário do sedutor*, de Kierkegaard, esse velhíssimo amigo, vindo-me à mente, ignoro porquê tal associação de ideias, esse outro ainda mais longínquo amigo, o Marquês de Sade. Vejo neles, assim muito estupidamente, dois estados e duas atitudes históricas da mesma coisa. Só não sei qual é essa coisa. Ou talvez saiba e não queira ou não possa dizer por impossibilidade cultural e até mesmo pessoal. Não ignoro que acabo de cometer um solecismo, mas já alguém duvida da tonalidade afectiva que sinto por tais entidades linguísticas? Vou lendo este velho diário e penso no que o mundo percorreu de banalidade ou de progresso, escolha quem quiser o substantivo, embora às vezes veja saltitar aquilo que, ainda no tempo do autor, se chamava comumente espírito. Não deixa de ser uma alegria encontrar uma certa maldade num mundo onde o Mal nem sequer sabe ser interpretado pelos vários maldosos e suas incomensuráveis adjacências, de qualquer maneira ainda estou a meio do livro. Deste que escrevo estarei já no seu previsível fim. Não é de um sedutor. E daí! Não é, para ser um pouco kierkegaardiano, interessante ler no primeiro texto deste livro aquele «Surpreende-me»? Verdade que dirigido a mim e não a uma miúda de dezasseis anos, mas isso não significa apenas um outro estado e uma outra atitude, só que agora no começo do século XXI, como se realmente houvesse uma *lignée* encetada por Sade, continuada por Kierkegaard, e tentada agora por mim? É só uma sugestão de leitura. Não é a leitura.

Como diria o outro, não tenham medo de entrar aqui.
 Este porisma está deslocado, pois deveria ter aparecido
 no começo do livro. Nem sair daqui de uma outra
 maneira daquela em que entraram. Não é minha intenção,
 nem nunca o foi, que não sou parvo nenhum, transfigurar
 o real, nem sequer tentar modificar a ilusão ocidental
 de uma identidade, como a do leitor ou a da leitora.
 Mas acontecimentos ocorreram nestas páginas, certas
 experiências tiveram lugar e tempo, muitas vezes
 a língua teve que deixar de ser língua para se inventar
 uma comunicação sem ter que inventar, por isso,
 uma falsa realidade, a realidade da transfiguração
 simplesmente linguística, ou poética, ou o que se quiser.
 Sem dúvida que abundam os disparates nestas paragens,
 as tentativas falhadas, os falhanços da experiência,
 mas tudo teve como origem acontecimentos e factos
 do real, não meras peripetras da imaginação verbal
 ou da outra, a ontológica. Os dias foram vividos dias,
 as horas passaram como horas, os minutos deslizaram
 minutos em palavras que procuraram dar conta
 do que é isto, viver, estar vivo, pertencer
 ao que não nos pertence, a este *mais* que nos figura
 e desfigura numa dança onde sobressai a música.
 Felizmente que há gente insensível, é o que sempre
 me digo, sem desdém algum, sem nenhuma arrogância.
 O que seria do mundo se o mundo fosse outra coisa?
 Todos receiam o que desconhecem. Até a felicidade.
 Por isso muita gente brinca com essa ideia indecorosa,
 achando que só os imbecis poderão acreditar nela.
 Sou um imbecil. Vejam num dicionário qualquer, se
 possível etimológico, as potencialidades do vocábulo.
 Vim ao mundo para destruir este mundo configurando
 um outro mais acessível ao corpo e à consciência,
 e nada mais fiz do que tentar sobreviver alguns anos
 de vida. Há um nome para isto: traição. Só não há
 um tribunal nem um carrasco que me dê o golpe final.

Albert King e Otis Rush cantam pela tarde descabida
You Know My Love, eu ouço-os quase hipnotizado.

Como foi possível ter-se escrito aquela canção,
 e como é possível permanecer por tanto tempo
 nesta obsessão, as vozes e a música tão simples
 efectivando-se nessa maravilha do *blues* passado?

Passado o encantamento ressurjo à tona de mim mesmo,
 não sei se salvo se naufragado se afogado, esperando
 não sucumbir ao futuro próximo que me espera.

O dia, pela mudança da hora, pelo enevoado, parece
 ter escurecido subitamente, ou serão os meus sentidos
 despertos para nuances atmosféricas? Alguma roupa
 ainda não está seca. Esperarei. Ninguém me espera.

Tanta liberdade de acção confunde-me até à dor.
 Não é fácil sobreviver a um hábito, a um calor, não é
 fácil esquecer que se teve uma vida. Sim, mais dia
 menos dia teremos por aí o Inverno. Já anteontem fiz
 a primeira lareira com a lenha deixada do ano passado.

Eles cantam, os *bluesmen*, mal os ouço pelo simples
 facto de estar aqui a escrever, mas ainda consigo
 compreender um : *You don't love me*, tudo o mais
 são guitarras, gritos da alma, ou do seu substituto,
 expressões de um quotidiano onde a humanidade
 se revê na miséria das suas emoções humilhantes.

Nunca mais seremos um outro homem, uma outra
 gente, a dor e o sofrimento estarão sempre lado a lado
 como se fizessem parte da família. Da família não
 vou falar, seria obsceno. Mas também há *blues*
 álares como este que estou agora a ouvir, festas
 de fastos contemporâneos, não dizem que o capital
 é a grande promessa para o futuro? Se fossemos
 a acreditar em tudo o que nos dizem! Para já é
 o que é, um globo dividido entre pobres e ricos, e a falta
 é sempre dos pobres, que, coitados, não sabem, dizem,
 como resolver os seus problemas. A inteligência
 é um enigma que nem a natureza sabe descortinar!

Se pudesse falar de um poético pôr-do-sol,
fá-lo-ia com todo o gosto, mas o cinzento abafado
que se distende pela região não me permite
efusões desse tipo. Tive que acender o candeeiro
que pontifica sobre a secretária, levantei-me
de propósito e vi pela portada que o sol é uma bola
branca tentando não ser eliminada, ou mesmo
emasculada, pelo negrume das nuvens que chupam
os seus raios habitualmente tão fulgentes.

A vida também pode ser assim. Não comento.

O livro, com atrasos milenares, hipérbole
que me assinala como traço estilístico, pois só
passou um dévio mês e dez dias do prazo
para a sua finalização, finda-se talvez como esse
sol corroído pelas nuvens obscurecidas,
mas não me parece que seja uma boa comparação.

Melhor dizer que tudo correu afinal bem, ou,
pelo menos, humanos que somos, dentro dos limites
que se podem estabelecer às realizações ditas
justamente humanas. Ignoro de todo se o adjetivo
humano ainda quer dizer alguma coisa na sociedade
onde se vive. Mas é um outro problema. Aliás
este livro está mesmo a precisar de ser
lido sob a alçada de uma «estética do problema»,
há muito concebida em terras americanas.

O que se perde por esse mundo fora! Não, não
vou escrever, só para pensarem que domino
os meandros da minha língua, «afora», afinal
já ninguém fala assim. Se há vocábulos,
neste como noutros livros meus, que realmente
são desconhecidos do grande público,
é porque trazem novidade e uma descoberta
da percepção, não se trata de espantar
muito simbolistamente o burguês que já nem
existe. É no que está a começar a existir
que eu perco a minha vida escrevendo livros.

LIVRO ESCRITO EM SINTRA, PORTUGAL